



Vivianne Fair

# A CAÇADORA

Sussurro das sombras

Editora  
Draco

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





A caçadora

Sussurro das Sombras

Vivianne Fair

a  
1ª edição

Editora Draco

São Paulo  
2015

## **Vivianne Fair**

(conhecida também por chefe) é carioca, trabalha com ilustrações para o Brasil e o mundo e mora atualmente em Brasília com seu filho, um crítico ferrenho de suas obras, mas que ela ama com toda certeza.

BLOG [www.recantodachefa.com.br](http://www.recantodachefa.com.br)

© 2015 by Vivianne Fair



*Publisher:* Erick Santos Cardoso

*Edição:* Albarus Andreos

*Produção editorial:* Janaina Chervezan

*Arte e capa:* Ericksama, Tanko Chan (arte final) e Vivianne Fair (lápiz e cores)

*Ilustrações:* Vivianne Fair

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

F 163

Fair, Vivianne

A caçadora : Sussurro das Sombras / Vivianne Fair. – São Paulo : Draco, 2015.

ISBN 978-85-8243-017-0

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5



1ª edição, 2015

Editora Draco  
R. César Beccaria, 27 — casa 1  
Jd. da Glória — São Paulo — SP  
CEP 01547-060  
[editoradraco@gmail.com](mailto:editoradraco@gmail.com)  
[www.editoradraco.com](http://www.editoradraco.com)  
[www.facebook.com/editoradraco](https://www.facebook.com/editoradraco)  
Twitter e Instagram: [@editoradraco](#)

## **Sumário**

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[A caçadora - Sussurro das Sombras](#)

[1 - Romance?](#)

[2 - Ajuda indesejada](#)

[3 - Velhos Amigos](#)

[4 - Um novo paquera](#)

[5 - Sedução](#)

[6 - Primeiro confronto](#)

[7 - Luta de torcida](#)

[8 - Sangue](#)

[9 - Reconquista](#)

[10 - Estranha visita](#)

[11 - Antigos conhecidos](#)

[12 - O beijo](#)

[13 - Escolha](#)

[14 - Agora ou nunca](#)

[Livros da série “A caçadora”](#)

[Notas](#)

A caçadora  
Sussurro das Sombras

1  
Romance?



Para quem não me conhece, sou Jéssica, a mais nova caçadora amadora de vampiros do Conselho. Sim, amadora, confesso. Ruiva, magra, 29 anos... esqueci alguma coisa?

Ah, sim.

Excêntrica.

Estou agora em uma universidade da Pensilvânia. Recentemente recebi a missão de caçar um vampiro chamado Eric, que nunca deu as caras. Então descobri que um outro, chamado Zack, estava no lugar dele, e é lindo, charmoso, sarcástico, pálido e pelo que tudo indica o vampiro mais caçado pelo Conselho. Mamãe – que quer que eu siga a tradição caça-vampiros da família a todo custo e usou de chantagem com roupas chiquérrimas – e papai – que nunca tosse, a não ser quando há um grande problema – ficaram alarmados e disseram que iam mandar ajuda.

Na verdade, dispenso toda ajuda. Isso porque me apaixonei terrivelmente.

O pior é que não desejo ser vampira, de forma alguma, nem Zack deseja isso para mim.

O que significa que ele vai continuar lindo e maravilhoso com o passar dos anos e eu vou ficar mais velha e caquética ao lado dele. Até ele desistir de mim de uma vez.

Eu sei que não faz o menor sentido, mas paixão não costuma fazer, não é? Lembra-se do filme *O Feitiço de Águila*? Ela era um falcão, ele um lobo e os dois se amavam. Certo, no final ambos viravam humanos, mas eles não sabiam do final, então está valendo.

De qualquer forma, desde ontem, quando Zack e eu trocamos nosso longo beijo e assistimos à Sessão da meia noite, nós não nos vimos. Bem, certo, estou sendo pessimista, eu sei que de dia ele não costuma aparecer. Sabe como é, torrar na luz do sol e coisa assim – tenho péssimas lembranças disso. Mas ainda assim, não consigo deixar de pensar o quanto as coisas vão ficar esquisitas entre nós.

Afinal, sou sua caçadora, ele minha vítima, embora eu me sinta mais vítima



do que ele nessas circunstâncias. Pense assim: ele tem 800 anos de idade, sem contar que tem uma galera de vampiros atrás dele. Afinal, ele desistiu de matar faz um ano e parece que isso é um crime na constituição de vampiros, sei lá. O banco de sangue da cidade anda reforçando a segurança. A última vez que ele bebeu, bem... foi meu sangue. E eu não tenho lá um estoque inesgotável.

Tenho realmente medo de que ele vá embora. Eu não duvidaria. Afinal, ele realmente teve a intenção de me matar para – imagine só – me proteger.

Proteger-me de tornar-me vampira, mas ainda assim.

E qual seria a tal ajuda que o Conselho ia mandar? Chega a dar um certo medo. Eu não confio neles totalmente, se é que me entende.

Outro ponto desfavorável é que estou beirando os 30 e ele é muito gato. Esquece todos os caras que você conheceu (ou imaginou) até hoje. Zack nasceu e Deus jogou a forma fora.

E o congelou no tempo.

Não tive muita coragem para aparecer na aula, depois do que eu fiz com a Linda, a popular líder de torcida. Espero que tenham conseguido pôr o nariz dela no lugar, você sabe. E o Rick... bem, espero que um dia ele possa ter filhos. Tão idiotas como ele, pode ser, mas ainda assim.

Mas como sempre as *otakus* (minhas queridas fãs de anime e mangá) vieram ao meu socorro, para me convencer a fazer algo que eu com certeza não ia querer fazer. Ainda me lembro da parte: “Vamos doar nosso sangue para o hospital e salvar o mundo?”

Bateram em minha porta – a costureira batida na madeira – e já estavam lá, com mochilinhas, orelhinhas e sorrisinhos no rosto.

– Vamos, chefe?

Suspirei.

Que diferença ia fazer? Sou uma caçadora de vampiros disfarçada e estou com certeza pouco me lixando em frequentar as aulas da universidade, mas se eu não for com elas terei que inventar uma desculpa que vai consumir pelo menos uma hora da minha vida. Sem contar que Zack até pode vir me atormentar.

Não que eu esteja reclamando disso, claro.

Acompanhei-as até a próxima aula. Biologia.

O professor Charles já estava pronto para começar a aula quando entramos. Toda vez que estou acompanhada de minhas amigas doidinhas não preciso me preocupar com nenhuma bronca. Bem, não com uma grande, de qualquer forma. Toda vez que entramos juntas, e assim que o professor abre a boca para reclamar, elas o chamam de *kawaii* e dão gritinhos. Embora *kawaii* queira dizer fofo em japonês, não faço ideia porque elas fazem isso. O professor Charles não só não é fofo como é completamente antipático.

– Vejo que chegou atrasada pela segunda vez essa semana, senhorita Jéssica.

Para você ver como ele gosta de mim. As *otakus* chegam atrasadas todos os dias. Mas enfim, dei de ombros.

– Olha o lado bom, professor – eu disse, sem pensar – já é sexta-feira.

O professor já estava pronto para falar algo – provavelmente “nota zero em comportamento” – mas Zack adiantou-se.

Ele estava sentado no fundo da sala, perto do local onde eu costumo ficar.

– Toda mulher de destaque tem que chegar um pouco atrasada para uma entrada espetacular, professor.

Tenho certeza que ouvi alguns rosnados das meninas. Os homens lançaram-me uma olhada de cima a baixo, provavelmente querendo saber o que ele tinha visto em mim de tão especial.

Meu palpite é que ele é só metido a engraçadinho.

Procurei sentar em algum lugar longe dele, quase do outro lado da parede, mas ele levantou-se, me seguiu e o cara que estava sentado ao meu lado levantou-se sem que ele pedisse.

Ah, sim, essa é uma outra das características do vampiro que estou encarregada de matar. Todos têm medo dele, inclusive eu, às vezes, admito. Mas não é sexy?

A aula transcorreu como devia ser, claro. Chata, entediante e sem nenhum tipo de ligação com minha profissão.

Não me leve a mal, não tenho nada contra a aprendizagem da universidade e coisa assim – nem a favor – mas meu emprego de secretária de contador está por um triz. Na verdade, acho que já o perdi, mas enfim, quem se importa?

Hum, certo, eu. Já que não tenho vocação para caça-vampiros e nessa altura do campeonato não vai ser muito fácil arrumar um emprego. Nem pagar minhas contas.

Ou meu terapeuta.

Enquanto a aula transcorria, percebi que Zack estava meio calado e quieto. Não ficou passando bilhetinhos para mim com carinhas desenhadas, nem tacando pedaços de borracha no meu cabelo. Nem sequer quis sentar atrás de mim e ficar puxando fios da minha blusa nova. Quis ficar apenas sentado ao meu lado, com o olhar perdido no vazio.

Hum, na verdade, com o olhar perdido nas minhas pernas.

– Se continuar com o olhar nessa direção, eu vou fincar esse lápis bem no meio da sua testa – insinuei, com doçura.

Ele sorriu suavemente.

– Desculpe, eu só estava pensando... quanto tempo levaria para suas pernas deteriorarem? Você inteira se deteriora?

Eu o observei com olhos arregalados.

– Pensando bem, vou fincar esse lápis no meio do seu peito. Sabe, sua estaca. Meu trabalho de te matar. Funcionaria.

– Desculpe de novo – ele riu com lábios fechados – é que... estou sentindo uma pontinha de inveja...

Aquilo foi um comentário estranho até mesmo para Zack. Procurei desvendar o mistério escondido naquele olhar, mas ele simplesmente virou-se para frente e suspirou. Não quis perturbá-lo, mas uma aflição apertou-me o peito. Quantos segredos ele ainda tinha escondido de mim?

Tudo bem, eu sou sua caçadora, claro que não me revelaria seus pontos fracos, mas ele sabe que sou incompetente. Em vez de matá-lo, eu o salvei por umas duas ou três vezes.

A aula continuou silenciosa entre nós dois, até o fim.

Quando soou o sinal, imaginei que ele ia bancar o vampiro misterioso, sair da sala em silêncio e sumir quando eu simplesmente chamasse por seu nome.

Mas ainda era o Zack. Ele puxou meu braço e o puxou para si, perto do peito. Abraçou-me e conduziu-me para fora da sala, como sempre, mas algo estava errado. Ele não disse que estava com sede, não tentou me morder de brincadeira e nem disse que minha roupa era inadequada para uma mulher de 30 anos.

Quando chegamos ao refeitório, comecei a ficar tensa e ansiosa.

– O que está havendo, Zack? Se vai bancar o misterioso me poupe, posso ir ao meu quarto assistir novela ou ler um bom livro de vampiros.

– Por que, já não leu todos? – ele riu e virou-se para mim – Ah, me desculpe, Jessi, eu ando meio pensativo mesmo. Pode deixar, vou continuar atormentando você todos os dias enquanto estiver aqui.

– Pensando bem, deixa pra lá. Pode bancar o misterioso, sério. Não me importo.

– Tarde demais. Agora vai ficar sentadinha aí enquanto eu olho você comer.

Eu. Odeio. Isso.

Não sou a figura mais linda comendo, se é que me entende. Sem contar que me dá um pequeno aperto no peito, sabendo que a dificuldade que Zack tem de roubar sangue no hospital vem aumentando a cada dia.

Levantei-me para pegar a bandeja, desviei da mesa das garotas de torcida que me infligiam golpes mortais com olhares, acenei para as *otakus* sentadas na outra mesa chamando a atenção de todo mundo com seus gritinhos e voltei para junto de Zack. Ele novamente estava com a atenção voltada para o nada.

– Mas qual é o seu problema, afinal? Você está muito estranho...

– Já sei: pálido, calado, e com cara de quem usa muito delineador?

– Não, mais do que seu habitual.

Ele me fitou atenciosamente.

– Você nunca pensa no futuro, Jessi?

Eu endireitei-me na cadeira enquanto desembulhava o sanduíche.

– Claro que sim. Minha prioridade no momento é descobrir um meio de pagar minhas roupas novas e sair dessa história ilesa.

– Não, eu digo mais para frente. Como se casar, ter filhos, coisa assim.

– Bem, eu... prefiro não pensar. Essas coisas acontecem naturalmente, acho. *Carpe Diem*. ‘Cada dia com seu fardo’, como diz a Bíblia, não é?

Ele suspirou.

– Sim... talvez... Mas esse *cada dia*... já é um fardo, pra mim.

Eu permaneci fitando-o atentamente. Parecia que eu já estava quase começando a entender quando três patricinhas passaram perto de nós cochichando alto sobre quem iria levá-las ao baile da primavera daqui a quatro semanas.

Prendi a respiração instintivamente.

Sempre quis ir a esses bailes quando era adolescente, mas nunca era convidada, então não tinha coragem de dar as caras. Ficava apenas olhando as fotos e imaginando como teria sido. As piores coisas possíveis, claro. O capitão do time brigou com a líder de torcida mais linda. Os professores apareceram para criticar e censurar as roupas mais curtas. Faltou luz, batizaram o ponche

com uísque de quinta, coisas assim.

– Quer ir, Jessi?

Eu engasguei com o suco de abacaxi agüado. Ele sempre dava esse tipo de susto em mim toda vez que levo canudos à boca.

– Q... quê?

Ele sorriu como uma criança.

– Ao baile. Você quer ir, não é?

– Hum... você quer?

– Não. Mas você sim.

– Claro que não quero.

– Quer sim. Olha o sangue no rosto. Você está vermelhinha.

– Já disse que não – respondi, limpando-me com o guardanapo e tentando disfarçar me abanando com ele.

– Tudo bem, Jessi. Vai ser divertido. Eu só ia a bailes de realeza e coisas assim. Compre um vestido bem bonito e ponha na conta do Conselho.

Eu cerrei os dentes.

– Já estou endividada até a alma e o culpado é você! Tudo porque você não faz o favor de simplesmente cair morto!

– Você já me salvou duas vezes – ele disse, inclinando-se na cadeira até ficar com o rosto bem próximo do meu – não está lá fazendo um bom trabalho. Te pago às oito.

– Faltam duas semanas ainda – respondi, com voz esganiçada.

– Eu sei, estou falando para você começar a se preparar desde já. Vocês mulheres têm a tendência de demorarem horas para se vestir. Não se esqueça de procurar um traje que tenha a ver com a sua idade.

– Então faça o favor de achar um que tenha a ver com a sua – retruquei.

– Eu até faria isso, mas você morreria de vergonha. Sem contar que roupas de 800 anos só se encontram em museus. Bom, vou lá, Jessi. Vou jantar.

Dito isso, ele empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Arqueei uma sobancelha.

– O que você quer dizer com jantar? Vai assaltar o banco de sangue outra vez? Mas a segurança...

– Bem, eu tenho que me alimentar uma hora. E não se preocupe, sempre tem algum time de basquete ou coisa assim. Beijos!

Ele deu-me as costas e se afastou. Por mais que eu estivesse odiando a mim mesma por isso, a única coisa em que eu conseguia pensar era que, pela primeira vez, eu tinha um par para um baile de primavera, formatura, qualquer coisa.

As *otakus* aproximaram-se e sentaram-se ao meu redor, provavelmente admirando minha cara pasma.

– Que foi, Jessi?

– Zack vai aprontar. Ele está com fome.

– Bem, ele tem que aprontar alguma hora, Jessi – disse Bobby, chegando instantes depois e captando a conversa – e depois, seria seu trabalho matar o cara, não?

As três reviraram os olhos em um gesto cômico de *anime* [\[1\]](#).

– Você é um insensível, Bobby. Ela pode matar o cara depois que ele a levar para o baile da primavera – informou Dine.

– Vocês ouviram, é? – perguntei, meio envergonhada.

– Nem precisávamos ter escutado, Jessi – explicou Estela – é claro que ele não levaria ninguém ao baile a não ser você. E é óbvio que ele só quer ir porque deve ser importante para você, claro.

Estremeci por dentro. Devo admitir que estava tudo muito bem.

Bem demais até, o que é sinal de que alguma coisa horrível deveria estar para acontecer. Você sabe, igual a um filme. Principalmente se é romance: começa contando sobre a vida dela, depois a dele, os dois ficam juntos, dá tudo errado de repente, mas eles ficam novamente juntos no final.

O problema é que Zack não tem *final*, eu sim.

Bem, não me culpe. Sempre fui meio pessimista e agora que embarquei nessa furada de tentar matar o vampiro pelo qual me apaixonei, minha autoestima também ficou abalada.

Como eu não pretendia ir atrás de Zack, despedi-me delas e segui para o quarto. Eu tinha novamente a sensação de que algo ruim estava para acontecer.

Parece que adquiri um sexto sentido para esse tipo de coisa, talvez, ou então me tornei pessimista em tempo integral. Bem, de qualquer forma era só uma desculpa qualquer para cabular aula.



Então, acho que devo ter um sexto sentido mesmo. Junto com meu poder de grito extremo e dois outros que ainda não consigo exatamente identificar ou saber como funciona. Tenho um poder estranho de teletransporte que só funcionou com Zack uma vez e consegui fazer derreter barras de metal, também apenas uma vez.

Eu sei porque tentei os dois poderes quando estava na aula de aeróbica da Sra. Robbins e não funcionou.

De qualquer forma, Zack apareceu no meu quarto quando já havia passado da meia noite. Eu simplesmente senti a presença dele enquanto estava pesquisando sobre os mais novos livros sobre vampiros nos sites e baixando alguns filmes de suspense.

Queria ver até onde meu coração podia ir, você sabe. Volta e meia ele gostava de dar uma volta pela minha garganta sempre que eu tomava alguma espécie de susto, o que era frequente nessa profissão, melhor dizendo. Mas depois de todos os episódios ocorridos com as *dominadoras* e tudo o mais, ele já parecia bem seguro de si.

Só que uma nova sensação o aguardava. E essa doía mais do que qualquer outra, embora já tivesse passado por ela algumas vezes.

Zack estava sentado na beira da janela, como sempre fazia todas as noites que dava na telha me visitar. Dessa vez não perguntou onde estava meu uniforme de marinheira ou porque eu não colocava mais o pijama de borboletinhas que ele gostava tanto. Estava apenas silencioso.

Demais até.

Tudo bem que isso era sexy – convenhamos, até ele imitando um macaco seria sexy – mas sempre me deixava meio temerosa. Da última vez que bancou o misterioso perdi um litro de sangue, se é que me entende.

– Então, como foi a excursão pela cidade à noite?

Ele sorriu e respondeu, segundos depois.

– Proveitosa – assim que me viu arrepiando, acrescentou – os seguranças

relaxaram na vigilância e foi fácil dessa vez.

– Que bom... acho.

Ele desceu da janela e aproximou-se. Assim que seus dedos tocaram levemente minha nuca, arrepiei-me e achei que ia derreter.

– Você seria capaz de se tornar vampira para ficar comigo, Jessi?

Engoli em seco. Baixei os olhos momentaneamente e senti-me sem graça.

Quer dizer, eu realmente gostava de Zack e só Deus sabe o quanto eu queria ficar com ele. Mas eu seria mesmo capaz de cometer besteiras como meninas apaixonadas fazem? Afinal não seria algo como fazer uma tatuagem com o nome do cara, fugir pela janela escondido ou dar um pulinho para ver o apartamento novo do namorado. Seria algo do qual eu poderia me arrepender para sempre.

Literalmente falando.

Sem contar que todos os casais costumam sofrer crises. Imagine a crise dos sete anos. Se nós dois vivêssemos para sempre, isso significaria que a crise dos sete anos se repetiria a cada sete anos? Ou 77? 777? 7777? Estaríamos juntos assistindo de camarote o apocalipse?

Nossa, e se ele enjoasse de mim? Se me trocasse por uma lambisgoia vampiresca qualquer com cara de anjinho ou algo do tipo? Afinal ele já vira deusas egípcias. Viu até homens mais lindos do que eu.

Ele não me esperou responder. Talvez meu silêncio já fosse alguma espécie de resposta.

– Que bom, Jessi. Você tem juízo. Então saiba que eu jamais permitiria que alguma dessas presenças que nos perseguem fizessem isso com você.

– Mas...

– Eu percebi que você está se apaixonando por mim, mas... não está certo. Eu...

Fiquei muda, esperando o complemento da frase.

Quer dizer, a parte que ele diz “*e eu também estou perdidamente apaixonado por você*”.

– Nós não podemos ficar juntos... Isso não faz sentido.

Bem, e a parte “*eu também estou perdidamente apaixonado por você*”? Está demorando.

Ele caminhou até a janela e balançou a cabeça.

– O Conselho deveria ter te mandado de volta. Como podem ser tão irresponsáveis?

Bem, eu aceitaria um “*também gosto de você*”. Sério, sem ressentimentos.

Como percebi que nada viria, caminhei até ele e toquei-lhe no ombro levemente. Ele virou-se, mas não me encarou. Lá vem bomba, podia sentir isso com cada célula do meu ser.

– Sou imortal. Você é humana.

– Jura? E daí?

– Jéssica...

Meu nome completo. Lá vem.

– Bem, isso não vai dar certo, então...Vamos ser amigos.

– Por que *você* não enfia uma estaca no meu coração?

– Jessi, olhe...

– Não me faltava mais nada, na boa – respondi, irritada, me afastando dele – esqueci que antes de ser vampiro, você... é um homem, claro. Onde eu estava com a cabeça? Qual a próxima frase mesmo? Ah, sim. “O problema não é você. Sou eu.”

– Essa frase com certeza se encaixa...

– Vai te catar!

Ele não tentou se aproximar de mim, mas levantou olhos tristes na minha direção.

– Jessi, eu não suportaria ver você... sumindo a cada dia que passa enquanto eu permaneço. Seria... – ele engoliu em seco e mudou a frase – Vamos ser só amigos, está bem?

– Claro, amigos – eu disse, com um nó na garganta. Isso nunca funcionaria.

Ele me abraçou, mas não correspondi, deixando os braços pendendo ao lado do corpo. Mas enquanto me abraçava desejei mesmo ser mordida por ele outra vez.

Só mais uma.

– Amanhã venho te ver, tá?

Só mais uma...

– Ah, se sentir medo à noite, é só me ligar! Não veja filmes até tarde, OK?

Ele abriu a porta, deu um sorriso para mim e saiu, com um aceno. Permaneci olhando para a porta fechada, sem emitir reação alguma por alguns instantes. Uma coisa eu tenho que admitir. Com o Zackisso não ia ser fácil.

Esse negócio de ‘vamos ser amigos’ nunca funciona. É só para não deixar o clima pesado. Afinal houve intimidade demais entre duas pessoas.

Bem, nunca funcionou no meu caso. Detesto todos os meus “ex” até hoje, embora sempre terminasse com a frase “vamos ser amigos” de sempre.

Agora eu duvido que ele fosse me deixar em paz e fazer o favor de sumir. Eu iria ganhar duas coisas: não ia mais ser preciso olhar aquele rosto lindo e saber que fui rejeitada e ainda ia ganhar algum do Conselho, por ele ter sumido.

Claro, o Conselho ia me pagar pelo serviço completo, matar e tal. Mas bem que eles poderiam me dar um bônus tendo eu sobrevivido e posto ele para correr com meu talento nato de ‘espanta-namorado’.

– Clichê. É um clichê – eu disse, olhando furiosa para a porta.

É sempre assim.

O vampiro finge que não gosta mais da moça e, quando ela menos espera, bate na porta dela desesperado e diz que não pode viver (rá rá, viver) sem sua amada. Então a torna vampira e vivem felizes para sempre.

Para sempre mesmo, até surgir outro caça-vampiros.

Minha porta não bateu, mas recebi uma mensagem no celular. Dele. Não, não era a frase “*e eu estou perdidamente apaixonado por você*”.

“Não se preocupe, Jessi, você não vai ficar encalhada. Afinal, está com tudo em cima ainda. E depois, sempre tem um sapato velho para um pé torto.”



Então, onde foi mesmo que coloquei a minha estaca? Obrigada por facilitar meu trabalho, Zack Quero te matar com requintes de crueldade, arrancar sua cabeça e pôr na minha sala para decorá-la. E com uma maçã na boca.

De cera, claro, senão ela ia estragar.

Rangendo os dentes, sentei na cama, ansiosa. Sei que não conseguia pensar com clareza, a paixão deixa a gente retardado, mesmo. No fundo, eu sabia que ele estava com a razão, mas não queria aceitar. Zack devia estar certo, afinal tem 800 anos de idade, deve ter passado por situações assim trocentas vezes. Ele, com certeza, não ia querer me ver pior do que já sou.

Um bagulho. Uma baranga.

Pronto, minha autoestima foi para o espaço.

Deitei na cama, mas sabia que não ia dormir. Antes, todas as cenas de ex-namorados iam passar como carneirinhos pulando a cerca, despertando lembranças desagradáveis na minha mente para me torturar até eu não suportar mais, até então simplesmente cair no sono. Espero que aconteça logo, independentemente do pesadelo que vai acompanhá-lo.

Desgraça nunca vem sozinha, pelo menos é o que a minha mãe sempre diz. Então posso dizer que mesmo depois que acordei sentindo-me a escória da humanidade, meu sentido aranha ainda estava apitando.

Já sei. Zack deve entrar agora dizendo que mudou de ideia e que me matar vai poupar-lhe um bocado de trabalho.

Sabe que agora a ideia não parece ser tão ruim? Vamos ser só amigos, certo.

Idiota.

Enquanto me arrumava para dar mais uma visita na biblioteca – mentira, eu ia organizar meus sapatos novos mais uma vez – alguém bateu à porta. Não era aquela música na madeira das *otakus* com seus temas de anime, entretanto. Eu poderia até dizer que foi meio... séria. Eram toques lentos, altos e profundos. Nem o diretor toca minha porta daquele jeito.

Troquei de roupa rapidamente. Algo me dizia que não ia ser um dia para brincadeiras. Ou desenhos animados.

Um homem bem alto e de ombros muito largos estava parado à minha frente. Usava uma roupa vermelho-escuro bem longa com botas indo até os joelhos. Um chapéu de mesma cor muito longo e pontudo em ambos os lados, e uma capa gigantesca cobrindo todo o corpo, deixando-o com um ar de mistério. Seus olhos azuis estavam logo abaixo de sobrancelhas bem grossas e escuras, juntas em uma expressão bastante severa. Um longo rabo de cavalo escorria pelas costas mostrando algo mais humano naquele homem. Possuía um nariz largo e comprido dando um toque perfeito em sua face estreita.

Era um homem bem másculo e bonito, certo, mas não um modelo de revista. Digamos que se eu fosse uns dez anos mais velha acreditaria que ele não era um homem de se jogar fora. Devia ter por volta de quarenta anos, ao menos era o que parecia. Também parecia nunca ter sorrido na vida.

E Deus, como ele conseguiu entrar com aqueles trajes na universidade, falemos sério.

Bem, da mesma maneira que entrei com botas cano-longo e vestidinho de veludo vermelho no meu primeiro dia de aula. Deixa quieto.

– Senhorita Jéssica, eu presumo – disse ele com uma voz profunda e grave.

– Hum, sim, senhor. E você é...?

Ele estendeu a mão que estava escondida atrás da capa volumosa em minha direção e apertei-a, contudo mantendo meu olhar fixo nele.

– Vincent Lowerheart, mestre dos caça-vampiros. Vim enviado pelo Conselho.

Ah, sim. A ajuda que meus pais prometeram.

Então pisquei duas vezes. Mestre?

– Você... o senhor é o mestre dos caça-vampiros? Puxa... bem, as coisas já não estão mais tão difíceis aqui, acho que posso...

– Deve voltar imediatamente – ele cortou minha fala, observando meu quarto por cima do meu ombro – sua presença não é mais necessária.

Emudeci.

Então é assim? Além de rejeitada, sou descartada? Ah, de jeito nenhum. E o que seria de Zack? Puxa, o Conselho mandou o mestre deles para caçar o *meu* vampiro?

– Bem, não acho que vou voltar. Afinal, eu vim para cumprir uma missão e ainda não pude...

– Esta não é a sua missão – cortou ele novamente, com secura – Você não deve caçar Zack. Aliás, não deveria nem estar aqui. Aconteceu algo errado, uma informação forjada. Não existe um vampiro chamado Eric. Você sequer devia estar na Pensilvânia.

– O... o quê?

Ele entrou em meu quarto sem que eu mesma o convidasse, empurrando-me de leve para o lado, e ficou observando-o como se o analisasse atentamente.

– Alguém queria que você viesse para cá – ele continuou – Alguém queria que você e Zack se encontrassem. Uma das minhas missões é descobrir quem e por que.

Senti-me em uma montanha russa. Alguém dentro do Conselho – ou algum espião, visto que sabia que eu iria fazer parte da linhagem caça-vampiros futuramente – quis que eu me encontrasse com Zack? Mas por quê? Teria sido uma armação do próprio Zack?

Não... ele não me conhecia. E meus pais não me mandariam para uma furada dessas nem para arrumar um marido.

Certo, eles me metem em muitas furadas, mas não uma que eu me arriscasse tanto.

– E... qual é sua outra missão? – engoli em seco, já sabendo qual seria a resposta.

– Matar Zack, obviamente.

Ele desviou a atenção de mim e voltou a observar o quarto. De repente torceu o nariz e levantou uma sobrancelha em minha direção.

– Ele esteve aqui.

– Quem?

– Você sabe quem. Sinto resquícios da presença dele em toda a parte.

– Hum, sim, Zack esteve aqui. Tivemos uma ferrenha batalha, mas no final ele fugiu.

Ele permaneceu sério, com os olhos cravados em mim. Claro que não acreditei em minha história nem por um segundo. Abaixou a cabeça, balançou-a e murmurou algo como “adolescentes...”.

– Escute, eu não posso ir – insisti, querendo impor firmeza no meu território – eu já gastei por conta do Conselho e não tenho nem condições de...

– O Conselho vai pagar todas as suas despesas, visto que nada disso é sua culpa – cortou ele outra vez – e ainda acrescentar um bônus generoso por correr riscos desnecessários e ainda sobreviver a Zack. Vai poder viver com sua vidinha de caça-vampiros longe daqui, apenas matando morcegos se desejar.

Uau, despesas pagas sem trabalhar? Que concurso público você tem que passar para conseguir um emprego desses?

Ah, sim, senador. Ou deputado. Mas tem que receber votos antes.

Eu tinha que pensar rápido. Com certeza aquele cara não era flor que se cheirasse e Zackia se meter em uma bela encrenca.

Pra variar. Nunca vi um vampiro de 800 anos arrumar encrenca como quem vai à feira.

– Bem, senhor Vincent, eu sou nova no ramo, você sabe... nunca tive oportunidade nem de conhecer um caça-vampiros quanto mais um mestre! Apesar de meus pais o serem, quer dizer, eu nunca pude vê-los em ação. Será que não poderia me conceder mais alguns dias aqui para observá-lo e a aprender o ofício?

Ele simplesmente me ignorou e começou a vasculhar minhas coisas. Sinceramente, que cara abusado.

– Eu posso aprender depressa – continuei, tentando ser convincente – e acho que o Conselho me deve essa, afinal vocês arriscaram minha vida imprudentemente!

Ele virou-se para me olhar, logo depois de ter aberto meu armário e procurei assumir uma postura imponente. Tinha que disfarçar meus joelhos tremendo de alguma forma.

– Eu não preciso de ninguém me atrapalhando enquanto faço meu trabalho – respondeu, fitando-me de cima a baixo – Já não basta a última advertência...

– Advertência?

Ele não respondeu, simplesmente voltou a virar-se para o armário e passar as mãos por dentro. Aquele cara devia ter algum poder além do comum. Podia ver pela expressão dele de que já sabia que Zack dormiu no meu armário algum tempo atrás.

Ou isso ou ele não gosta de mogno.

Tentei mudar de assunto o mais rápido possível.

– Bem, mas alguma coisa importante eu devo ter. Afinal, sobrevivi há quase um mês aqui, mesmo Zack sabendo que sou uma caçadora e já desenvolvi dois ou três poderes...

Vincent pareceu ficar momentaneamente interessado.

– E quais são eles?

– Eu... hum – tive vergonha de admitir, mas precisava convencê-lo de que eu

precisava ficar – tenho o poder de gritar tão alto que quebro vidros e faço sangrar os ouvidos das pessoas.

Ele ergueu uma sobrançelha levemente.

– Quais os outros dois?

– Bem, eu... uma vez eu fiquei presa numa jau... numa sala de aula e consegui derreter as barras de ferro com minhas mãos.

– Salas de aula com barras de ferro nas janelas?

– Aulas de educação física.

– Ah, sim. Prossiga.

– E... uma vez eu teletransportei um... amigo meu para outro lugar segurando a mão dele.

– Hum... muito interessante.

Ele ficou me observando com interesse e eu já me sentia vitoriosa.

– E como você escapou dessa mordida no pescoço? Zack não costuma parar quando está se alimentando. Ou isso requereu uma enorme força de vontade da parte dele ou você conseguiu impedi-lo usando algum tipo de poder oculto.

Engoli em seco. Como pude ser tão descuidada? Instintivamente levei minha mão ao pescoço esfregando a ferida, mesmo que já não adiantasse escondê-la.

– Ah, isso. Bem... deve ter sido algo assim. Ele simplesmente parou quando estava sugando meu sangue e fugiu. Eu reagi, claro, e ele deve ter se assustado. Ou meu sangue deve ser intragável.

– Bem, você não seria louca a ponto de oferecer seu sangue para ele, já que a possibilidade deles pararem antes que você morra é quase nula.

– Ora, e por que eu faria isso? – retruquei, com uma fúria visível. Não precisava admitir que tinha gostado na hora, não é?

– Bem, você deve saber que isso é um crime hediondo no Conselho. Está entre as categorias imperdoáveis.

Engoli em seco outra vez, mas não me abalei. Não é que eu tenha oferecido meu pescoço ao Zack, certo? Não que eu teria negado, mas enfim...

– Tem outros crimes que eu deveria saber?

– Você não leu o manual? – ele cruzou os braços e franziu o cenho.

– Eu não decoro essas coisas...

– Bem – ele suspirou – dois crimes graves são fazer chantagem e matar um vampiro na frente de testemunhas. Só em casos muito sérios e que haja risco para as partes. Mas de forma alguma as pessoas normais devem saber que vampiros estão ao seu redor e que você deve matá-los.

*Epa. As otakus contam como pessoas normais?*

– E sua advertência foi em relação a quê?

Ele fechou a cara e senti-me como uma criança censurada.

– Hum, bem – procurei mudar de assunto – então eu posso ficar e aprender o ofício?

– Não acho realmente que você seja capaz de aprender algo só me observando, mas talvez realmente possa saber algum ponto fraco de Zack, já que passou tanto tempo aqui e sobreviveu, como você mesmo disse. Há quanto tempo ele sabe que você é caça-vampiros?

Hum, desde que anunciei isso no primeiro dia em que nos encontramos?

– Não faço ideia... ele deve ter notado quando eu procurei matá-lo da primeira vez. Na primeira semana talvez?

– Bem, então você pode ficar se souber algum ponto fraco dele.

– Certo! Eu sei!

– E...?

– Ele só sai à noite.

Ele cruzou os braços no peito e eu cocei a cabeça, envergonhada.

– Hum, dê-me só um tempo para lembrar... Coisas demais andaram acontecendo...

Ele lançou um olhar para meu armário e disse quase num murmúrio.

– Sim... posso imaginar.

Tentei desviar o assunto, o homem parecia conseguir me ler como se eu fosse um livro aberto.

Ou uma revista de fofoca.

– Mas eu posso ficar então? Como conseguiu que o Conselho o pusesse aqui? Disseram na universidade que eu era filha do embaixador.

– Não me importa o que eles possam ter dito. Meu único interesse é cumprir minha missão.

Resisti ao impulso enorme de bancar a infantil e mostrar-lhe a língua. Esse tempo na universidade está me fazendo muito mal.

Sem contar que ele podia mudar de ideia.

– Está bem – ele suspirou, dando-se por vencido – Enquanto isso, escolha uma arma. Mas pense com calma.

– Uma arma?

– Você sabe usar alguma?

– Sei usar salto alto para ameaçar... serve?

– Não. Quero que escolha uma arma decente. Pode ser adaga, chicote, besta, espada, maça ou lança.

– *Uau...* você vai me ensinar a usar todas?

– Não, apenas uma. Você não terá capacidade para lidar nem com uma direito, imagine com todas.

Torci o nariz, mas não respondi. Talvez ele tivesse razão mesmo.

– Escolha com inteligência. Avise-me quando decidir.

Eu não respondi enquanto ele se afastava, abrindo a porta e saindo, balançando sua enorme capa escura farfalhando pelo chão. Vincent tinha um porte invejável, eu tinha que admitir.

Será que Zack o conhecia? Se há tantos anos o Conselho vem tentando caçá-lo, provavelmente esse dois podem ter se esbarrado umas duas ou três vezes.

Fiquei receosa de segui-lo, visto que ele poderia facilmente perceber minha aproximação da mesma forma que percebia que não tenho talento algum como caçadora do Conselho. Pior ainda, acho que ele notou que Zack e eu tínhamos algum tipo de aproximação. Não uma forte, como eu esperava, contudo.

Afinal, éramos apenas amigos.

Idiota.

Mandei uma mensagem para as *otakus* e pedi para que seguissem discretamente o homem misterioso de capa vermelha seguindo pelo corredor.

Logo depois que apertei 'enviar' senti-me uma idiota.

*Otakus*. Seguir discretamente.

Um conjunto de palavras que definitivamente não se encaixam na mesma frase.

Ah, meu Deus, onde eu estava com a cabeça, afinal? Agora o tal Vincent ia perceber que eu também não sei guardar segredo e que algumas pessoas sabem do *meu* segredo. Mais um crime hediondo na minha lista.

Bem, não adiantava mandar mensagem para Zack agora. Eu sabia que ele estava dormindo. De qualquer forma mandei, pedindo para que ele não faltasse à aula de jeito nenhum naquele dia e que tomasse cuidado ao passar pelo jardim.

Senti um arrepio incessante subir pela espinha assim que mandei a mensagem e corri para a janela. Ali, do lado de fora, Vincent estava sentado no banco perto das flores, na sombra, com sua roupa toda escura chamando a atenção de quem passasse e mexendo uma espécie de arma de madeira na mão.

Ao menos, se ele topasse com as *otakus*, não poderia desconfiar de que elas sabiam quem ele era, afinal, quem não iria se espantar e ficar observando-o? Ele também não tinha um pinga de bom senso.

Que bom.

Porque elas estavam atrás das árvores, batendo fotos com celular e usando óculos escuros. Como elas pensavam em bancar as detetives com orelhinhas de coelho na cabeça e saíngas xadrez de colegiais?

Mas o que será que ele pretendia? Matar Zack naquela mesma noite e sair da universidade numa boa? Que desculpa poderia ter inventado para estar ali, afinal? Talvez tenha se identificado ao diretor como meu tio ou coisa assim. Titio, o Senador.

Quase como se estivesse sentindo minha presença, ele voltou sua cabeça para a janela em minha direção e estremeceu. Dando-me um breve aceno com o chapéu, esboçou o que eu poderia identificar como um sorriso e voltou a dedicar sua atenção para a arma estranha que carregava. Será que ele sabia do meu interesse por Zacke da minha intenção em protegê-lo?

Bom, ele é o mestre dos caçadores de vampiro. Seria meu mestre, então, não é? Eu deveria saber mais a respeito dele.

A única coisa que sei era que o cara era completamente sinistro.

Fechei as cortinas rapidamente e olhei no relógio. Era perto das seis horas, Zack poderia aparecer a qualquer momento. Vincent não teria coragem de atacá-lo ali diante de tantas testemunhas, não é? Mesmo considerando a periculosidade de Zacke o desespero do Conselho em detê-lo a qualquer custo...

Que o diga minha conta bancária.

Recebi uma mensagem em meu celular.

“Nossa, não consegue mesmo ficar longe de mim, não é? Tudo bem, te vejo na aula! Vista algo decente.”

Será que eu o aviso mesmo ou o deixo morrer? Não, pensando bem, eu aviso

sim. Assim eu mesma poderei matá-lo.

Uff, a quem estou enganando? Mas torturar eu posso, não é?



Assim que o avistei na sala de aula, dirigi-me direto para onde ele estava, ignorando os olhares curiosos das *otakus* por um momento. Ele estranhou, lógico, pois normalmente ele é quem vinha atrás de mim.

– Uau, Jessi, que espontaneidade! Quer sentar no meu colo?

Certo, corei, mas não permiti que ele visse, sacudindo a cabeça rapidamente.

– Zack, isso é sério. O Conselho enviou alguém que...

– *Pssst*, Jessi. Tem certas coisas que não devemos dividir com o resto do mundo.

Eu olhei ao meu redor e percebi que todos estavam com os rostos voltados para nós.

Cara, que coisa chata ser a caçadora do vampiro mais lindo do mundo.

Fiquei mal-humorada e joguei-me na cadeira ao lado dele, mas Zack simplesmente ficou sorrindo e puxando fios da minha blusa. É, as coisas estavam normais com ele de novo.

Quando ele começou a afastar meu cabelo da testa descobrindo meu rosto, murmurei baixinho como se fosse uma garotinha tímida. Minha voz nunca sai direito quando ele está muito perto de mim.

Tem um lado bom, não é? Fico incapacitada de gritar.

– Zack, tem um cara que foi enviado pelo Conselho e foi me ver lá no quarto.

– Só eu posso entrar lá, você sabe, *né*?

– Cala essa boca. Em primeiro lugar, somos só amigos, esqueceu? Em segundo, ele me disse que é um mestre caça-vampiros. O nome dele é Vincent Lowerheart.

Zack fitou-me silenciosamente e franziu a testa. Ah, eu não estava enganada. Eles *realmente* se conheciam.

De repente, sua expressão amenizou e ele sorriu, mas de um modo malicioso.

– Até que não demorou muito. Bem, parece que finalmente vou ter um pouco de ação.

Quando viu meu olhar confuso, acrescentou:

– Olha, não quero dizer que eu já não tinha ação suficiente com você, Jessi,



mas é que agora as coisas vão ficar mais agitadas... Você não é a melhor caçadora de vampiros do mundo, você sabe.

– Tudo bem. Pelo menos, me ponha a par dos acontecimentos, eu agradeceria. Já foi difícil convencê-lo a me deixar ficar.

– Você vai ficar por minha causa?

– Não – consertei, rapidamente, antes de corar – Eu me empolguei com esse negócio de assistir aula e tal. Eu posso aprender alguma coisa, sabia?

– É mesmo? Bem, então devia saber que já perdeu metade dessa.

– Eu nunca mais vou te ajudar. Se vire com esse cara!

Ele riu e chegou bem próximo do meu ouvido.

– Claro que vai me ajudar... eu vou cuidar dele e depois a gente discute isso, está bem?

Estremeci e peguei o lápis para fingir que estava anotando a matéria.

Zack estava certo. As coisas iam ficar mais agitadas.

Assim que terminou a aula, Zack chegou próximo de mim e apertando fortemente meu braço, sussurrou:

– Jessi, escute. Não é bom que ele nos veja juntos. Vincent não é flor que se cheire.

– O que quer dizer? – estranhei, ficando um pouco chateada, já percebendo que não iríamos juntos ao refeitório.

– Ele é capaz de denunciá-la ao Conselho por envolvimento comigo e você estaria em maus lençóis. Faça de conta que não me conhece ou que só nos evitamos enquanto ele estiver por aqui.

– Ele não vai desistir até te matar, você sabe. Não parece ser o tipo de cara que desiste de uma missão facilmente.

– Não... com certeza não é – respondeu ele, com voz baixa e amarga.

– Isso significa que... não vamos nos ver mais?

Ele reagiu de um modo quase cômico.

– O que quer dizer? Esqueceu que somos amigos?

Ah, é. Amigos.

Idiota.

– Vocês já se encontraram, não é?

Ele concordou levemente com a cabeça.

– Algumas vezes. Digamos que ele não mede muito as consequências dos seus atos. Confia demais no seu taco.

– Não se utiliza mais essa expressão hoje em dia – comentei, com descaso – Ele falou algo sobre ter levado uma advertência do Conselho... E se conseguíssemos que fosse expulso?

Ele riu, embora sua expressão deixasse claro que não achava graça. O tempo todo seu cenho estava franzido e seus lábios finos estavam rígidos.

– Eles não permitiriam isso. É o melhor caça-vampiros que eles têm. É um mestre, com toda certeza, e fará qualquer coisa para cumprir seus objetivos.

– O que aconteceu entre vocês, afinal?

– Isso não importa, Jessi – ele se aproximou e me deu um beijo na testa –

Mas não se preocupe. Ficaremos afastados só enquanto ele estiver por perto.

– Mas ele vai continuar por perto até conseguir te matar, Zack! – disse essa frase alto demais e duas meninas me olharam.

– Você não é muito boa para manter coisas discretas, né, Jessi? – respondeu ele com um tom divertido – Mas não é necessário você esquentar sua cabecinha ruiva. Vincent não vai desistir até me matar, isso é fato. Mas eu não disse que ia esperar ele partir, disse?

– Você...

Ele sorriu novamente, apertou minha mão e saiu.

Sim, estava implícito. Ele também não pretendia deixar isso barato. O pior é que realmente acredito que eles vão lutar de igual para igual e não há nada que eu pudesse fazer para impedir.

Homens. *Pfff...*

– Jessi?

A fala de Estela interrompeu meus pensamentos de súbito.

– Você está pálida, chefe – comentou Sofia, com uma sobrancelha arqueada parecendo uma raposa.

– As coisas vão ficar agitadas, meninas... – murmurei enquanto seguia com elas para o refeitório.

Eu só percebi que estava sugando apenas ar do meu suco de morango agüado quando Dine perguntou se eu estava fazendo algum tipo de experimento científico. Meu sanduíche de atum já estava rolando pela mesa há meia hora e a única parte que fora realmente comida dele foi quando Bobby percebeu que ele ia permanecer intacto e deu uma provadinha. Mas eu realmente não conseguia engolir nada.

– Mas então – disse Estela, que estava provavelmente tentando chamar minha atenção há algum tempo enquanto eu me perdia nos meus pensamentos outra vez – os dois podem estar se digladiando lá fora enquanto estamos aqui e você não pode fazer nada?

Suspirei. Era exatamente isso que eu estava pensando.

– Não, não posso. Se eu ajudar Zack, o caçador vai perceber que temos uma ligação e vai sujar para o meu lado. Se eu fingir ajudar o caçador, ele mesmo vai me dispensar. Não sei o que fazer. Nem Zack nem Vincent querem que eu me envolva.

– Que situação – comentou Bobby, arrancando outro pedaço do sanduíche – o que o *Vampire Hunter D* [\[2\]](#) faria nessa situação?

– Ele já teria matado todos os vampiros só olhando para eles – comentou Dine, tranquilamente.

– Verdade – concordou Sofia – E ainda teria tempo para lustrar os sapatos.

– Pessoal, parem com isso – reclamei, começando a me sentir exasperada – vocês tem que parar de misturar desenhos com a realidade! Isso é vida real, saco.

Elas ficaram silenciosas por um tempo e me senti mal. Eu realmente não queria magoá-las, mesmo porque acho que misturar um pouco de realidade e

fantasia não é tão ruim assim.

Ah, meu Deus, já me vejo jogando RPG *live-action* [\[3\]](#).

– Isso é até engraçado para alguém que até poucos dias atrás estava andando de *Sailor Moon* pelos corredores da Universidade – cortou Bobby, olhando para os farelos na mesa.

Eu podia ter dormido sem essa.

Elas começaram a rir e eu fiquei indignada.

– Eu já disse que não foi culpa minha! Era isso ou eu andava pelada!

Linda e Rick estavam passando pela minha mesa e devem ter escutado minha última frase, já que eu disse alto para quem quisesse ouvir embora não tivesse intenção alguma.

– Andando pelada, Jessi? – disse ela com uma voz provocadora – Será que é por isso que Zack largou você hoje com os *nerds*? Ficou assustado com o material?

As meninas fuzilaram Linda com os olhos com tanto afínco que eu podia jurar que vi veias vermelhas saltando das suas testas.

– Metendo o nariz onde não é chamada de novo, Linda? – retruquei, com ódio refletido no olhar – Você já esqueceu o que aconteceu com ele da última vez?

Ele pôs a mão no nariz instintivamente e suprimiu um gritinho enquanto corria entre as mesas. Rick olhou-me com reprovação.

– Você não deveria sair por aí ameaçando as pessoas, Jéssica. Devia ter vergonha de...

– Humm... hoje vou fazer omelete. Acho que vou quebrar alguns ovos por aí.

Ele arregalou os olhos e seguiu apressadamente pelo mesmo caminho de Linda – mas sem gritinhos, ainda bem. Provavelmente lembrou o que aconteceu da última vez em que o encontrei também.

Espero que ainda possa ter filhos, de verdade, não sou tão rancorosa.

Coloquei a mão na testa e gemi. Quando foi que eu comecei a ser tão agressiva assim? E meu Deus... que vocabulário era esse que eu estava lançando a torto e a direito ultimamente?

– Você anda bastante tensa, chefe – respondeu Bobby, olhando a amargura na minha expressão – É por causa do caçador?

Eu fiquei um tempo olhando para ele. Na verdade, podia também ser isso, mas não só. Não contei a eles que tinha sido rejeitada por Zack, era humilhação demais. O fato é que me sentia a mosca do coco do cavalo do bandido.

A mosca mais deprimente dos tempos do faroeste.

– Deve ser isso... – respondi, levantando-me da mesa e pegando minha bandeja.

– Chefa, você não vai atrás deles, não é? – perguntou Estela, preocupada – Deixa que eles se entendam. Pode ser perigoso!

Suspirei. Não queria metê-las em mais encrencas embora soubesse que era exatamente isso que elas queriam.

É perigoso ver muito desenho animado, acho.

– Bom, bem ou mal é meu trabalho. Meus pais esperam isso de mim.

– Mas não existe nenhum Eric! – contestou Dine – E quem poderia querer que Zack e você se encontrassem? Isso não é tudo muito estranho?

– Sinceramente, desde que larguei meu emprego nada começou a fazer sentido. Às vezes acho que vou acordar de ressaca e tudo isso não vai passar de um longo sonho. É isso. Eu sofri um acidente e estou em coma. Tenho certeza que logo vou acordar e... AAAII!!

– Viu, não é sonho! – comentou Sofia alegremente, acabando de beliscar meu braço com força – O que quer que aconteça é real. Então cuidado, chefe. Qualquer coisa, mande mensagem.

Murmurei um mal humorado ‘tá’, esfregando meu braço e me dirigindo para a saída. Ao contrário do que eles deviam esperar, eu não fui para o meu quarto. Na verdade, eu também não sei por quê. Minhas pernas pareciam estar tomando um rumo aleatório e quando menos esperei, estava no jardim.

Olhei ao meu redor e não havia nada ali. Nem som, nem pessoas, nada. Provavelmente passeios no jardim depois do refeitório estavam fora de cogitação. Ao menos naquela hora.

O vento estava parado e as estrelas pintavam o céu como furos prateados num bordado negro. Agora uma atmosfera densa me envolvia, a lua no alto estava brilhante e eu senti vontade de uivar.

Desculpe, foi só uma piadinha.

Eu acredito em tudo agora, até se seres do espaço quiserem fazer uma entrevista comigo.

Os prédios pareciam ainda mais sinistros, como um prelúdio de filme de terror.

E isso sem nem estarem em aula.

Quando já estava me preparando para dar meia volta e sair, ouvi um sussurro de vozes discutindo. Apurei meus ouvidos para ver de onde vinham e constatei que perto dali, ao lado de um pequeno poste brilhando fracamente e entre duas árvores frondosas, duas figuras gesticulavam levemente uma com a outra como se ao menor movimento um ataque teria início. As vozes soavam calmas, mas ameaçadoras.

Aproximei-me contando cada passo e esgueirei-me perto da parede. Senti a presença.

Zack e Vincent.

O que raios os dois estavam fazendo? Estudando-se?

Agachei-me e comecei a escutar.

Eu sei, não é educado, mas é bastante instrutivo.

– Se pensa que pode enganar o Conselho tanto tempo, saiba que é só dar um passo em falso e você já era, Zack Redpath – anunciou Vincent, em alta voz.

– *Oops!* – respondeu Zack, fingindo cambalear – Desculpe, pisei de mau jeito. Você dizia?

*Argh*, Zack, essa foi péssima.

– Pode brincar o quanto quiser. Saiba que só não o mato agora porque sei que tem muitos truques na manga e não quero deixar um trabalho mal-acabado.

Zack assumiu uma postura imponente, mas pôs ambas as mãos nos bolsos.

– Começou a criar juízo? Já não vai mais perder a cabeça e sair atirando e matando a torto e a direito? Quantas pessoas vai torturar para conseguir o que deseja, agora? Talvez pretenda chantagear-me usando outras crianças?

– Você é patético, Redpath. É o único vampiro que conheço que insiste em acreditar que tem um bom coração. E todos os que matou antes de se arrepender e mudar? Aliás, acha mesmo que pode mudar agora? Depois de tanto sangue derramado?

Ele suspirou e murmurou com uma voz quase inaudível.

– Nunca é tarde para mudar...

Eu me recordei de ter dito isso a ele nos primeiros dias em que nos conhecemos. Não esperava que ele ainda se lembrasse...

– Bem, eu não acredito na recuperação de ninguém – soou Vincent, com uma voz de escárnio – e se continuar assim, ponto fraco é o que não vão faltar em você, Redpath.

– Cai matando, então – incentivou Zack, mas com uma voz que soava extremamente maliciosa – eu realmente quero ver quais outros truques  *você*  tem na manga.

Vincent cruzou os braços. Dava para perceber que ele não estava preparado para uma luta corpo-a-corpo, embora eu estivesse doida para ver.

Espere aí, não me culpe. Os hormônios de uma mulher de quase trinta costumam estar bombando nessa época.

– Por que não matou Jéssica?

Eu engoli em seco, mesmo sabendo que não sabiam que eu estava ali.

– Não tive a oportunidade ainda – Zack respondeu secamente.

Será que ele estava falando sério ou só queria despistar Vincent?

Bem, eu suponho que a segunda alternativa, já que ele teve várias chances e não o fez. Ou está me usando, mas deixemos isso para lá por ora. Já sofri uma decepção por hoje.

Vincent deu uma risada curta. Nossa, ele riu mesmo?

– Será? Ou será que depois de tanto tempo sozinho você resolveu seguir a onda dos vampiros apaixonados das telas de cinema?

– Está me confundido com os vampiros adolescentes que tem caçado?

– Jéssica é novata e inexperiente. Você matou todos os caça-vampiros que vieram ao seu encaixe, é claro, com exceção de mim. Não vá me dizer que ela foi a mais difícil que encontrou.

– Você sempre desaparece na primeira tentativa que tenho de me desforrar – Zack ergueu a voz e desconversou – E depois, eu não matei o tal Johnny ou John que apareceu. Ele fugiu, o que deveria ser o mesmo que você devia fazer. Ah, espere, você sempre faz isso quando está para perder!

– Ora – disse Vincent, com uma voz que parecia estar sorrindo – eu sempre saio de cena para poder caçá-lo mais um dia, até descobrir seu ponto fraco. Não vou acabar como os outros idiotas que caçaram você, obviamente. E depois, parece que agora você tem um ponto fraco, não é? A senhorita Jéssica, presumo.

Meu coração começou a bater acelerado. Eu sou o ponto fraco de alguém? Eu sou o ponto fraco... de Zack?

– Não seja idiota – cortou Zack, me decepcionando – Jéssica é jovem demais, e muito inexperiente. Não vou me dar o trabalho de matá-la. Ela tem muito o que viver ainda.

– Estranho... porque aquelas marcas que vi no pescoço dela... foram suas, não

foram?

Zack ficou em silêncio. Ele realmente precisava de muito jogo de cintura e sangue frio.

Sangue frio – rá rá.

– E daí?

– Por que se controlou tanto? Por que a atacou e parou subitamente antes de matá-la?

– Bem, ela foi esperta – cortou ele, sorrindo – conseguiu me acertar com a bolsa e fugir. Pegou-me tão desprevenido que não tive coragem de segui-la.

– Você? Desprevenido? Por que eu não tenho uma chance dessas?

*Porque você não tem um cabelo ruivo igual ao meu, querido* – pensei, com meus botões.

Meus botões – tirando do meu dicionário velho.

– Está mesmo querendo me convencer – insistia Vincent, com uma voz sedutora e profunda – que Jéssica resistiu fortemente ao êxtase de uma mordida de vampiro e não cedeu, sendo tão jovem e solteira?

Epa. *Tá* pisando no meu calo.

Só não reajo porque ele acrescentou ‘jovem’ na frase.

Hum, claro, e porque estou escondida.

– Quem sabe? Talvez ela tenha mais poder do que aparenta...

– Bem, você não a impediria de ter uma vida de verdade, não é? Casar-se, ter filhos...envelhecer.

– Eu não tornarei Jéssica vampira. Eu já o teria feito, se desejasse.

– Ah, é bom saber. Mas acho que ela gosta de você, senão não teria pedido para ficar. Que inconveniente, não?

Zack permaneceu em silêncio. Dava para cortar a tensão daquele momento com uma faca.

Na verdade, uma faca seria perigosa na minha mão agora. Minhas orelhas estavam doendo com tanta maldade que Vincent estava despejando a meu respeito.

De repente, ele aproximou-se mais de Zack, que nem esboçou reação. Provavelmente sabia que se Vincent o atacasse agora, não ia restar nem sombra do que aquele caçador era. Não que este também não tivesse seus truques.

– Saia do caminho dela e eu mostrarei. Ninguém realmente se importa com você, Redpath. Seus pais já eram. Seus amigos, família... Tudo o que você ama, morre, não é? O mesmo vai acontecer com Jéssica. Não há ninguém que se importe realmente com você e não haverá por toda a eternidade. Por que se agarrar a essa existência medíocre? Por que viver cada dia se ele fica repetindo-se incessantemente?

Zack não disse nada e um vento frio começou a soprar por entre as árvores. Não havia o som da noite, grilos, nada. Tive certeza que ouvi um sussurro nas sombras, mas provavelmente devia ser minha imaginação pregando peças. Não estava sequer sentindo presença alguma (aqueles vampiros irritantes que viviam me perseguindo para chantagearem Zack) pelo menos a visita de Vincent trouxe uma vantagem. Eles nem davam as caras.

– Então, Coisa-Ruim... é só isso que tem a me dizer? – respondeu ele,

descontraidamente, com um meio sorriso – Bem, ainda não me convenceu a vender minha alma, mas obrigado.

*Ahh*, ele também diz “Coisa-Ruim”, que nem eu! Não é fofo?

Vincent estalou a língua e soltou algo que parecia ter sido um riso curto. Deu as costas a Zack e seguiu em frente, murmurando alto.

– Aproveite então o que resta da sua existência. Em breve, ninguém saberá que você existiu por tanto tempo.

Zack ainda permaneceu olhando para o local onde o caçador havia estado por alguns instantes. Assim que Vincent saiu da minha vista ao entrar no prédio em frente, levantei-me das sombras e aproximei-me de Zack.

– Está tudo bem?

Ele surpreendeu-se, mas não parecia nada feliz.

– O que está fazendo aqui, Jessi? Eu já disse que não podemos ser vistos juntos. Você não tem noção dos poderes que esse cara tem.

– Qualquer coisa eu grito. E poder pra isso eu tenho.

– Não tem graça, Jessi. Ele pode pressentir minha presença em qualquer lugar, até mesmo quando toco em você, e isso por dias. Fique longe de mim.

– Mas... somos *amigos*, não é? – fiz questão de enfatizar o ‘amigos’ para mostrar para ele que não me esqueci. Talvez não tenha soado muito ressentida, mas espero que sim.

– Claro...

Idiota.

– Então qual o problema? – insisti – Será que amigos não podem se ver?

– O problema é que caçadores do Conselho não podem se misturar com vampiros. Ainda mais, comigo. Boa noite, Jessi.

– Mas...

– Boa noite, Jessi.

O rosto sério de Zack foi tudo o que vi antes que o mundo rodasse e escurecesse. Senti um braço forte me sustentar enquanto minhas pernas fraquejavam e então não senti mais nada.



Acordei pela manhã quando o sol bateu forte em meu rosto. A janela estava aberta, as cortinas idem. Não costumo deixar isso acontecer pelo simples fato de ser sonâmbula. Afinal, eu tenho sonhos muito loucos e vai que em um deles eu sonhe que sou a *supergirl*?

Isso significa que novamente Zack me fez apagar e novamente me trouxe no colo e me pôs na cama. Pelo menos, teve a decência de tirar meus sapatos.

Eu não deveria ficar feliz com isso, eu sei. Quer dizer, o fato dele me carregar no colo e tal, mas... eu preciso de um pouco de romantismo na minha vida, mesmo que sejamos só, somente e tão somente amigos.

Idiota.

Peguei meu celular. Tinha uma mensagem do Zack, mas estava muito estranha. Só dizia: “desculpe”. Nada de “Desculpa, Jessi, eu sei que você me ama” ou “Desculpa, Jessi. Nossa, como você é pesada!”

Simplesmente isso: desculpe.

Senti-me profundamente deprimida. Estávamos nos distanciando. Bem, segundo os filmes de romance, isso era bom, certo? Quer dizer que no final ficaríamos juntos, de um jeito ou de outro, não é?

Só que Zack realmente estava diferente. Continuava sentando do meu lado na aula, mas não puxava mais assunto. Às vezes lançava um sorriso em minha direção ou jogava uma borracha na minha testa, mas nada além disso. Parecia que realmente estava seguindo os conselhos do tal caçador, que, aliás, já não via há cerca de dois dias, a mesma quantidade de tempo em que Zack mudara.

Tudo aquilo já estava me causando uma angústia enorme. Parecia que os dois estavam brincando comigo, tanto o vampiro quanto o caçador. O que seria eu nesse caso? A presa? Ou a figurante que só existe para em algum ponto do filme tornar-se a vítima? Nesse caso até que eu serviria para alguma coisa. Você sabe, para dar um clímax ou algo assim.

Sentia-me não só completamente inútil, mas também um empecilho para que os dois se encontrassem e se matassem. Mas eu não podia deixar isso acontecer, afinal não sabia qual seria o desfecho.



Se bem que do jeito que ambos estavam me tratando eu já não me importava.

Tanto.

Foi quando aconteceu algo que tornou a *minha* vida mais agitada.

No terceiro dia de aula depois daquele incidente, um rapaz novo chegou à universidade. Meio atrasado, verdade, considerando estarmos no segundo trimestre, mas parecia estar bem seguro de si, principalmente quando foi apresentado à sala inteira no seu primeiro dia – fico imaginando porque raios os professores fazem esse tipo de coisa com alunos novos. Quer dizer, não basta serem só... novos? Pensam que é fácil lidar com isso?

As meninas suspiraram alto. Não era à toa. O cara parecia mesmo modelo de revista: um cabelo castanho claro rebelde com mechas caindo sobre as orelhas, dois olhos profundos e castanhos tendo por cima sobranceiras arqueadas como as de Zack, mas um pouco mais baixas. Um nariz um pouco mais alongado terminando com lábios grossos e um rosto quadrado com um sorriso perfeito. Nada mau.

Claro, ele não era lindo como Zack, certo, mas com certeza devia ser modelo de alguma coisa. Parecia daqueles tipos que gostavam de bancar o *bad boy*. A jaqueta de couro preta e as chaves de um tipo de veículo na mão (carro ou moto), o jeans surrado com pinta de adolescente.

Mas qual era a daquele cara? Ele devia passar dos vinte e cinco, com certeza. Achou a vocação bem tarde ou é repetente há vários anos? Quer dizer, Zack e eu...

Bem, Zack também aparentava vinte e cinco anos, apesar de ter uns trinta quando virou vampiro. Eu tenho cara mesmo de dezenove, embora não goste de admitir. Já passei muita vergonha e só pirralho dá em cima de mim. Não que fossem muitos, quero dizer.

Mas, por incrível que pareça, logo depois que o professor apresentou-o como Sean, o rapaz lançou um olhar por sobre toda a sala e pousou-o sobre mim. Não só isso, ele também sorriu. As meninas lançaram olhares na minha direção e arregalaram os olhos. Elas não foram as únicas, eu também fiz o mesmo.

O cara realmente reparou em mim?

Olhei para baixo. Meu decote estava na medida certa. Aliás, nem decote eu tinha, minha blusa ia até o pescoço. Acho que nem tinha passado perfume. Desde que Zack deixara de me seguir, comecei a ficar mais relaxada.

Certo, só um rimelzinho e um batom claro, mas nada de mais.

O professor apontou para ele uma cadeira mais perto da porta, mas ele ignorou e seguiu em minha direção. Ouvi Zack endireitar-se na cadeira atrás de mim, parando instantaneamente de puxar fios da minha blusa. Sean sentou-se na cadeira ao meu lado e imediatamente virou-se para mim.

– Oi!

Eu também me endireitei na cadeira, achando que devia estar tendo outro daqueles sonhos malucos em que perceberia pela manhã que joguei todos os meus sapatos pela janela durante a noite.

– O-oi... – e minha voz esganiçada ataca de novo.

– Bom, o professor já me apresentou... mas não é justo. Afinal, você sabe

meu nome e eu não sei o seu.

– Hum, bem, é Jéssica.

– Prazer, Jessi. Posso te chamar assim?

Zack limpou a garganta atrás de mim. Devo admitir que eu estava começando a sentir o doce gosto da vingança.

– Claro que pode.

O pedaço de borracha que Zack tacou atrás da minha cabeça estava bem maior do que o normal.

– Hum, acho que seu namorado aí parece um pouco incomodado com a nossa conversa. É seu namorado, não?

Eu virei para trás para fitar Zack, mas ele apenas mantinha os olhos fixos em Sean.

– Não – respondi, com gosto – Somos apenas amigos.

Zack cruzou os braços, abaixou a cabeça e começou a fitar o livro fechado sobre a mesa. Parecia magoado.

Mas por que estaria, afinal? Não era exatamente isso que ele queria?

O professor chamou nossa atenção para variar e viramos para frente, mas todo o tempo eu sentia o olhar de Sean queimando a minha pele.

Não entendia todo aquele súbito encanto sobre mim.

Será que eu estaria caindo em alguma armadilha novamente? Algo como “a vingança de Rick parte 2?” Você sabe, o namorado da Linda que fingiu que gostava de mim para provocar ciúmes nela.

Contudo, Sean era novo na universidade, não sabia nem da metade das coisas que já aprontei nesses meses em que fiquei. Ele *realmente* se interessou por mim?

Autoestima subindo.

Já estava mais que na hora, não?

Assim que a aula terminou, Sean levantou-se primeiro e sentou-se em minha mesa.

– Pode me levar até o refeitório, Jessi? Isto é, se o seu *amigo* aí não se incomodar.

Antes que eu tivesse chance de responder, Zack empurrou a cadeira ruidosamente e saiu, passando apressadamente no meio dos alunos. As *otakus* lançaram-me olhares de dúvida como se eu pudesse explicar por linguagem de sinais o que havia acontecido. Mas eu preferi ser mais inquisitiva com outra pessoa.

– Certo, qual é o lance?

– Desculpe, não entendi... – respondeu Sean, com uma sobrelance arqueada.

– Por que eu? Olha quantas meninas bonitas ao nosso redor.

Ele deu uma risada discreta.

– Sua autoestima não é das melhores, não é?

Bem, tenho que agradecer a Zack por isso.

– Jessi, você é linda, sabia? Tem um olhar misterioso, não sei, seu cabelo... com certeza você não parece fútil como as meninas dessa universidade, não é?

– Chuta de novo.

– Bom, mas parece ser mais da minha idade, não é? Vamos lá, Jessi... eu sou

novo aqui. Não custa nada dar um pouco de atenção para um aluno novo, não é?

Embora eu deva admitir que estivesse gostando da ideia de ter mais um me cortejando além de Zack, eu não sentia que aquele cara fosse muito digno de confiança. Alguma coisa nele, naquele jeito, não sei.

Ou talvez eu tenha ficado mais desconfiada depois de tantos golpes, o que é bem possível. Afinal não sou mais adolescente, o mundo não é cor-de-rosa e chocolate não faz bem para a pele. Embora eu ainda espere que os cientistas de Harvard provem o contrário.

Bom, parece que provaram que duas barras de chocolate por semana aumentam sua vida em um ano. Se for assim, eu vou viver pra sempre e nem preciso ser vampira pra isso.

Só que eles ficam sempre lindos e eu seria eternamente gorda.

Vou escrever para alguma coluna de revista feminina pedindo conselhos. Tudo bem que o que vou acabar lendo como resposta seria algo envolvendo dispensar alguém, conversar com minha mãe ou terapia.

– Bem, está certo – concordei, esperando ao menos distrair-me por um tempo e tirar toda essa coisa de caçador e caça da minha cabeça – Vamos lá, é só seguir pelo corredor.

Ele andou ao meu lado conversando animado, mas eu quase não prestava atenção. Não que ele fosse chato ou algo assim – na verdade um pouquinho, se fosse divertido eu *estaria* prestando atenção – mas minha cabeça estava muito cheia de coisas. Acho que ele disse algo do tipo “meu pai é advogado” ou “eu tenho um cágado”, e riu. Bem, se ele riu, então não devia ser nenhuma das duas coisas, já que não vejo nada demais.

Ou o pai dele é um cágado, aí sim seria engraçado.

Eu ri também, apenas para não deixá-lo desconcertado, mas no fundo acho que não me importava tanto. Não sei se sentia dentro de mim que estava traindo Zack. Mas minha caça deixou bem claro que não queria nada comigo, não foi?

Quando chegamos ao refeitório percebi que Zack não estava lá, o que explicaria todo o time de basquete perder o medo sentando-se às mesas com descontração (pra quem não lembra, Zack deu uma surra nos caras porque eles se meteram na ‘conversa’ com o capitão) e fazendo um barulho danado. As *otakus* também não estavam, talvez estivessem no quarto assistindo algum anime.

– Bom, aí está – declarei, ansiosa para livrar-me dele – chegou são e salvo. Ali estão as bandejas: você se serve ali, e pode sentar-se em qualquer lugar, embora eu recomende firmemente que não se acomode onde aqueles caras estão fazendo briga de *catchup*.

Ele virou-se para mim com uma expressão confusa.

– Como assim? Você não vai me acompanhar?

– Bom, não, estou meio sem fome. Tenho que estudar também e ando com muita coisa na cabeça.

– Bem, então não vai conseguir estudar direito com muita coisa na cabeça, não é? – ele riu – Se quiser, eu posso ajudar.

– *Você* me ajudar? Pelo que eu saiba, a pessoa mais atrasada na matéria aqui é você.

– Sim, mas eu sou bom em tudo... – ele aproximou-se, passou a mão em

minha cintura e acrescentou – Tudo mesmo...

Aquilo foi demais. Nunca gostei de intimidade comigo, ainda mais de gente que não conheço. Afastei as mãos dele com um gesto brusco e rápido, como se estivessem me queimando.

Bem, quase estavam.

– Alto lá, *Dom Juan* – sibilei, apontando um dedo na direção dele – Não sou o tipo de mulher que você costuma encontrar por aí. Vai dar uma voltinha lá pelo clube das garotas de torcida, talvez elas sejam mais receptivas.

– Eh, calma aí, recatada. Só queria...

– Cala essa boca.

Uau. ‘Cala essa boca’ foi cruel, eu sei. Mas nada tira da minha cabeça a ideia de que aquele cara não era alguém confiável. Ele me fitou com olhos arregalados e fechou a cara. Senti que talvez fosse ver algo interessante, mas Sean simplesmente sorriu com indiferença novamente e se afastou.

Será que Zack viu nele alguma intenção maldosa como havia visto em Rick a primeira vez que o encontrei ou seria só ciúme? Bem, devia ser algo ruim então, porque não tem por que Zack ter ciúme de mim. Afinal, você sabe. Somos só amigos.

Idiota.

Fui para a biblioteca, massageando minhas têmporas. Esperava encontrar algum livro que pudesse me distrair, algo da Meg Cabot ou da Nora Roberts, tanto faz. Qualquer coisa para tirar minha mente da realidade agora. Então podia ser algum livro estilo Stephen King para eu pensar que minha realidade fosse a melhor no final do livro.

Enquanto passeava pelas prateleiras, encontrei um homem alto, todo vestido de vermelho escuro e chapéu largo, chamando a atenção de tal forma que todos no recinto fechavam seus livros e saíam. Provavelmente imaginando que ele fosse algum personagem tenebroso, fugido de algum livro secreto e obscuro de *Harry Potter*.

– Vincent, o que faz aqui?

Ele virou-se para mim, segurando um livro nas mãos e fitou-me de cima a baixo.

– Você esteve com Zack

Sério, ele tem os poderes de um São Bernardo.

– Sim, por acaso ele estuda na mesma sala que eu.

– Hum.

Ele tornou a virar-se para o livro e eu suspirei. Essa pose toda é treinamento do Conselho ou ele é realmente muito chato? Quando virei para ir para a próxima prateleira, ele começou a falar novamente.

– Precisamos aprontar uma armadilha para ele.

Arqueei uma sobrancelha.

– Precisamos?

Ele recolocou o livro no lugar e aproximou-se de mim, com a capa quase se arrastando no chão.

– Sim, precisamos. Você não disse que deseja ser minha discípula?

– Então precisa da minha ajuda? – sorri, ferina.

– Não – ele respondeu secamente – mas talvez você possa aprender alguma coisa de útil enquanto estiver aqui.

Meu sorriso estava congelado no rosto, mas na verdade eu estava rangendo os dentes.

– Bem, e qual a ideia?

– Você disse estudar com Zack. Ele vai estar na aula amanhã?

– Bem, não sei. Ele é meio de lua...

Rá rá rá – de lua. Só falta ser lobisomem para eu poder acrescentar no meu currículo de coisas que *não* consigo caçar.

– Bem, se ele não estiver eu vou atrás dele em seu quarto.

– Não acha melhor arrumar passe livre para fazer isso? – só então me toquei que estava querendo facilitar as coisas para Vincent.

Meu orgulho ferido funcionava automaticamente comandando meu subconsciente em busca de vingança.

– Não preciso me preocupar com essas bobagens do Conselho. Vim aqui apenas para fazer o meu trabalho – cortou ele, esbanjando presunção.

– Mas não é importante guardar o segredo das outras pessoas? Você sabe... – sussurrei – sobre o nosso trabalho?

Ele suspirou. Provavelmente já deve ter escutado aquela ladainha milhares de vezes.

– Sim. Mas também é importante não deixar testemunhas.

Engoli em seco. De repente muita coisa que Zack havia mencionado começou a fazer sentido. Testemunhas. Golpes baixos. O que Vincent era capaz de fazer para alcançar seus objetivos.

– Quais são os poderes que você tem? – perguntei sem pensar.

Ele arqueou uma sobrancelha e de súbito esboçou o que se poderia considerar uma tentativa falha de um sorriso.

– Acho que isso não é da sua conta, senhorita Jéssica.

– Mas seria interessante ver a extensão de poderes de um caçador, certo? Eu tenho poderes estranhos e tal... gostaria de saber como você se vira com os seus!

– Hum. Bem, eu tenho um poder muito mais extenso do que o seu de pressentir a presença dos vampiros.

– C-como sabe disso? Quer dizer, desse meu poder?

– Todos os caçadores têm.

Eu me senti um pouco indignada. Quer dizer, eu tenho um poder que todo mundo tem. Grande coisa.

– E no que o seu se difere? – retruquei, torcendo o nariz.

Ele olhou ao redor e continuou sua fala profunda e quase silenciosa.

– Eu posso sentir a presença de um vampiro em seus mínimos detalhes. O seu cheiro. Quando ele toca algo, quando ele passa por algum lugar... Quando ele toca em alguém.

Engoli em seco outra vez. Aquilo foi uma direta.

– Nossa, que legal, hein? Bom, então, o que seria sua armadilha?

Ele cruzou os braços.

– Bem, apenas chame-o para ir ao jardim depois da aula. Reparei que os alunos vão direto para os seus quartos assim que termina.

– Deve ser porque é proibido zanzar pela universidade à noite. De modo que eu também posso ser punida.

– Uma caçadora deve preocupar-se apenas com seu trabalho. E depois, eu só disse para que você o chamasse, e não que estivesse lá.

– Acontece que se eu não me comportar decentemente posso despertar suspeitas sobre minha profissão, tá?

– Sim, claro. Se você não é uma estudante exemplar, então eles poderiam desconfiar que, na verdade, você é uma caçadora de vampiros.

Calei-me, mas mais pelo fato de ser ‘uma estudante exemplar’.

Ele sacudiu a cabeça e passou por mim, seguindo direto para a saída, deixando ainda no ar a frase “chame-o para ir ao jardim”.

Então, certo, minha missão é: *não* levá-lo ao jardim.

Claro, você não quer que eu ajude um caçador tão mal-educado, não é?

Mandei uma mensagem para o celular de Zack, já que não seria seguro chegar perto dele e deixar, sei lá, algum tipo de essência dele em mim que pudesse ser farejado por aquele caçador sabujo.

Avisei-o dos planos do Vincent, em chamá-lo para ir ao jardim, e pedi que ele evitasse ir à aula, mas que não ficasse no quarto. Devo ter digitado algumas letras erradas e devo ter deixado a mensagem soar estranha, mas acho que tinha deixado claro o suficiente.

Deixado claro que eu me importava, pelo menos. Porque ele respondeu momentos depois:

“Eu sei que você me ama, Jessi.”

Não fiquei com raiva extrema por dois motivos:

1 – ele recebeu a mensagem.

2 – ele não estava com raiva de mim.

Bem, também não tinha porque estar. Afinal, não somos namorados e quem estava dando em cima de mim era o Sean. Afinal Zack e eu éramos apenas...

Enfim, não importa.

Fui para o quarto, mas acabei interceptada pelas *otakus* e Bobby no corredor.

– Chefa! – chamou Sofia, aproximando-se e segurando meu braço – O que aconteceu hoje na aula? Por que Zack saiu tão aborrecido e o que você estava fazendo com aquele garoto novo bonitão?

– Puxa, o cara é o maior gato! – cortou Estela, por sua vez – Parece o Robert Pattinson. Ele tem presença?

– B-bem, acho que sim – gaguejei, sem saber se respondia ou deixava as perguntas no ar – Não percebeu que todas olhavam para ele?

– Não, chefa, eu quis dizer *presença*, não presença – ela enfatizou a primeira palavra como se isso fizesse alguma diferença.

– Ah, quer dizer se ele é vampiro? Ah, não, não é vampiro. Um pouco

metido, arrogante, presunçoso, mas vampiro não.

– Bem, se ele fosse vampiro, justificaria as qualidades – atacou Bobby.

– Liga não, chefe. É a síndrome ‘se o cara é gato, deve ser gay’ que todo homem tem.

A fala de Dine parecia ter justificativa, já que Bobby apenas torceu o nariz e olhou para o outro lado do corredor enquanto andávamos, fazendo de conta que não estava nem aí.

Mas eu tinha que acalmar aquelas mentes inquietas.

– Não se preocupem, meninas. Esse tal de Sean só pegou um pouco no meu pé. Acho que Zack apenas ficou com ciúme, o que não entendo.

– Não entende o quê? – quis saber Dine.

– Não entendo, porque Zack deixou bem claro que... – engoli em seco – que éramos apenas amigos.

– Idiota.

– Eu sei! – gritei feliz por ver que mais gente concordava comigo.

– Mas ele realmente aborreceu-se... Acho que agora o fã-clubes do Zack vai ser outro a ficar enfiando adagas na sua porta, chefe.

– Por quê? Não era o que elas queriam? Agora o Zack está livre para elas, não é?

– Sim, mas você o aborreceu; ou pior, parece que o trocou por outro.

Incrível como eu nunca consigo agradar ninguém, não é? Bem, não vim para essa universidade para arrumar amigos.

Hum, nem ter como namorado o vampiro que eu deveria estar tentando matar.

Em resumo, o que raios eu ainda estava fazendo ali?

– O que vai fazer agora, Jessi? – perguntou Bobby, coçando a cabeça – Quem era aquele cara de vermelho escuro com a roupa do *Vampire Hunter D* parado lá fora ou andando pelos arredores como se fosse um fantasma?

Ah, sim, um dos motivos pelo qual eu ainda estava ali.

– É o caçador do qual falei. Cuidado com ele. Vincent não sabe que vocês sabem da nossa profissão e o pior, ele diz que não se deve deixar testemunhas. Então fiquem longe dele, entenderam?

Elas fizeram o sinal de soldado, batendo continência.

– Sim, chefe!

– Certo, meninas, está na hora de começarem a me evitar. O circo vai pegar fogo.

– Que circo?

– O circo dessa palhaça aqui – cortei, irritada por não saberem o que queria dizer a expressão e fiquei me perguntando o que diriam se eu perguntasse o que era um LP.

Virei para ir ao quarto, mas elas agarraram no meu braço novamente.

– Meninas, qual a parte do ‘está na hora de começarem a me evitar’ que vocês não entenderam?

– Primeiro você vai assistir o anime de *Hellsing* com a gente! – anunciou Estela, animada.

– O inferno canta?

Elas torceram os narizes tão perfeitamente que achei que até *eu* poderia desenhá-las.

– Nunca, em hipótese alguma, traduza nomes de animes, chefe – avisou Sofia, com uma cara de horror – Você poderia ser linchada no mundo otaku.

– Também enfiariam adagas na minha porta?

– Pior, amarraríamos você na cadeira e a faríamos assistir mais de 400 episódios de *Dragon Ball*.

Foi a vez de Bobby torcer o nariz.

– Eu gosto de *Dragon Ball*, tá?

– Então faríamos você ver os filmes de Crepúsculo.

Ele se calou, ainda murmurando ‘mas foi a Jéssica que cometeu o crime, não eu...’

De qualquer forma fui arrastada para o quarto e sentei-me no chão, com um suquinho de soja muito gostoso até, chamado *Mupy*. E ganhei um par de orelhinhas para usar – mas só no quarto. Puseram no meu colo um boneco de pelúcia chamado *Totoro* e bateram uma foto, antes de ligar o vídeo. Incrível como não se nega nada para aquelas meninas.

A novidade, entretanto, é quando bateram na porta, minutos mais tarde. No mesmo instante Bobby se endireitou e passou a mão pelos cabelos, assumindo outra postura. Até eu acabei me endireitando no chão; vai que aparece alguma embaixadora *Kawaii* na porta?

Sofia abriu a porta e entrou uma menina muito bonitinha, com cabelos claros curtos e jeito tímido. Abriu um sorriso discreto e desviou os olhos para o chão quando encontrou os de Bobby.

Ah, minha nossa.

Que coisa fofa. Agora sim, me sinto tia de creche, mas não posso evitar realmente estar achando aquilo muito engraçado.

Abri um espaço para a menina sentar, de modo que ela se sentasse bem o lado dele. Posso jurar que Bobby quase mudou de cor. Ficou tão vermelho que acho que Zack teria até fome.

– Jéssi, essa é a Ana, também chamada de Doidinha. Ana, essa é a chefe. Sabe que ela é uma caçadora de vampiros de verdade?

– Estela!! – protestei com olhos arregalados. Por que ela não anuncia isso num *blog* da vida, droga?

– Que foi? – ela deu de ombros.

Ana virou-se para mim com excitação nos olhos.

– Nossa, que legal, chefe! É verdade que os vampiros brilham de dia?

– Não... – murmurei meio contrariada, mas devo confessar que fiquei feliz de revelar isso.

À noite, pela madrugada, senti algo estranho me incomodando. Sempre durmo com tudo fechado, mas a janela estava aberta e o frescor do vento invadia o quarto como um ar condicionado improvisado. As cortinas de seda esvoaçavam livres, alegres por terem espaço para dançar no sussurro do vento tão tarde da noite.



Mexi-me lentamente, ao sentir que havia uma presença no quarto, mas não me assustei. Principalmente porque Zack sempre fazia isso, mas normalmente pulava na minha cama gritando que estava com sede e quase me dava um ataque cardíaco. Depois me contava tudo sobre o filme que passou na Sessão da meia noite; mesmo se eu implorasse para que ele se calasse e que pouco me importava se o assassino era o mordomo, ou se a mulher que o mocinho gostava era na verdade um homem.

O que me fazia perguntar por que raios ele ainda passava parte da noite assistindo isso. Da última vez, todos os personagens do filme tinham morrido. Não estou brincando.

Bom, talvez ele tenha se identificado estando do mesmo lado, ou seja, morto.

Só que a presença estava simplesmente sentada na janela, e senti olhos sobre mim. Eu estava bem coberta, lógico, costume me cobrir dos pés à cabeça; até os ouvidos eu cubro com meus cabelos.

Não por frio, mas por medo mesmo; isso é o que dá assistir 'Acredite se Quiser' quando se é muito pequena.

Não deixe seus filhos assistirem tudo, mesmo que eles jurem de pé junto que não têm medo. Vai por mim, a maior parte das vezes é mentira mesmo.

Quando tentei mover minha cabeça na direção da janela, a presença sumiu. Era Zack, eu podia sentir isso por causa dos pêlos eriçados da minha nuca afundando em meu travesseiro.

Por que ele não entrara e me irritara? Por que raios ficava me evitando?

Levantei-me e corri para a janela, mas quando espichei a cabeça para fora já não havia nada. Seus poderes de vampiro *The Flash* atacaram de novo. Isso é coisa de homem, sabia? Fugir quando se está pronto para discutir a relação.

Deve ter ido assistir a algum jogo de futebol ou ir beber os amigos.

Voltei para a cama, achando que ia demorar horas para pegar no sono, mas acho que já estou me acostumando com situações estranhas, porque nem me lembro de ter me encostado direito no travesseiro e só abri os olhos na manhã seguinte.



– Oi, Jessi! – assustou-me Sean, assim que me viu concentrada com um livro na mão.

Ergui a cabeça um pouco irritada; não é sempre que consigo concentrar-me em algo tão complicado como História Antiga. Senti um arrepio percorrer minha espinha ao avistar o rosto sorridente dele. Pensei que ainda devia estar um pouco aborrecido comigo, já que eu dei um fora meio grosseiro nele no dia anterior, mas não parecia nem um pouco abalado. Talvez por ser tão lindo devia ser bastante seguro de si, o que não é o meu caso. Admito que estava meio carente e esse homem lindo me dando atenção era agradável.

Acho que todo terapeuta devia contratar um(a) modelo para dar em cima do(a) paciente. Isso faz bem para o ego e deve poupar muitas sessões para se recuperar autoestima.

Ah, sim, o terapeuta em questão não ia ganhar muito dinheiro, então não seria muito viável.

– Mas então, precisa de ajuda com história, gatinha?

Gatinha? Argh. Odeio esse tipo de elogio. Gatinha, princesa, gostosa. Será que os homens acham que não sabemos que usamos esse tipo de elogio para se sentirem superiores – pelo menos *eu* sei – e provocarem algum tipo de submissão versus autoestima? Ah, ou quando esquecem o nome da garota em questão.

– Não preciso de ajuda com nada, obrigada. E não me chame assim – voltei os olhos para o livro.

– Ah, qual é? – Sean riu, sentando-se ao meu lado – E a propósito, você tem razão. As meninas de torcida são muito receptivas.

Arqueei uma sobancelha sem perceber.

– O que quer dizer?

– Ah, você sabe... você não quis jantar comigo, mas elas se reuniram em volta de mim como moscas no mel.

– Que bom para você – suspirei.

Ele pode ser lindo, mas o que mais tinha de interessante além de um corpo

lindo? Nada. Como aqueles utensílios de culinária caríssimos que se compra porque são lindos, mas nem um pouco práticos. Já usou uma daquelas gracinhas de fazer suco? Eu sim, e devo dizer que tinha suco para todo lado na cozinha, mas nada dentro da jarra.

– De qualquer forma, senti sua falta – ele continuou, ao perceber que eu continuava calada – Elas são um pouco irritantes, às vezes.

*Como você?*

– Bem, Sean, olhe só, vai ter prova hoje e eu...

– Não quer ir dar uma volta comigo na cidade hoje? Eu tenho um conversível.

Ai, minha nossa. O cara ainda era rico. Prato cheio.

– Hum, você mora por aqui?

– Ah, sim, moro, por um tempo. Até me formar. Resolvi fazer uma nova faculdade.

– Isso explica sua idade...

Ele sorriu meio sem graça.

– Bem, não quero depender do meu pai a vida toda. E você? Está hospedada aqui na universidade, não é?

Bem, devo admitir que ele não era ruim de papo, mas não me sentia totalmente segura perto dele ainda. Sim, *ainda*, porque ele realmente estava quebrando o gelo.

E não foi por causa do carro, certo?

Acabamos conversando por um tempo, quase a tarde toda. Andamos pelos corredores, visitamos a biblioteca e por incrível que pareça, ele não falou exclusivamente dele mesmo como eu suponha, embora eu não estivesse especialmente com vontade de falar de mim. Afinal, do jeito que sou tagarela, poderia acabar dando com a língua nos dentes, aí já viu, *né?*

“Sou caçadora de vampiros nas horas vagas e sei fazer um bolo de cenoura muito bom” era o que eu acabaria falando.

O que realmente me incomodava era quando as meninas passavam e ele dava uma piscadinha ou passava as mãos pelos cabelos de alguma, fazendo-a corar. Eu não estava com ciúme, veja bem, mas isso incomodava porque eu me sentia como uma que ele estivesse passando o tempo. Afinal, ele estava falando comigo, não com uma adolescentezinha qualquer. O que me lembra que eu devia estar me comportando como uma.

Eu realmente senti uma atração por ele, mas no fundo era como se estivesse apenas preenchendo um espaço. Sinto-me completamente carente logo depois de levar um fora. Eu estava inegavelmente apaixonada por Zack e percebendo isso cada vez mais, mas o que podia fazer? Eu tinha que esquecê-lo, não é? Mesmo com uma paixonite idiota que iria terminar assim que sáísse de lá; embora não soubesse exatamente quando.

O devaneio de me comportar como uma juvenzinha desapareceu quando percebi Vincent entrando na universidade outra vez. Sempre me perguntava o que ele fazia do lado de fora a tarde toda; mas suponho que ele simplesmente passava o tempo fora para não misturar-se, e aparecia quando estava na hora de escurecer.

*Levar Zack ao jardim*, foi o que ele disse.

O que Vincent estava aprontando? Ia cavar um buraco no chão e cobrir com folhas para meu vampiro cair lá dentro? Talvez amarrar uma corda em forma de força no chão para quando Zack passar ali ficar pendurado feito um coelho?

Quando me afastei para ir na direção dele, Sean apertou fortemente meu pulso.

– Onde você vai? Nossa aula já vai começar.

– Eu... hum, preciso resolver um problema.

– Então vou com você. Não posso deixá-la chegar atrasada sozinha.

– Não, olhe, é só por um tempinho. Preciso falar com alguém...

Mas quando me virei Vincent já havia sumido da minha vista. Teria ido ao prédio de Zack, confrontá-lo diretamente? Tentei desvencilhar-me da mão de Sean, que parecia apertar-me cada vez mais. Quando olhei para o meu pulso com estranheza, ele percebeu e afrouxou-o. Mas não o soltou.

– O que está fazendo? Me larga.

– Você não vai atrás daquele cara, não é?

Eu pensei que ele estava falando de Vincent, mas quando vi Zack surgindo das sombras e o sorriso amarelo de Sean para ele, percebi que um pequeno confronto estava prestes a ocorrer.

Pode me chamar de fútil, mas tem noção de quantas páginas de diário escrevi imaginando um momento assim?

– Solte Jéssica – disse Zack, com voz seca e rígida.

Sean soltou-me de leve e pôs as mãos nos bolsos.

– Ora, ora, se não é o namorado da Jessi.

Zack permaneceu fitando Sean e não disse nada, mas minha voz saiu sem eu perceber.

– Ele não é meu namorado.

Sean sorriu.

– Então não vejo o porquê de todo esse clima, não é? Jessi e eu estávamos apenas conversando... Zack, não é?

– Jessi, vamos para a aula – Zack disse simplesmente, virando os olhos para mim. A expressão dele era dura como rocha. Será que poderia ver as intenções de Sean também (que eu ainda não sabia) ou era... ciúme?

– Sim... já está na hora – respondi, olhando para os lados.

Onde estava Vincent? Ele devia saber que Zack estava ali, na beirada do jardim, mas talvez ainda não estivesse preparado ou com receio de aparecer na frente de Sean. Então eu devia estar agradecida por isso.

Os três seguiram silenciosos para a aula; eu andando na frente e os dois atrás, ao lado um do outro. Fiquei curiosa para olhar para trás e ver o que podia estar acontecendo, mas mantive-me firme. Desviei o olhar para uma vidraça, entretanto, para admirar o reflexo quando passei pela janela. Sean mantinha-se com um sorriso no canto dos lábios; Zack, inexpressivo.

Ah, vampiros tem reflexo. Ainda bem. Quer dizer, eles são sempre lindos; não podiam sair sem dar uma retocada no delineador ou na base de pó branco, não é?

Não sabendo o que podia fazer para aliviar a situação, suspirei e entrei na

sala.

Zack sentou-se atrás de mim, Sean ao meu lado. Estávamos sendo observados por todos quando entramos; o professor não teve coragem de chamar nossa atenção pelo atraso.

Parecíamos um trio sinistro de cavaleiros das trevas. Nem tinha reparado que estávamos todos de preto. Minha roupa costuma refletir meu humor; não costumo pensar muito antes de decidir o que vou vestir.

Acho que não costumo pensar muito para decidir nada.

Minha recente baixa-estima está agora dizendo que não costumo pensar, ponto.

Se Vincent estivesse aqui, seríamos agora as quatro bestas do apocalipse. Eu não sei dizer quem seria quem: a guerra, a doença ou a morte, mas sei que a fome seria eu.

Meu reino por um *muffin*.

Sofia me passou um bilhete e Sean demorou para me entregar, brincando com ele nas mãos. Agarrei o pulso dele e arranquei o papel de seus dedos, ao que ele soltou um risinho acompanhado de 'sua bruta'. O professor virou-se para nós e eu joguei o bilhete para dentro do livro, ardendo de curiosidade.

Zack não fazia nada. Eu desejei ardentemente que ele suspirasse sobre meu pescoço ou sussurrasse no meu ouvido como fazia antes; que dissesse que estava disposto a lutar por mim. Não, certo, isso ele nunca me disse, mas sussurrar no meu ouvido falando bobagem ou respirar no meu pescoço para me arrepiar era comum.

Talvez eu fosse apenas digna de pena da parte dele. Ele devia estar pensando apenas em cuidar de mim, para que Sean não abusasse; mas devia se sentir aliviado por alguém me tirar da sua cola.

Devo ter dado um suspiro triste, porque algumas pessoas olharam para trás. Escrevi um bilhete para Zack e joguei-o para trás assim que o professor tornou a virar para o quadro. Eu pensei que essa fase já houvesse acabado, sabe? Agora só falta eu dar a língua para o professor e jogar aviõezinhos.

No bilhete eu o avisava novamente para que não fosse hoje ao jardim; que ficasse enfurnado na biblioteca ou coisa parecida. Eu o ouvi abrindo o bilhete e um barulho leve de papel sendo dobrado. Depois, rasgado. Virei para trás para entender o motivo e ele apenas sorriu. Deu uma piscadinha para mim, pôs um dedo nos lábios pedindo silêncio e voltei a me virar para frente.

Lembrei-me de que também tinha um bilhete para ler; então abri o livro e procurei-o entre as páginas. Desdobrei o pequeno papel e vi a letra rabiscada de Sofia com coraçõezinhos nos lugares dos pontos dos 'is como eu costumava fazer. Dizia: "Não há homem de capa vermelha no jardim. Bobby está lá fora mandando pequenas mensagens no celular. O seu está desligado?"

Então me toquei que havia esquecido o filhinho da mamãe em cima da cômoda. Cheguei a me coçar só de perceber que estava sem ele e um nó muito apertado no meu estômago estava se formando. Eu costumo ter ânsia de vômito quando noto que estou sem meu celular, mas dessa vez eu estava além disso.

Vincent não estava no jardim. Meu celular estava cheio de mensagens de Zack, muito incriminadoras. Sem contar as chamadas, ah meu Deus. Meu aviso

de que não fosse ao jardim. Meu emprego de caçadora do Conselho não estava só abalado; também ia ser considerada criminoso. O que acontece com traidores da causa?

Eu não sabia como chegar ao quarto. Era final de trimestre; os corredores estavam cheios de bedéis e o professor em hipótese alguma iria me deixar sair. Que situação!

Eu abaixei a cabeça e gemi baixinho. O sinal estava para tocar. Assim que soasse, eu correria escada abaixo e corredores intermináveis para alcançar meu quarto. Eu só precisava esperar alguns minutos. Não tinha coragem de olhar para o relógio.

– Jessi?

A voz de Sean chegou a me dar uma leve irritação, mas que se desmanchou ao fitar aquele rostinho bonito.

– O quê?

– Fiquei sabendo que vai haver um baile... baile da primavera, não é?

– Vai... – tive que piscar para me lembrar do que ele estava falando. Em outros tempos eu não estaria pensando em outra coisa e em qual vestido usar. Aliás, qual vestido eu vou usar, mesmo? Aliás... eu vou? – Vai, vai ter sim.

– Pois então – ele debruçou na carteira e tentou sussurrar com uma voz sedutora – Eu gosto muito desses bailes... não quer ir comigo?

Eu engoli em seco. O segundo convite em menos de duas semanas? Tudo bem, antes talvez eu fosse levada só por pena do que por qualquer outra coisa da parte de Zack, mas e agora? Talvez ir com Sean não fosse de todo ruim.

– Hum, bem... eu não sei.

Nesse momento Zack deu um chute certeiro no pé da minha cadeira fazendo-me cair junto com ela, estabana no chão da sala, arrancando risos da turma e pedidos de ordem do professor. Não que eu já não estivesse acostumada com esse tipo de situação, mas procurei o rosto de Zack com olhos arregalados à espera de uma explicação.

– Você prometeu ir comigo, esqueceu? – ele sussurrou com dentes cerrados.

Eu levantei-me meio desequilibrada, sendo ajudada por Sean e sentei-me outra vez. Não sabia o que dizer. Mesmo depois de todo aquele lance de ‘vamos ser só amigos’ ele ainda achava que iríamos juntos?

– Você não me quer, esqueceu? – retruquei, com um brilho vingativo no olhar.

Eu estava realmente tentada a aceitar o convite de Sean só para provocar Zack? Nossa, eu realmente devia parar de ler romances água-com-açúcar. Mas a verdade é que eu não queria ir com nenhum dos dois. Sei lá, desisti.

Tocou o sinal. Os alunos levantaram-se e saíram; inclusive as *otakus*, lançando-me olhares de confusão. Elas deviam ver apenas desenhos animados; não deviam estar acostumadas com novelas.

Sean e Zack encaravam-se. Sean com um sorriso de malícia, Zack com o rosto fechado, mas parecia estar cerrando os dentes. Seu punho se fechou e instintivamente pus as mãos sobre ele. A pele dele estava fria, tensa, mas pareceu relaxar ao meu toque.

Ele olhou para baixo, no lugar onde minha mão tocava a dele e sua respiração começou a sair levemente. O que devia estar passando por sua mente

agora?

– Bem, Zack – disse Sean, tentando aparentemente romper aquele nosso momento de intimidade de forma irritante – Jessi e eu vamos ao refeitório. Vai nos acompanhar? Por que você não parece ter o hábito de alimentar-se com frequência...

Eu arregalei os olhos. Como ele sabia disso, sendo tão novo naquela universidade? Será que foi fofoca de alguém?

Zack deu um suspiro e sorriu, de forma um pouco tensa. Fechou os olhos e passou por nós, dizendo.

– Não. Eu vou ao jardim.

Senti meus músculos retesarem e agarrei o braço dele com firmeza. Ambos estranharam o meu gesto.

– Não! Você sabe que não pode ir lá! Pare com isso, Zack! É só para me provocar, não é?

– Não sei do que está falando, Jessi – ele retrucou, com uma voz fraca como um sussurro – não é como se você se importasse.

Eu quis meter a mão na cara dele. Homens são tão infantis!

Quer dizer, só porque eu quis me vingar dele aceitando a paquera de outro? Não tem sempre um triângulo amoroso numa história de vampiros?

Bem, pelo menos nas que eu li. Não deveria tentar ser diferente; afinal não se mexe em time que está ganhando.

– Por favor, eu não sei – abaixei a voz quando percebi que Sean tentava nos escutar – eu não sei onde Vincent está. Espere ao menos eu localizá-lo; não acho que esteja no jardim mesmo, deve ser apenas uma isca!

Ele chegou bem próximo do meu rosto e eu prendi a respiração. Seus olhos emitiam um brilho selvagem, provocativo e por um momento desejei que ele me beijasse intensamente.

– Eu sei me cuidar, Jessi. Vá viver sua vida humana junto com seu novo amigo. Sobrevivi por 800 anos, não foi?

Sean ergueu uma sobrelanceira e eu gelei. O que raios Zack estava tentando fazer? Entregar a gente?

Em seguida seguiu em frente, desvencilhando-se do meu braço e não olhou mais para trás. Sean tocou em meu ombro e sussurrou em meu ouvido.

– Ele disse 800 anos?

– Ignore-o – tentei dizer, aparentando calma – Ele viu muito filme. Só está querendo bancar o engraçadinho.

– E então? Vamos comer alguma coisa?

Eu não conseguia pensar direito. Precisava urgente do meu celular, então também precisava de uma desculpa idiota qualquer para poder fugir para lá e tentar descobrir, pelas mensagens do Bobby, onde aquele caçador *psico* podia estar.

– Desculpe, Sean, estou me sentindo um pouco indisposta... vou para o meu quarto, espero que não se incomode.

– Ora, claro que não... eu vou acompanhar você.

– Não precisa! Eu mesma posso...

Ele passou o braço por volta dos meus ombros e me empurrou levemente

pelo corredor. Eu estava em uma enrascada. Precisava correr antes que Zack e Vincent se encontrassem, mas Sean estava me atrasando.

Comecei a suar frio.

– Você está bem, Jessi? Parece um pouco nervosa...

– Estou um pouco indisposta, eu disse. Deixe-me ir, eu preciso...

Então quem surge na porta no final do corredor para as escadas?

O diretor.

Lei de Murphy miserável.

– Jéssica! Você parece pálida... está tudo bem?

– E-eu...

– Ela está um pouco indisposta – explicou Sean, antes de mim – eu vou levá-la ao quarto e deitá-la.

– Hum, muito bem, muito bem. Obrigado, Sean. A propósito, Jéssica, seu tio ainda precisa assinar os papéis se quer continuar aqui, cuidando da sua educação de perto.

– Meu... meu tio?

– Sim... qual o nome dele mesmo... ah, Vincent. É estranho recebermos uma carta tão explicativa, mas ele mostrar tão pouco interesse por sua educação ao chegar.

– Ahn... meu tio é meio estranho mesmo... – respondi, tentando disfarçar minha surpresa. Então essa é mesmo a desculpa que o Conselho deu, mas Vincent parece não estar nem um pouco interessado nela. Ele pode fazer isso?

Quer dizer, não que eu não goste de bancar a filhinha de Papai, o Embaixador.

– Bem, bom trabalho, Sean. Certifique-se de que a senhorita Jéssica descanse, está bem?

– Obrigado, Sr. Anderson. Vou cuidar bem dela.

Aaah, então o nome do diretor era Anderson. Pelo menos para alguma coisa Sean serve. Quer dizer, além de me ajudar a me vingar de Zack.

Segui escada abaixo, mas angustiada pelo tempo precioso que estava perdendo. Quando tentei apressar o passo ele me segurou pela cintura.

– Oooa... para alguém tão indisposta você parece estar bastante apressada.

– Não estou... bem, estou indisposta, mas louca para chegar ao quarto. Pode deixar; eu mesma posso cuidar de mim. É melhor você ir direto para o refeitório, vai acabar perdendo a entrada. Acho que hoje é *chilli*.

– Eu seria um idiota se preferir *chilli* a ficar com você um tempo.

Engoli em seco. Isso foi uma cantada, não foi? Não estou muito acostumada a receber esse tipo de coisa. Bem, não de um cara lindo assim; já recebi algumas de pedreiros quando passo perto de obras ou coisa parecida.

Descemos o andar e paramos frente à minha porta. Não havia viva alma no corredor. Todos estavam no refeitório; afinal era dia de comida mexicana, que graças a Zack e Sean eu iria perder. Bom, vingança se serve em prato frio.

Principalmente frio eu adoraria um *guacamole*, mas deixemos isso por enquanto.

Eu abri a porta, pronta para enxotar Sean e ir em busca do meu celular.

– Bem, Sean, obrigada pela ajuda, mas já estou bem. Pode ir se juntar com



suas amigas de torcida porque eu...

Não consegui terminar a frase porque senti forte seus lábios contra os meus, quentes e macios, mas determinados. Eu estremei e ele empurrou-me para dentro do quarto, fechando a porta atrás de nós.

Não pretendia ceder a princípio, mas acabei me entregando por alguns instantes. Quem poderia me condenar, afinal? Acabara de levar um fora; estava prestes a ser expulsa, (se não fosse por Vincent, seria pelas minhas notas) e minha casa estava a milhares de quilômetros. Estava cercada por mentiras e aquele cara apaixonado sobre mim era a única coisa que parecia sólida no momento.

Não havia percebido que estava deitada na minha cama com ele sobre mim e depois de alguns devaneios empurrei-o, horrorizada. Meu momento de adolescente passou num instante, assim que visualizei as mensagens piscando na tela do meu celular em cima da cômoda.

– Minha nossa... vai embora! – sacudi a cabeça nervosamente – Você não deveria nem estar aqui!

– Ah, vai dizer que você não gostou – disse ele, tentando se aproximar do meu pescoço, dando-me pequenos beijos.

Reuni minhas forças. Eu só estava ali obedecendo aos meus hormônios enquanto deveria estar escutando meu coração. Zack podia estar em perigo enquanto eu permanecia ali bancando a adolescente carente.

– Não importa! Saia daqui já!

Empurrei-o novamente com força e ele rolou para fora da cama, levantando-se com uma expressão que eu não soube identificar. Pareceu estar possesso por alguns instantes, mas seu semblante suavizou em seguida. Algo ali não estava certo.

Levantei-me e ele aproximou-se. Não estava com uma expressão propensa a desistir. Acho que me dei mal.

Puxei meu celular da cômoda e notei que havia quatro mensagens. Mas como expulsar Sean dali para que eu pudesse ler as mensagens com calma e saber onde estava Vincent para avisar Zack?

– Ora, Jessi, pare com isso... estamos sozinhos aqui. Pra que isso se eu sei que você me quer?

– Saia daqui senão eu grito.

Ele riu.

– Jessi, não seja tola. Não há ninguém nesse andar inteiro. Ninguém vai ouvir. Por que ser tão boba? Prometo não insistir mais. Vamos sentar aqui e ficar conversando, certo?

Foi minha vez de rir. Por dois motivos.

Um deles foi o de ‘sentar aqui e ficar conversando’; eu já não tenho mais idade para cair nessa, obrigada. O segundo foi o ‘ninguém vai ouvir’.

Quando ele aproximou-se mais eu tentei dar-lhe uma joelhada onde dói, mas ele segurou minha perna. Eu não tinha saída. Enchi meus pulmões com todo o ar que pude recolher e manifestei meus poderes supersônicos de Mandrágora.

Sean arregalou os olhos antes de cobrir os ouvidos desesperadamente. Assim que ele caiu no chão se contorcendo, pulei por cima dele e corri para fora do

quarto, com ele gritando ‘espere, Jessi’ atrás de mim. Ele realmente queria que eu esperasse?

Enquanto corria, apertei as teclas do celular para ir passando as mensagens de Bobby:

19:50

Jessi, Vincent está cruzando os portões do jardim. Ele não está mais aqui. Vou segui-lo.

20:10

Eu o tinha perdido por uns instantes, mas parece que ele está agora atrás do hall principal, afiando uma espécie de ponta de madeira. Acho que é uma estaca ou um gigantesco palito de dentes.

20:30

Jessi, o que Zack está fazendo aqui no jardim? Vou interceptá-lo e mandá-lo para a biblioteca. Vincent sumiu outra vez.

20:40

Ele está aborrecido, não quer me ouvir. Vincent apareceu no jardim. Jessi, alguma coisa vai sair mal. Onde você está?

Meu Deus, o que raios eu estava fazendo? No que estava pensando quando me deixei ser levada por Sean? Eu sou uma burra. Que importa se Zack não quer ficar comigo? Vou deixá-lo para morrer? Burra, burra.

Fiquei repetindo ‘burra’ por todo o caminho do corredor até o jardim, enquanto movia as setas do celular para ler uma última mensagem que surgiu. Meu coração veio à boca quando percebi que era de Zack e parei a corrida.

20:46

Jessi, por que gritou? Foi Sean? Estou indo já para aí. Vou acabar com ele.



Olhei para o relógio. Eram exatamente 20:47 quando Zack passou por mim como um raio, com olhos arregalados, e me empurrou para a primeira porta que viu entreaberta.

Que é isso, virou moda?

– Você está bem? – ele perguntou rapidamente segurando forte em meus ombros quando percebeu que estávamos sozinhos em uma das salas de laboratório.

– Eu que te pergunto! Você não encontrou Vincent?

– Ele te fez alguma coisa?

– Zack!

– Fez ou não?

Suspirei timidamente.

– Não... não fez.

Ele soltou meus ombros. Senti-me ainda queimar com seu toque, profundamente arrependida de ter cedido aos encantos de outro, mas ao mesmo tempo humilhada por ele não querer *ser* o outro. Será que ele sabia o que podia ter acontecido? Eu não teria coragem de contar a ele mesmo que ele não me quisesse.

– Mas e quanto a Vincent?

Ele fez um ar interrogativo e ergueu as sobrancelhas logo depois.

– Ah! Hum... acho que ele ainda está no jardim. Eu o deixei lá enquanto estávamos lutando.

Droga, e eu perdi essa!

– Como você digitou enquanto estavam lutando?

– Tenho meus poderes de vampiro, esqueceu? Venha, vou te levar para o quarto.

– Mas... e Vincent?

– Bom, ele vai ter que arrumar outro *hobby*. Agora vou te levar de volta.

– Mas ele vai vir atrás de nós!

Ele fez um ar pensativo.

– É verdade. Então já volto.

Ele sumiu novamente como um raio passando por mim. Quase não pude enxergá-lo e, quando me dei conta, estava sozinha no corredor escuro. Mas nem bem engoli em seco, pronta para voltar ao laboratório e Zack estava de volta, tentando disfarçar o riso.

– Por que você está rindo?

– Por nada. Venha, vamos voltar ao seu quarto.

Eu fiquei petrificada. Sean podia estar lá ainda.

– Hum, não, sério, por que está rindo?

– Eu só feri Vincent um pouco. Ele vai estar bem, mas não vai poder andar com a perna do jeito que está. Provavelmente esperava um golpe mortal e estava pronto para isso. E deve estar mais possesso ainda porque não terminei o trabalho – e ri abertamente.

– Ele vai ficar possesso com certeza! Talvez devêssemos voltar ao jardim!

– Quer que eu lute?

Hum, talvez um pouquinho. Só por curiosidade, você sabe.

– Não... eu só quero... que isso tudo acabe... que tudo volte a ser como antes.

Ele passou a mão pela minha cabeça suavemente. Senti ódio de mim mesma. Eu realmente queria que tudo fosse como antes; desejei intensamente que me beijasse naquele momento. Mas não.

Eu beijei Sean.

– Não se crucifique tanto – ele sussurrou em meu ouvido – não se sinta tão culpada pelas decisões que toma. No final, é o que a faz humana, não é?

– Do... do que está falando?

Ele sorriu e desviou os olhos dos meus. A minha pele ardia furiosa comigo em toda a parte em que Sean me tocara. Zack podia saber?

– Jessi, Vincent não virá por algum tempo. Ele já desconfia de nós; é melhor que fique um tempo perto de Sean.

Meus olhos marejaram, mas eu não consegui entender por quê. Desejei ardentemente abraçá-lo.

– Do que raios está falando?

– Ele é um idiota, mas a manterá longe dos problemas. E depois, você não tem culpa de nada. A culpa foi minha. Diga a Vincent que eu a seduzi, está bem?

– Zack..

– Mas para o baile você vai comigo, ouviu?

Eu ri. Não pude evitar.

– Vou sim.

Enquanto Zack me puxava pela mão de volta ao quarto, me senti como uma criança. Era como se ele fosse um adulto que soubesse exatamente o que a criança fez, mas fizesse de conta que não; como se fosse só uma estripulia, algo que pode ser perdoado como um ato infantil sem grandes consequências. Desejei que me xingasse para que eu pudesse retrucar; para eu poder dizer mesmo que a culpa fora dele desde o princípio. Queria que Sean estivesse lá para que uma briga entre nós começasse e eu não me sentisse tão culpada. Mas sei que não aconteceria.

Afinal, nada do que eu predigo acontece. Sou uma péssima adivinha.

E caçadora.

Bom, mas boa piadista eu sou.

Enquanto corríamos pelo corredor e prontos para subir a escada de volta, esbarramos no diretor enquanto ele estava descendo as escadas, aparentemente à minha procura.

– Senhorita Jéssica, o que... Zack?

– Boa noite, seu diretor! – respondeu ele, vivamente.

– Hum, boa noite... Jéssica... o que aconteceu com Sean? Ele saiu do seu quarto com os ouvidos sangrando... sem contar que um barulho horrível saiu do seu quarto nesse mesmo instante!

Torci o nariz e Zack tentou conter o riso.

– Era um filme de terror com som muito alto, nada mais. E ele foi brincar de enfiar cotonete no ouvido para fazer papel de bobo, só isso.

Isso não pareceu convencê-lo muito, mas em breve Sean estava descendo as escadas e escutou minha última frase.

Que bom que ele não ficou completamente afetado pela surdez.

– É verdade, senhor. Jéssica não teve nada a ver com isso.

Eu não me senti muito grata porque sei que ele estava tentando proteger a própria pele. Afinal, se o pegassem no meu quarto ia sobrar para ele; sei bancar a vítima muito bem.

É só o que eu tenho feito até agora, aliás.

– Hum, bem, espero que vocês tomem mais cuidado da próxima vez – respondeu o diretor; e eu não sabia se ele estava falando isso a respeito do que dissemos que acontecera ou do que *realmente* acontecera.

Ficamos em silêncio enquanto ele nos dava um aceno e continuou seguindo pelo corredor em direção aos dormitórios masculinos, talvez com a intenção de pegar alguém que não tenha uma desculpa aparentemente tão boa quanto a nossa.

Assim que saiu de nossa vista, não consegui falar mais nada. Minha intenção era tirar Zack dali o mais rápido possível antes que Sean despejasse a verdade na cara dele, mas não pude. Sean percebeu o quanto eu suava frio e eu percebi o quanto ele estava se regozijando com aquela situação.

– Então, Zack? Jessi é ou não sua namorada?

Engoli em seco. Na verdade eu também queria ouvir a resposta. Contudo, Zack não disse nada; só fechou a cara. Pude perceber que cerrara os dentes, porque seu queixo estava rígido. Será que seus famosos dentes pontudos estavam aparecendo por baixo daqueles lábios duros?

– Bem, não deve ser – Sean continuou a tortura – Afinal, ela seria sua namorada com certeza se já tivesse sentido o beijo dela como eu senti há poucos instantes.

Enrijei. Cretino, cretino!

Zack não relaxou a face, mas seus ombros entraram em um estado de tensão assustadora. Parecia que lutava contra si mesmo para não matar Sean ali, enquanto fuzilava-o com o olhar.

Pus a mão em seu peito e sussurrei ‘não’ em seu ouvido, embora estivesse me

sentindo a bruxa de *Blair*. Como eu pude fazer isso...?

Ah sim, simples. Zacke eu éramos apenas amigos.

– Idiota – falei alto antes de pensar.

Sean arqueou uma sobrancelha, provavelmente deve ter pensado que me dirigia a ele. Mas para mim, idiotas eram os três parados ali.

– Por que não deixa esse otário, Jessi? Você deixou bem claro que é a mim que você quer!

Os olhos de Zack ficaram vermelhos e Sean deu um passo para trás. Eu não sabia mais o que fazer. Então fiz o que sempre faço.

Chutei Sean nas partes íntimas.

Não, eu não chuto sempre *Sean* nas partes íntimas; eu sempre chuto *homens* nas partes íntimas quando eu perco o controle. Foi papai que me ensinou. Ele disse quando eu fiz oito anos: “quando um menino disser algo que você não goste, te toque, te xingue ou roube sua cadeira, não pense duas vezes.”

Então isso sempre acontece, porque nunca penso duas vezes para coisa alguma.

Papai decididamente não queria que eu arrumasse um namorado.

Enquanto Sean se contorciam sofregamente no chão, a expressão de Zack relaxou e seus olhos voltaram ao normal. Ele segurou em minha mão e me puxou escada acima, mas não disse nada; sequer olhou em meu rosto.

Eu estava vermelha, posso garantir. Com vergonha, timidez, raiva, sei lá o que mais. Quando me deixou no quarto, deu-me um beijo no rosto.

– Boa noite, Jessi. Não deixe os percevejos morderem.

– Entra – eu disse antes de pensar.

Parece que está se tornando um hábito.

Eu falar antes de pensar, quero dizer, não convidar homens para dentro do meu quarto. Sean fez isso sem eu falar nada.

Ele sorriu e me fitou.

– Não acho uma boa ideia. Eu sou um vampiro, mas sou um homem antes de mais nada.

*Ótimo*, pensei, mas não disse.

– Você não tem que se preocupar. Somos amigos, lembra?

– *Er...* claro. Mas temos uma amizade colorida demais. É melhor você...

Então fiz algo que nunca, nunquinha pensaria em fazer com qualquer homem que fosse.

Puxei Zacke o beije.

Não sei se herdei algum talento do Sean ou se fiz aquilo por me sentir culpada ou sei lá, mas o fato é que estava me sentindo feliz por estar sendo impulsiva de novo. Esperei que Zack me afastasse; que gritasse comigo dizendo que agora o farejador do Vincent ia descobrir tudo, mas dessa vez não.

Final, em nenhum ponto dessa história eu adivinhei o que os outros iriam fazer, por que agora ia ser exceção?

Zack correspondeu ao meu beijo e puxou-me ainda mais para junto de si, apertando-me fortemente. Joguei meus braços em volta do seu pescoço e abandonei-me novamente, esquecendo por completo que minutos antes eu estava com Sean ali, naquele mesmo lugar. Senti lágrimas virem à minha face, mas as

reprimi. Elas não têm permissão de sair, assim como meu coração não tem permissão de sair pela minha boca. Direitos iguais, certo?

Então ele me afastou, horrorizado.

– D-desculpe, eu... – comecei, achando que ele tivesse lido meus pensamentos (embora insistisse que não fizesse isso), e me visto ali com Sean.

Ele pôs um dedo em meus lábios pedindo silêncio e fitou-me com olhos arregalados.

– Vincent! Ele está vindo!

– O... mas ele não está ferido?

Zack balançou a cabeça parecendo irritado consigo mesmo e abriu a porta do meu quarto, empurrando-me para dentro. Ao contrário de Sean ele não entrou comigo e fechou a porta atrás de nós; ele simplesmente bateu a porta, comigo dentro do quarto.

Eu fiz que ia girar a maçaneta para sair, mas ele esmurrou a porta do lado de fora.

– Jéssica, não importa o que aconteça não abra essa maldita porta!

– Mas...!

– Prometa!

Fechei a cara. Não gosto de promessas.

– Por favor... – ele disse com um sussurro atrás da madeira, quase como se estivesse implorando.

– Está bem... – murmurei, sem forças.

– Brigado, Jessi! Volto logo!

Então não senti mais a presença dele ali.

Não podia ficar aguentando toda aquela tensão sem poder fazer nada. Fiquei pensando na promessa que eu fiz e como minha mãe sempre fazia quando tentava burlar uma palavra que dava eventualmente.

Algo como “Eu sei que prometi que te levaria no circo se você tomasse aquela injeção, mas não disse onde nem quando”. Ou então: “Claro que eu disse que você podia ir à festa na casa da Bárbara, mas não disse *essa* festa do sábado.”

Então minha promessa foi que eu não abriria aquela maldita porta. Mas aquela não é minha única saída, certo?

Embora eu ainda não soubesse bem como funcionava esse lance de teletransporte ou se eu era capaz de fazer isso sozinha, melhor tentar meios mais comuns para que meus poderes imbecis não dessem na vista. Vai que eu conseguisse, mas terminasse, sei lá, deitada na mesa do laboratório na hora em que iriam dissecar um sapo ou coisa parecida? Ou parasse bem na frente do diretor ou de... Sean?

Dirigi-me para a janela, abri-a e suei frio.

Aquela portcaria de árvore logo abaixo estava olhando para mim como se dissesse: “atreva-se e eu arrancarei suas calças outra vez”. Apertei minha calça jeans com um cinto de couro. Se essa árvore conseguisse arrancar isso, seus poderes seriam de um vampiro, falemos sério. Então eu também poderia transformá-la em uma estaca gigante e me vingar.

Estiquei o braço para fora da janela e consegui segurar o galho. Soltei meu

outro braço e fiquei pendurada, com as pernas na beirada e os braços segurando o galho como se fosse uma barra de ginástica olímpica. Soltei as pernas e o meu corpo e balancei, arranhando minhas mãos na madeira grossa. Assim que parei de mover-me feito um brinquedo, suspirei. Ali estava eu, pendurada a uns três metros de altura, pensando em como estaria feliz agora organizando todos os arquivos da contabilidade.

Mentira. Eu preferiria estar até de baby-doll de novo.

Quase.

Olhei em volta, com medo de que alguém estivesse vendo aquela cena ridícula enquanto tateava com os pés alguma espécie de apoio e senti um sussurro nas árvores outra vez, que me congelou até os ossos. Parecia vir das sombras, uma espécie de aviso ou um murmúrio de expectativa. Um vulto de branco estava parado, sentado no banco alguns metros à frente. Tinha cabelos prateados longos até a cintura e parecia irradiar uma aura angelical. Não consegui fitar o rosto dele, estava longe demais, mas algo me dizia que devia ser lindo. Não tive coragem de chamá-lo; parecia um fantasma e com certeza não queria me meter com coisa alguma nessa hora. Vincent e Zack não estavam ali no jardim e um pressentimento horrível tomava conta da minha mente.

Algo bom não ia resultar dali. Eu precisava fazer alguma coisa.

O homem virou-se para mim, mas ainda assim não pude fitar seu rosto. Sua voz quase me deixou sem fôlego. Era suave, sedutora, e parecia que o vento a carregava como se estivesse embevecido nela.

– Está uma linda noite, não é?

Eu não consegui dizer nada. Estava sem chão – rá rá – ao ouvir aquela voz tão suave e, ao mesmo tempo, tão aterradora.

Ele moveu o olhar para a mão e fitou um relógio de ouro que trazia preso em sua cintura. Sem esperar pela minha resposta, ele acrescentou.

– Decididamente não estou com vontade de trabalhar hoje...

Tornou o rosto para mim mais uma vez e sorriu. Senti um estalo.

A droga do galho quebrou e eu sofri uma quedinha nada agradável de três metros. Mas tudo bem, porque minha amiga árvore tentou me segurar e o galho inferior rasgou minha calça nova, mas ao menos amortecendo minha queda na grama logo abaixo. Praguejei e levantei-me rapidamente, cuspidando duas folhas para não parecer tão ridícula ao mostrar-me para o homem outra vez, mas ele não estava mais lá. Como podia ter sumido tão depressa?

O sussurro passou pelos meus ouvidos outra vez e saí em disparada pelo jardim, mais por medo do que outra coisa, em direção ao dormitório de Zack.

Estava tudo escuro, mas eu sentia a sua presença e tenho certeza que Vincent também. Escutei barulho de vidros se quebrando e cacos espalhando-se pelo chão em algum lugar mais para frente, assim que passei pela porta e segui firme – ou o melhor que pude – pelo corredor. A coisa estava ficando feia lá em cima.

Prendi a respiração quando vi luzes faiscando no andar acima das escadas que eu estava subindo; uma manifestação de poderes fantásticos provavelmente. Esperava que, assim que surgisse, daria de cara com Zack e Vincent guerreando com sabres de luz a mais fantástica representação de *Star Wars*. Vincent seria o *Darth Vader*, embora eu não ache que ele mereça.



Vincent, digo. *Darth Vader* é um senhor vilão, diga-se de passagem.

Ele também não merece ser representado pelo Vincent, coitado.

Foi quando Zack passou correndo por mim como um raio, deixando-me para trás. Então parou momentaneamente, virou-se para mim e arregalou os olhos.

– Você tem titica na cabeça?

– Titica? – repeti, achando a expressão engraçada.

Mas o olhar de reprovação em seguida deixou bem claro que ele não achou a situação nada engraçada.

– Pensei que você tinha prometido ficar no quarto – ele sussurrou entre os dentes.

– Não, eu prometi não abrir aquela maldita porta e não abri – respondi como uma criança que achou ter uma boa desculpa para se livrar do castigo e percebeu, na hora em que foi pega, que não tinha sido uma boa ideia.

Baixando a cabeça, fazendo beicinho e tudo.

Mas Zack também parecia ser um adulto bem aborrecido.

Ele olhou por cima dos meus ombros. Pude ouvir passos atrás de nós.

– Você está fugindo de Vincent? – perguntei, com dúvida. Não podia acreditar.

Ele sacudiu a cabeça e tentou falar o mais rapidamente que podia.

– Jessi, não tenho medo desse idiota, mas se ele aprontar alguma aqui na universidade, eu vou parecer responsável. E serei expulso e... bem, eu não estou pronto... para ir embora agora. Então tenho que levá-lo para longe daqui, mas tem *obstáculos* demais pelo caminho, sabe?

Eu torci o nariz para o modo de como ele me fuzilou com o olhar ao dizer *obstáculos*, mas não estava com coragem de reclamar agora.

– Desculpe, eu só queria ajudar!

– Mas o que você poderia fazer? Se ele chegar aqui e ver que você não me impediu, vai considerá-la uma traidora e te matar! Se eu mostrar pra ele que você tentou me impedir, terei que machucá-la! Onde estava com a cabeça?

*Em você*, pensei, mas não disse, outra vez.

– Bem, então posso me esconder antes que ele chegue e...

– Ele vai sentir seu cheiro – ele sacudiu a cabeça, os olhos acima do meu ombro enquanto pensava em uma solução – ou meu cheiro em você. E depois... droga, tarde demais.

Vincent surgiu instantes depois rompendo pela porta, com uma enorme besta em punho e um olhar assassino. A capa vermelha balançando atrás dele e seu chapéu projetando uma sombra fraca no rosto deixava-o com um aspecto de ser o tipo de cara que você não ia querer encontrar em um beco à noite.

Aliás, não encontrar em um beco em hora nenhuma.

Zack murmurou algo que pareceu ser um palavrão em língua antiga e puxou-me para junto dele. Eu o teria abraçado e confessado em plena voz, para Vincent, que estava apaixonada e que Zack e eu seríamos felizes para sempre – pelo menos até a duração do *meu* sempre – mas aparentemente Zack tinha uma ideia melhor.

Ele agarrou-me por trás e apertou meu pescoço, segurando uma das minhas mãos atrás com força. Que isso, fetiche?

– Para trás, Vincent – gritou ele – ou esmago sua discípula com um simples

giro de mãos.

Eu não fiquei assustada. Achei que foi uma boa ideia, mas tinha que parecer apavorada.

Ou não? Eu teria que parecer uma caçadora do Conselho segura de minhas habilidades e sem medo do perigo?

Minhas feições no rosto deviam mudar muito rapidamente.

Vincent lançou-me um olhar de desprezo, mas não afrouxou a besta que estava em suas mãos. Na verdade, parecia mirá-la em nós. De repente, seus ombros sacudiram como se estivesse rindo.

– Ora, por favor – disse ele, com sua voz grave – ela significa mais pra você do que pra mim. Você não faria isso. Seu coração é mole demais e é por isso que tantos os outros vampiros quanto eu sabemos que deve morrer.

Zack prendeu a respiração atrás de mim. Eu fiquei imaginando se foi a parte do “ela significa mais pra você” ou “seu coração é mole demais”.

Mesmo que na verdade ele não *precise* respirar.

Meu coração e meu ar lutavam para sair ao mesmo tempo pela minha pobre garganta. Alguém tinha que chegar num acordo.

Eu esperava que meu ar vencesse. Estava começando a sentir falta dele.

Zack apertou-me mais firmemente quando percebeu que Vincent agora parecia mirar com firmeza e seus olhos estreitaram-se na mira.

Achei que estava na hora de dizer alguma coisa assim que meu coração permitiu que parte do ar passasse.

– Vincent! Não faça isso! Espere até eu me livrar e... – era claro que eu não tentaria me livrar. Por duas razões.

1 – porque estava adorando estar apertada ali nos braços de Zack.

2 – se eu soubesse, Zack teria seu coração perfurado pela flecha da besta – e estou me referindo ao Vincent, não à arma.

Mas aparentemente Vincent não estava preocupado que eu fosse atingida.

– Vincent – sibillou Zack. Eu podia sentir a tensão emanar de sua voz, enquanto percebia que tentava pensar em um jeito de acabar com aquilo calmamente – Você não está pretendendo matar sua discípula está? Ela é um membro do Conselho, uma caçadora, como você.

Vincent riu levemente ao ouvir o ‘como você’ e nem de leve afrouxou a arma. Ai, que raiva daquela besta.

Desculpe, eu quero dizer *daquela* besta.

– Uma caçadora como ela só iria atrapalhar – respondeu o nosso atacante, com uma voz que parecia estar sorrindo – e posso muito bem dizer que ela morreu em serviço. Assim morreria como heroína e não como traidora. Estou fazendo-lhe um favor.

Então era isso. Vincent pretendia atirar a flecha, mas perfurar tanto a mim quanto a Zack. Conhecendo o coração mole de Zack, saberia que meu vampiro iria me jogar para o lado na última hora e receber sozinho a flecha em forma de estaca no coração. De qualquer forma só um de nós escaparia ou nenhum.

Eu não suportaria isso. Sei que não.

De repente senti os braços de Zack afrouxarem de súbito e um estalo indicando que o gatilho tinha sido apertado. Não houve nenhum outro som na

noite, tudo começou a correr em câmera lenta. Pude ver, enquanto caía para o lado, um olhar de calma de Zack acompanhado por aquele meio sorriso que sempre me fez derreter. Estava pronto para aceitar a morte.

Quer dizer, o desaparecimento. Afinal ser morto já devia fazer parte do costume.

Eu me lembrei da primeira vez em que acreditara que ele tinha realmente morrido e da onda de depressão profunda que me invadiu. Quase deixei duas pessoas com problemas irreversíveis. Não estou discutindo o merecimento de ambas; o fato é que eu não faço esse tipo de coisa.

A flecha parecia aproximar-se mais rápida do que um tiro de arma, mas tudo parecia devagar.

Mas dessa vez não.

Zack era *minha* caça e não estava disposta a dividi-lo com ninguém.

Estiquei a mão e segurei a dele por um milésimo de segundo; o poder parecia fluir em mim novamente e senti que dessa vez eu conseguiria e estava certa disso. Apertei seus dedos e a flecha passou por Zack, que sumiu no mesmo instante.

Ela fixou-se na parede ficando firme, como se houvesse passado por um fantasma. Zack desvaneceu novamente, como daquela vez. Senti-me como se estivesse naquela hora H de um jogo de beisebol, onde o jogador mete o pé na base ao mesmo tempo em que o outro recebe a bola. Ou seja, a hora em que o público espera o juiz gritar:

– Salvo!

Eu engoli em seco, ainda sentada no chão com as pernas tremendo.

– O-o quê?

– Ele está salvo – respondeu Vincent, de mau humor – Sumiu instantes antes que a flecha varasse seu coração.

Eu tinha que evitar sorrir, embora ache que meu rosto estava tão paralisado que nem se eu forcesse conseguiria. Mesmo porque eu também estava pau da vida.

– Por acaso você tem algo a ver com esse súbito desaparecimento? – disse Vincent entre os dentes, lançando-me um olhar inquisidor.

Eu tremia, mas minha voz saiu firme enquanto eu tentava me pôr de pé com dificuldade.

– Eu? Deve ser um desses poderes fantásticos de vampiro que ele tem. Agora você – apontei-lhe um dedo – tentou me matar!

Ele apenas torceu o nariz e suavizou o olhar.

Depois percebi estar um pouco preocupada. Quer dizer, fui eu a responsável, claro, com meus poderes malucos. Zack sumiu e não faço ideia para onde o mandei. Nem tenho noção do que estava pensando naquela hora.

Mas do jeito que estava zangada, talvez eu o houvesse mandado para o quinto dos infernos.

– Você não tem ideia da periculosidade desse vampiro – Vincent continuou – Eu não poderia deixá-lo escapar e perdi uma ótima oportunidade, graças a você – contudo, ele pegou a besta e carregou-a novamente – mas eu não vou deixar. O jogo ainda não acabou.

– O... o que quer dizer?

– Zack ainda está aqui. Ele se teletransportou de alguma forma, mas ainda posso sentir forte a presença dele.

Ufa, então não o mandei para o inferno.

Se bem que 'universidade' não se afasta muito dessa possibilidade.

Vincent partiu rapidamente cruzando o corredor seguindo o rastro, mas meus poderes não eram fortes como os dele. Eu podia sentir a presença de Zack, mas não sabia onde ele estava. Apesar de ter uma vantagem, por conhecer a universidade melhor do que o caçador e poder chegar onde meu vampiro estava mais rapidamente, não podia ter certeza de nada.

Comecei a correr atrás de Vincent, tentando lembrar o que eu estava pensando quando aquela estaca estava prestes a acertar nós dois.

Altar? Não. Meu quarto? Não. Mamãe e papai? Pterowski? Não, não. Senão Zack estaria em minha casa, certo?

Subitamente senti um calafrio e virei para trás. Aquele homem de cabelos longos e brancos que eu havia visto no jardim estava a uns quinze metros de mim, sentado na escada, ali mesmo dentro do prédio. Não conseguia ver seu rosto ainda, mas parecia estar um pouco desapontado. Suspirou e sumiu.

Não estou brincando. Ele se desvaneceu como se fosse fumaça.

E não me olhe torto; tenho certeza de que não fui eu que o teletransportei!

Pisquei os olhos pensando ter tido uma visão, mas meu coração martelou forte para indicar que, seja o que for que tenha sido, ele também viu.

Meu coração, digo. Deve ter encontrado uma fresta na minha garganta.

O que poderia ser? Não era um vampiro, era? Eu não havia sentido sua presença; só um calafrio daqueles que a gente sente do nada. Um fantasma? Ai, não, essa história já está tendo coisas demais. Vampiros, fantasmas... só falta lobisomem agora e aí ia ser o cúmulo.

Eu ia ser acusada de plágio.



Voltei a correr e pensei subitamente em uma barra enorme de chocolate. Não me culpe, tenho tendência a comer compulsivamente quando sinto uma sensação de medo forte. Como se meu estômago fosse capaz de me proteger se ficar mais cheio e pesado.

Ou como se pensar em ganhar algumas calorias a mais também me afastasse da ideia de morrer, você sabe. Engordar é muito mais preocupante.

Pelo menos é algo que meu cérebro pensa para ter que se desviar da razão.

Diminuí meus passos subitamente até parar. Vincent estava muito à frente, mas eu estava aliviada. Eu já sabia onde Zack estava e como chegar lá antes daquelas bestas.

Bestas = Vincent e a arma. Vou usar esse trocadilho muitas vezes.

Eu pensei naquele momento enquanto segurava a mão de Zack que ele era minha caça, e não de outra pessoa.

E caça me lembra comida.

Comida me lembrou que eu estava com fome.

Então pensei em que gostaria agora e que nada me faria mais feliz que um grande pote de sorvete. Afinal, eu estava suando à beça.

Eu não tenho pensamentos coerentes à beira da morte, sabe? Aposto que você também não teria.

De qualquer forma, vou perguntar ao meu futuro terapeuta.

Sorvete, comida, *chilli...* refeitório.

Senti um alívio imediato, enquanto corria para lá, saltando por uma janela e chegando rapidamente ao jardim. O vento cortante atingiu-me o rosto molhado e meus membros retesaram, mas segui firme. *Zack é minha caça*, eu repetia. Ninguém põe a mão na minha caça. Assim como ninguém tem a capacidade de me roubar uma barra de chocolate que seja.

E Zack é mil vezes melhor que chocolate.

Eu sei, meus pensamentos são bem rápidos. Papai uma vez me disse que minha imaginação não tem asas; tem turbinas. Papai, o dentista – não o

embaixador.

Cruzei o jardim com a maior velocidade que podia e ainda pude ver a capa de Vincent sumir enquanto ele entrava pelo corredor central mais à frente.

Ele não teria coragem de atacar Zack na frente de centenas de estudantes. Era uma das regras do Conselho; não se expor a ninguém. Se bem que Zack me contou que Vincent não era muito seguidor das regras e isso acabava por deixá-lo em apuros.

Também não acho que tentar matar deliberadamente uma companheira de Conselho seja lá muito de acordo com as regras.

Então, além de impedir Vincent de machucar Zack eu ainda tinha que proteger meus colegas; era só o que me faltava.

Tudo bem, Linda e Rick provavelmente estariam lá, então poderia usá-los como escudo e proteger os outros estudantes.

Entrei na sala ao lado e pulei a janela do laboratório. Isso me pouparia alguns metros a percorrer, mas Vincent ainda estava alguns minutos na minha frente. Quase pulei quando subitamente senti meu celular tremer no bolso da calça.

– Alô? – atendi trêmula e sem fôlego, sem diminuir o passo.

– Jessi, o que está acontecendo? – gritou Sofia do outro lado da linha, me fazendo engolir em seco – Zack surgiu subitamente sentado ao nosso lado no refeitório e ele mesmo não sabe explicar o que aconteceu. E está super fraco! Ainda bem que ninguém olha naturalmente para gente, mas agora estão todos comentando de onde Zack surgiu do nada sem que suas fãs se dessem conta disso.

– Eu sei – retruquei rapidamente – já explico. Mas antes me diga se o caçador apareceu por aí!

– Você diz o Vincent, aquele de chapéu?

Suspirei.

– Sofia, existe mais algum caçador além dele? Usando chapéu ou não?

– Você.

Eu quase joguei o telefone na parede enquanto corria.

– Sofia... apenas diga a Zack que Vincent está atrás dele e está indo *prai*!

– Ele está vindo pra cá?! – repetiu ela histericamente – Isso não significa problemas?

Suspirei, tentando manter a corrida.

– Desde quando Zack em si não representa problemas?

– Mas é o tipo de problema que você adora se meter, não é, Jessi? – ela riu.

*De cabeça*, pensei. Sorri, disse “câmbio” e desliguei.

Enquanto corria como se o mundo estivesse prestes a desabar – pelo menos o meu – lembrei-me do meu cardiologista novamente. Aquele, que através daquelas folhas gigantes de radiografia, me informava que eu deveria ter malhado no parque e não ter me tornado uma sedentária preguiçosa que ia correr um risco enorme de não poder salvar o namorado vampiro de um caçador idiota.

Ah, Deus, me perdoe por não ter seguido os conselhos do meu médico. Mas, se me ajudar, prometo tentar seguir os conselhos do meu terapeuta.

Ao máximo.

Rompí por entre as portas, passei pelas salas de reforço com alguns estudantes ali fazendo hora e me olhando de modo arregalado – não é todo mundo que faz *cooper* na hora do jantar, você sabe – saltei a janela do laboratório, contornei o saguão e derrubei o diretor no corredor para o refeitório.

Ah, dane-se. Eu me entendo com ele depois, quando tentar explicar a ele porque meu *tio* queria matar meu namorado.

É isso aí, pra mim Zack era meu namorado, querendo ele ou não.

Final eu não sou de fazer esse esforço todo por causa de um cara que não me quer.

Se quer mesmo saber eu não sou capaz de fazer esse esforço todo por coisa alguma.

Apareci no refeitório rompendo pelas portas como se estivesse pronta para gritar “O Titanic está afundando!” e parei quando percebi que todos olhavam pra mim como se eu estivesse louca.

Hum, talvez eu estivesse mesmo.

Quer dizer, Vincent não ousaria entrar ali com toda aquela gente, certo? Hoje era a noite do *chilli*, então estava praticamente lotado. Nada de dieta para ninguém hoje.

Hum, exceto Zack.

Sorri ao vê-lo ao lado de Bobby, escorando-se nele, para não cair.

Final de contas, por que Zack e eu estávamos com essa troca de poderes? Por que eu o deixava fraco cada vez que usava meus poderes nele e por que isso, de uma hora para outra? Quer dizer, ele já não havia bebido meu sangue no hospital, quando eu doeí? Ficou maior o poder quando ele bebeu, vamos dizer, direto da fonte? Pior que sei quem explicaria tudo isso pra mim com clareza, mas ele estava meio fora de si.

A mesma pessoa que estava invadindo o refeitório com uma besta em punho.

Ai, ninguém merece.

– Suas peripécias acabam aqui, Zack! – Vincent anunciou, sentindo-se provavelmente *Blade*, o caçador de vampiros.

Metade do refeitório olhava para o caçador. A outra metade olhava para Zack e para mim. Qualquer coisa semelhante a uma explicação; era o que queriam. Ou um motivo para fofoca.

Zack ergueu-se, afastando-se de Bobby e empurrando-o para o lado. Dava para ver que pensava em uma maneira de não ferir ninguém.

Eu não entendo! Zack tem um coração tão bom, quer dizer, tinha mesmo um motivo o Conselho inteiro estar atrás dele? Acho que devia haver algo atrás de toda aquela história que eu ainda estava por fora.

Ele mal podia pôr-se de pé. Vincent estava bem ao meu lado, apontando a arma para ele, a despeito de todos os jovens que estavam lá.

Zack não podia esconder-se atrás de ninguém e nem poderia correr com toda aquela fraqueza. Ele estava totalmente entregue de novo.

Na boa, qual é a desse cara? Digo, o caçador?

– Qual o seu problema, Vincent? Você perdeu o juízo?

Ele me ignorou completamente até eu me colocar na frente da arma. Não que isso fosse pará-lo – não tinha pensado nisso – mas ao menos eu conseguiria

deter um pouco sua atenção.

– Olha quantos alunos têm aqui, seu psico! Você pode acabar ferindo alguém!

Ele deu um estalo com a língua, e deu um passo à frente, fazendo-me sair do caminho para não ser furada pela estaca presa à besta.

– Ele não pode escapar, não importa o que isso custe. Zack é perigoso demais. Saia do caminho, senhorita Jéssica.

Eu sacudi a cabeça, abalada.

– Do que está falando? Você mesmo disse que Zack tem coração mole!

– Algo mudou nele e eu não vou perder essa chance!

Enquanto eu tentava mantê-lo entretido, pensava no que poderia facilitar uma possível fuga para Zack. Mas um mosquitinho não me deixava em paz. Eu queria afastar aquele inseto e pensar em salvar todo mundo, mas estava começando a ficar incômodo. Foi quando eu olhei para o lado e percebi que o zumbido saía da Linda.

– Ei, tipo assim, isso aí é uma arma?

Não, é um secador de cabelo.

Quando eu olhei para o outro lado, percebi que vários dos estudantes estavam se aproximando. Pra você ver, universidade é um terror, como eu mesma disse. Os estudantes já estão tão acostumados com coisas bizarras que nem se abalam com um homem todo vestido de vermelho, chapéu e arma em punho tentando matar o cara mais gato de lá.

– Maneiro, cara! – disse um dos caras do time do Rick – Isso aí funciona mesmo?

Dava pra ver que Vincent não estava acostumado com tanta atenção. Nem com jovens, já que tentava pedir com educação, *por obséquio*, que se afastassem. Eles estavam tão entretidos, aproximando-se lentamente e o circundando, que mais pareciam aqueles zumbis dos filmes da Sessão da meia-noite. A qualquer momento eu os imaginava dizendo “cérebro...cérebro...”.

Estiquei o olho por sobre o ombro e percebi que as *otakus* e Bobby – e imagine só, a Ana, a doidinha, estava junto – estavam cobrindo Zack, tentando afastá-lo das vistas de Vincent e puxando-o para perto da porta devagar. Eu também tinha que fazer alguma coisa. Qualquer coisa, para que Vincent não olhasse na direção deles.

Os estudantes faziam sua parte – mesmo sem querer –, mas não tardou para que Vincent começasse a perder a paciência e a percorrer com os olhos o lugar à procura de Zack.

Engoli em seco e suspirei. Não haveria melhor hora de agir como uma adolescente.

– *Geeente!* – gritei, da maneira mais patricinha que podia – Tipo, vocês ainda não conhecem o meu tio, *né?* Ele é diretor de cinema, sabe? Vai estreiar um *filmaço* daqui a alguns meses e está procurando pessoas para serem atores. Isso aqui é só uma palhinha! Os jovens escolhidos vão estrelar com Zack e ir pra *Hollywood!*

Vincent olhou-me horrorizado. Ainda mais quando uma turba de adolescentes saltou sobre ele pedindo um autógrafo ou uma chance de mostrar seus talentos.

As *otakus* e Bobby começaram a puxar Zack para a saída e apressei o passo



para acompanhá-los. Estávamos quase lá.

Quando eu estava para abrir a porta e fugir daquele refeitório miserável, Sean abriu-a primeiro.

Não tinha hora melhor para aparecer? Tipo, no meu leito de morte, quando eu já não podia fazer mais nada além de suspirar e morrer?

– Oi, Jessi? Já estava de saída?

Vincent ouviu. Ele virou-se para nós e no mesmo instante a estaca cravou-se ao meu lado na parede.

Oi, não sou vampira, seu miserável.

Bom, então Sean apareceu mesmo no meu leito de morte.

– Zack! – gritou Vincent, enquanto carregava novamente sua besta – Você não vai fugir dessa vez! É a sua hora!

Zack cerrou os dentes. Ele realmente não podia fazer mais nada.

Percebi então que seus caninos começaram a apontar, principalmente quando ele arreganhou os dentes. Seus olhos começaram a clarear, ficando com um tom azul tão claro que parecia quase transparente.

Ele estava fraco demais. Das vezes que havia lutado, seus olhos eram vermelhos ou muito amarelos, refletindo o poder que emanava de si. A culpa foi minha, não foi?

Mas puxa, eu quis ajudá-lo! Se não fosse por mim, ele teria recebido uma estaca no coração lá no prédio, não é?

Hum, mas claro, se eu não estivesse lá ele também não teria corrido o risco de receber uma estaca no coração por mim.

Por mim.

– Saíam da minha frente! – gritou ele para as *otakus*, enquanto elas se punham em pose (?) de batalha, da maneira mais ‘anime’ que conheciam.

Bobby pôs-se na frente de Zack e eu, na frente de Bobby. Eu não queria que eles estivessem ali, mas bem no fundo, devia admitir que estava muito feliz. Nunca tive amigos que se sacrificassem para me pegar um copo d’água que fosse.

Acho que na verdade nunca tive amigos que pudesse chamar de ‘amigos’.

– Eu não terei piedade, senhorita Jéssica – afirmou Vincent, com a maior segurança do mundo.

Tenho certeza que ele não brincaria com uma coisa dessas. Na verdade nem acho que ele já brincou com qualquer coisa um dia, falemos sério.

Estufei o peito. Que tipo de poderes eu tinha para poder detê-lo? Teletransporte? Não poderia usar por dois motivos:

1. Zack desapareceria na frente de todos aqueles alunos, afirmando irremediavelmente que não éramos normais. Não que fôssemos, admito, mas ao menos não precisamos aparecer tanto quanto mico de circo.

2. Zack estava terrivelmente fraco. Não faço ideia porque meu poder causou isso nele, mas francamente, não faço nada direito. Não podia correr o risco.

Ah, também tem meu famoso grito de Mandrágora. Mas gritar ali, além de deixar toda a universidade surda, ia me deixar marcada pelo resto da vida. Quem passou pela adolescência sabe. Tropeça UM DIA na frente da sua escola. Erra de sala de aula UM DIA durante o semestre. Na boa, prefiro morrer.

E depois, o que meu grito de quebrar vidro poderia fazer? Desviar a trajetória da estaca?

Comecei a suar. O terceiro dom meio louco que eu tinha era capaz de derreter metal. Madeira, nem pensar. Não que fizesse alguma diferença agora.

Engoli em seco e me preparei para o pior quando ouvi Vincent engatilhando a arma. Agora era esperar. Não importava em quem ele estivesse mirando.

– Senhorita Jéssica, você está defendendo esse vampiro? – a voz dele soou grave como se fosse a minha única chance de me redimir.

Eu realmente não sabia o que fazer. O pior é que ele falou a palavra ‘vampiro’ em alto e bom tom.

– Não sei do que está falando, *tio*. Está vendo filmes demais, sabe? Você sabe que não podemos atacar ninguém na frente das outras pessoas. Digo, nossa profissão não permite, lembra? De modo que estar aqui atacando um *aluno indefeso* o torna um vilão – depois me virei para as pessoas ao nosso redor, olhando de olhos arregalados – Desculpa, gente. Ele não tomou seu *Gardenal* hoje.

Vincent deu um meio sorriso.

– Preocupada com o disfarce? Pouco importa. Uma vez que ele esteja morto, já cumpri minha missão. Vivo somente para esse momento.

Eu tenho certeza que ouvi uma leve risada de Zack atrás de mim. Ele já devia ter se acostumado com as investidas e perseguições de Vincent.

– Acontece que ele é *meu*, agora – retruquei.

Sério, de verdade, saiu sem querer. Mesmo. Só percebi o que eu tinha falado quando todos estavam olhando para mim, inclusive as *otakus*. O olhar de Zack queimava minhas costas. Sean estava atento, com um semblante sério e congelado no rosto.

Tá, admiti. Vou ser levada à Corte Marcial agora?

Se bem que Zack vai fazer disso uma experiência tão traumática que vou desejar mesmo ser levada à Corte.

Vincent arqueou uma das sobrancelhas. Ele não tinha exatamente certeza do que eu queria dizer.

– Por acaso está me dizendo que o Conselho realmente a mandou aqui para caçar...

– Tipo assim, você quer matar o Zack?

Nunca a voz de Linda soou tão suave em meus ouvidos. Vincent quase revelou minha identidade, a do Conselho e quase me matou de vergonha. Não que ser uma caçadora de vampiros fosse matar alguém de vergonha, veja a Buffy, por exemplo. Sem contar que hoje em dia a horda de fãs que defende os vampiros em si seria capaz de me picar em pedacinhos.

Só que ninguém acreditaria na gente, não é? E eu ia passar por excêntrica a louca de pedra. E ainda prefiro ser uma louca rica, você sabe. Excentricidade soa melhor.

Vincent lançou-lhe um olhar de soslaio e voltou a se concentrar na gente.

– Não me perturbe, mocinha. Isso não tem nada ver com você. Volte aos seus pompons.

Caraca, eu sempre quis dizer uma frase dessas para Linda. Nossa, ‘volte para os seus pompons’. *Uau*, adorei, super de efeito.

– Acontece, tio, que Zack é nosso ídolo. Você sabe, eu sou a diretora do fã clube dele. Mesmo que ele tenha mau gosto.

Ela lançou-me um olhar de desprezo.

Na verdade, também fico feliz por Zack ter mau gosto. Afinal, ele realmente podia ter qualquer uma, não é?

Vincent suspirou. Coitado, não devia estar acostumado. Nisso eu tinha muito mais prática.

– E se eu quiser matá-lo, mocinha? O que você e seus pompons podem fazer?

Ela sacudiu a cabeça com descaso, virou para o lado e gritou:

– Lindsay! Formação!

Uma morena de cabelos encaracolados e seios fartos, vestida de torcedora, veio correndo, seguida por mais duas loiras.

Elas se posicionaram atrás de Linda. Três outras mais altas se puseram atrás de Vincent. Os rapazes que praticavam esportes nem se abalaram; só riram. Eu realmente não fazia ideia do que aquelas malucas queriam fazer. Quer dizer, o cara estava armado! Elas também lutavam contra o crime?

Não que a roupa da mulher maravilha fosse muito diferente, mas oi, ela tinha super poderes!

Ou não tinha? Bom, ela tinha um avião invisível. Pra mim, quem tem um avião invisível pode fazer qualquer coisa.

O que me fez sentir-me muito envergonhada. Quer dizer, eu tinha super poderes e um pai embaixador. E estava apavorada.

De repente, outras se juntaram a elas e já eram vinte mulheres ao redor de Vincent, com roupinhas coladinhas de saia curta e rabos de cavalo. O que elas pretendiam? Que Vincent sangrasse pelo nariz ao ver tanta mulher bonita? Eu acho que aquele cara devia receber um super treinamento de resistência.

Então Linda levantou a mão e todas elas começaram a...

Não acredito nisso.

Dançar.

Ah, e cantar seu grito de guerra.

Tudo bem, o que mais garotas de torcida poderiam fazer? Mas ainda assim. Eu esperava que... fosse algo mais. Quer dizer, é como se um banco estivesse sendo assaltado e o faxineiro se anunciasse, se pusesse na frente do bandido e começasse a varrer.

Vincent olhou-as desnorteado, mas não abaixou a arma nem por um segundo. Como elas faziam muitos malabarismos na frente dele, mal podia mirar direito. Bobby esgueirou-se por trás de Zack e abriu a porta. Mais uma tentativa.

Sean aproximou-se mim. Eu tremi na base, com medo de que ele atraísse mais atenção.

– Jessi? Por que seu tio quer matar Zack?

Está aí a pergunta que provavelmente o diretor vai me fazer quando aparecer

e que já devo ir treinando uma resposta.

– Hum, essa não é uma boa hora, Sean – eu poderia usar isso com o diretor? – mas eu te explico tudo quando eu tiver um tempinho.

Zack ergueu-se e Sean acompanhou-o com o olhar. Os dois se encaravam, mas, de repente, Zack abriu um meio sorriso.

– Ia ser ótimo para você se ele conseguisse, não é? Digo, me matar.

– Ah, ia sim – Sean correspondeu ao sorriso – eu ia poder levar Jessi ao baile da primavera. Depois podíamos comer uma pizza e quem sabe, mais tarde... você sabe.

Zack rosnou, mas seus olhos não estavam mais com aquele azul transparente. Era um duelo de homens.

Idiotas.

– Zack, nem responda – eu disse e depois virei para Sean – E você, por favor, pare de provocá-lo. A situação está delicada aqui, não sei se percebeu.

– Não sei o que está acontecendo, mas sei que estou, de uma certa forma, no controle da situação. A porta aqui está aberta e vocês claramente estão tentando escapar do grandão ali. Ele está sendo um pouco atrapalhado no momento, mas pode voltar a ter o próprio controle da situação assim que perceber que vocês estão tentando uma fuga, não é?

Engoli em seco. As *otakus* e Bobby me olhavam. Não sabiam se disparavam pela porta com Zack ou se permaneciam. Mas eu sabia que qualquer tentativa de fuga rápida poderia causar um disparo de Vincent tomado pelo momento e podia machucar alguém ali ou até mesmo as desvairadas da torcida.

– O que você quer, Sean?

– Vamos juntos ao baile da primavera.

Zack se empertigou. Eu sacudi a cabeça, irritada. Aquele cara realmente sabia jogar sujo, não é?

– Sean, pare com isso. Eu nem acho que vou ao baile, vou estar com cólica no dia. Ou doente. Ou com antraz, sei lá. Hum, já sei. Na verdade é dia de eu lavar a cabeça.

– Decida, Jessi. Se ele é tão importante pra você assim, então esteja pronta para o sacrifício – ele acrescentou com um meio sorriso – na verdade eu a faria esquecer rapidinho dele...

Zack desvencilhou-se das mãos das *otakus* e partiu para cima de Sean. Mesmo com a fraqueza que estava, conseguiu suspender Sean pela gola e apertá-lo contra a parede.

Por que a super força dele sempre me faz tremer? De um modo bom, eu digo.

Posso não ter poderes muito úteis no momento, mas meus hormônios estão sempre em prontidão.

Bem, não que eles também fossem lá muito úteis, certo. Ainda não.

– Prometa nunca mais se aproximar dela! Prometa ou morre!

Eu tinha a certeza naquela hora que Zack não estava brincando. Mas algo mais me deixou aflita. Vincent percebeu a manifestação ‘algre’ acontecendo ao nosso redor e apontou a besta com afinco. O vampiro estava vulnerável.

Joguei-me por sobre Zack, mas não foi necessário. Em um dos seus gritos de

guerra, as meninas jogaram as pernas para cima chutando a arma que Vincent estava segurando fortemente. Talvez um daqueles chutes, dado por uma menina só, não fosse tão forte a ponto de desarmar o caçador, mas dezenas de pés e pernas fizeram o trabalho direitinho.

Sabe como é, a união faz a parada.

A arma voou por cima da cabeça de todos e parou aos pés do capitão do time de basquete. Rick

– Ih, olha só, é a arma maneira!

– Não toque nisso! – vociferou Vincent, empurrando as meninas para o lado, buscando passagem e arrancando muitos gritinhos de ‘ui, seu grosso’ e ‘ai, seu bruto’ enquanto corria na direção do cara.

Rick riu, jogou a arma por cima de Vincent para outro cara do time. E ficaram ali, fazendo Vincent de bobo.

De bobo!

Esse era o dia mais feliz da minha vida.

Hum, desculpe, os dias mais felizes da minha vida foram:

1. Quando Zack me beijou.
2. Quando Zack me mordeu.

Tanto faz qual veio primeiro. Afinal, a ordem dos tratores não altera o viaduto.

Eu poderia considerar esse o terceiro dia mais feliz da minha vida?

Agarrei os ombros de Zack e pedi para que ele soltasse Sean, mas ele não me ouvia.

Sean estava sufocando.

– Senhor Zack Redpath! – gritei, numa tentativa desesperada de buscar sua atenção – Se não soltar esse homem agora, eu não vou mais falar com você!

Ele não o fez. Sean começou a ficar roxo.

– Prometa! – era só o que ele dizia.

Suspirei.

– Zack, se você soltá-lo, prometo pôr a roupa de guerreira da lua outra vez.

Meu Deus, aquele *cosplay* da *Sailor Moon*.

Sean caiu no chão quase tão instantaneamente quanto a virada que Zack deu para trás para dizer:

– Jura?

– Argh, juro. Agora vamos embora, antes que Vincent recupere a droga da arma.

Ele sorriu e acompanhou-nos porta a fora, onde finalmente eu pude respirar novamente. Sean não nos seguiu, mas pude ouvi-lo tossindo do lado de dentro do refeitório. Zack realmente poderia tê-lo matado, não é? Talvez Vincent estivesse certo ao dizer que Zack era perigoso demais, mas eu me recusava a acreditar nisso.

Da mesma forma que punha a mão no fogo por cada pilantra que namorei.

Soltei um suspiro alto e caminhei a passos largos, pensando onde poderia esconder Zack até que tudo se acalmasse.

Depois percebi que não era apenas Zack que sorria: as *otakus* também. E Bobby tinha uma cara confusa no rosto, quase tanto quanto Ana, a doidinha.

Ninguém merece.

Parece que me ver vestida de marinheira era fetiche de todo mundo.

– Para onde vamos levá-lo, Jessi? – perguntou Estela, preocupada.

– Eu... não sei. Se Vincent recuperar a arma, será que vai insistir novamente?

Um gemido saiu da boca de Zack

– Ele vai admitir a derrota dessa vez. O problema é que Vincent gosta de se sentir por cima. Não é bom eu ir para o seu quarto, Jessi.

Meus lábios tremeram.

– Quem disse que você ia para o meu quarto, seu metido?

– É para onde você sempre quer me levar toda vez que a gente se encontra, não é?

Eu corei até as orelhas, mas Sofia interveio.

– Ei, ei! Tem crianças aqui!

– Hunf – cortou Dine, rapidamente – como se eu não soubesse que você passa até tarde da noite assistindo *yaoi* no quarto...

Tremi na base. Definitivamente não queria nem saber o que essa palavra podia significar.

Bobby parou de súbito.

– Já sei! Vamos fazer uma sessão de *yakisoba*!

Tanto minha sobrançelha quanto a de Zack arquearam-se ao mesmo tempo.

– E por que comer seu *miojo* frito maluco, com seus temperos mais ainda, vai ajudar a gente em alguma coisa? – retrucou Estela, aborrecida.

– Gente, pensa bem! Ele vai disfarçar o cheiro do Zack, não é?

– Nossa, aquilo dá para disfarçar até cheiro de um bode morto! – concordou Sofia.

– Cheiro? – respondi, um pouco confusa – Mas a presença que sinto de Zack não tem a ver com o cheiro dele, é...

– Não se preocupe, Jessi – Zack cortou minha fala, sorrindo – Vincent orienta-se pelo cheiro também. Ele desenvolveu essa habilidade com o passar do tempo para não ser pego desprevenido por seus sentidos, já que a presença que vocês, caçadores, sentem, é só de alcance de alguns metros. Hoje em dia é só dessa maneira que se orienta; duvido que tente outra forma. Simplesmente vai sair para me procurar fora da universidade.

– Então temos bastante tempo – comentou Estela, animada e batendo palmas – Aquela porcaria vai feder até amanhã!

– Vocês falam, falam, mas comem, né? – reclamou Bobby, um pouco aborrecido.

Nisso, ele lançou um olhar tímido para Ana, que estava prestes a conhecer seus dotes culinários. Zack lançou-me um olhar engraçado. Ele também estava achando aquilo fofo.



Quando entramos no quarto das meninas, Bobby correu para pegar seus apetrechos, incluindo um mini-forno elétrico que ele sacou de debaixo da cama. Elas pegaram uns saquinhos de miojo do armário (Ai, minha nossa. Mas eu não estava realmente planejando comer culinária japonesa de verdade, não é?) e Zack deitou-se em uma cama improvisada, pegando no sono instantaneamente.

E eu? O que mais eu poderia fazer?

– Meninas, eu já volto. Vou me certificar que Vincent vai estar bem longe daqui, está bem?

– Boa ideia, Jessi – incentivou-me Sofia – pode não ser uma boa ele tentar te procurar e te achar aqui. Vamos manter Zack protegido, pode deixar.

– Do jeito que está fraco não acho que vai conseguir ir longe nem se tentasse – acrescentou Bobby, olhando-o de relance.

Saí do quarto me sentindo um pouco desorientada. Zack estava mesmo fraco; igual àquela vez em que eu o teletransportei da última vez. Mas a nossa transferência de energia o deixava tão fraco por quê? Afinal, quem despendia a energia era eu, não é?

Bom, eu sabia o que tinha que fazer. Antes de buscar respostas, tinha que cumprir uma parte burocrática. Afinal, alguém tinha que avisar o Conselho de que seu caçador de elite estava burlando as regras, não? Era meu dever como caçadora.

Uma caçadora vingativa, mas quem pode me condenar?

Na boa, o cara tentou me matar!

Fui direto ao meu quarto, sentei-me na frente de meu laptop e digitei um e-mail bem educado ao Conselho, é claro, informando de alguns deslizos de Vincent, como tentar matar uma caçadora no cumprimento do dever e aparecer caçando o vampiro na frente de dezenas de alunos.

Não, centenas.

E ainda finalizar com alguma frase do tipo “não estou querendo prejudicá-lo, mas me sinto um pouco preocupada com o rumo dos acontecimentos” sem contar alguma frase como “Vincent parece um pouco nervoso e fora de si. Ele é

mesmo assim? Deixou muitos alunos traumatizados”.

Bem, não acho que isso seja lá uma verdade. Acho que no fundo quem ficou traumatizado foi Vincent. Bem feito, achou que eu estava na moleza? Adolescente não é fácil, não.

Depois de bancar a vítima e mandar o email inocentemente, precisava localizar o caçador. Nem bem pensei nisso e ouvi batidas na porta. Engoli em seco. Será que ele viera me confrontar pessoalmente? Será que imaginara que Zack estava ali?

Fiquei passando e repassando mentalmente todas as desculpas esfarrapadas que eu poderia usar antes de abrir a porta. Uma delas; qualquer uma delas tinha que servir.

Abri a porta e me vi dizendo:

– Eu não sei, só estava lavando o cabelo!

– O quê?

Ufa, era o diretor.

Hum, pensando bem: Essa não! Era o diretor. Não estava preparada para ele ainda.

Nas minhas desculpas esfarrapadas não poderia usar as palavras “Conselho”, “caçar” e “vampiros”. E eu nunca fui muito boa nesses joguinhos.

– Pode me pôr a par dos acontecimentos, senhorita Jéssica? Por que o seu tio estava caçando Zack? Pelo menos, foi o que me disseram!

– Ahn, bem – era a segunda vez que eu estava ouvindo aquela pergunta hoje. O que eu disse da primeira vez mesmo? – Eu acho que eles entenderam tudo errado.

– Então seu tio não estava apontando uma arma para meu aluno?

– Bem, talvez estivesse. Mas era só para assustar, ele nunca faria isso, você sabe, disparar – cruzei os dedos feito uma idiota atrás das minhas costas – ele só ficou um pouco aborrecido.

– Aborrecido a ponto de ameaçar um dos meus alunos? Que tipo de pessoa eu deixei entrar aqui na universidade, pelo amor de Deus? Por que não me avisou?

– Bem, se não me falha a memória, eu não fui consultada – respondi, torcendo o nariz – nem todos os meus parentes são como papai, o embaixador, você sabe. Meu tio faz tratamento de controle da raiva. Infelizmente acho que não estava tomando o remédio hoje. Se eu tivesse sido informada eu o teria alertado, senhor diretor.

Ele sentiu-se um pouco sem graça. Minhas desculpas estão melhorando. Muita prática.

– Bem, eu pensei que a carta tinha sido mandada por seu pai. Então acreditei sem pestanejar. Sinto muito, senhorita Jéssica, mas não posso permitir a permanência de seu tio nesta universidade.

O diretor, senhor Anderson, é um homem que vive preocupado. Eu soube faz poucos dias que ele foi recém nomeado e vive tentando corrigir todas as falhas que já teve a universidade. Foi ele quem transferiu Zack para o outro prédio ao invés de expulsá-lo, mesmo sem provas. Também trouxe os chamados ‘bedéis’ para a universidade, embora isso seja uma prática escolar que todo mundo despreza.



E que universidade ou faculdade no mundo tem bedéis? Na boa, se não quer estudar, fazer o quê? Mas devo admitir que as notas dos alunos melhoraram. Ele não é uma má pessoa e sinto-me aliviada de tê-lo por perto, embora ele seja um dos responsáveis por eu ter fugido de calcinha pela universidade no passado, mesmo sem saber.

Evitei dar um sorriso quando disse:

– Tudo bem, senhor diretor. É o melhor mesmo a se fazer.

– Que bom que compreende, senhorita Jéssica. Já chamei os seguranças e os alunos também o estão escoltando para a saída. Não sabia que Zack era tão popular.

– Não sabia?

– Hum, bem, sim, mas não achava que o time inteiro de basquete ia ajudá-lo, se quer mesmo saber.

Na verdade, acho que o time de basquete só estava feliz por ter alguém como Vincent para sacanear. Eles não eram lá muito fãs de Zack depois da surra que ele deu neles da última vez que *me* sacanearam.

– Bem, boa noite, senhorita Jéssica. Depois, por favor, me informe o que Zack fez para deixar seu tio tão irritado. Acho que ele também merece levar uma advertência.

Não consegui evitar sorrir. Eu sou mesmo má, não é?

– Tudo bem, senhor diretor. Eu entendo perfeitamente. Boa noite!

Eu fechei a porta e corri para a janela. Meu quarto tinha uma bela visão do jardim e da saída da universidade. Ainda pude pegar Vincent saindo escoltado por alguns seguranças e por uns quinze alunos da universidade. Como se estivesse sentindo minha presença, ele lançou um olhar para minha janela e não pude evitar um sorriso e um acenozinho. Ele simplesmente fechou a cara e voltou-se para frente, possivelmente irado.

Eu devia estar com medo, não é? Mas na verdade estava meio pau da vida, se é que me entende.

Ele tentou me matar, certo? Vou jogar isso na cara dele para o resto da minha vida.

Se bem que se eu ficar jogando isso na cara dele, minha vida não deve durar muito.

Bem, duas coisas já estavam resolvidas, mas eu ainda estava preocupada com Zack. Ele estava muito fraco; e se Vincent resolvesse dar uma investida antes de ser levado pelo Conselho por mau comportamento? Só tinha uma coisa a fazer.

Doar sangue.

Não ia dar direto na boca de Zack, se bem que eu confesso que ia adorar aqueles dentes no meu pescoço de novo. Mas vai que ele não parasse desta vez? Bobby disse que vampiros antigos (onde quer que ele tenha lido ou anime que tenha assistido) não têm um autocontrole muito grande, principalmente se passaram a vida se alimentando dessa forma e de uma hora para outra mudassem a dieta. Pelo visto não é mesmo fácil mudar certos hábitos.

Sinceramente, eu sei que ele poderia não parar se sentisse tão fraco e eu não ia *querer* que ele parasse.

Como somos dois irresponsáveis, melhor não abusar da sorte, não é?

Agora, de que forma eu ia fazer isso? Do jeito que sou desastrada ia acabar fazendo um corte maior que o normal ou não conseguiria mais estancar o sangue; acabaria cometendo suicídio sem querer. Ou então cortaria de menos e passaria a noite inteira me torturando como se fosse um conta-gotas interminável. Era melhor eu procurar um profissional no restaurante preferido do Zack.

O hospital.

Troquei de roupa e saí às escondidas da universidade, tomando o cuidado de não ser vista por ninguém. Afinal, que explicações os alunos cobrariam de mim depois daquele show no refeitório?

Passei escondida entre as sombras das árvores; devia passar das oito da noite agora e outras aulas teriam início. Com Vincent por perto eu não teria que me preocupar com outras presenças de vampiros; afinal nenhum deles queria arriscar o pescoço.

Rá rá rá – o pescoço. Eu sou hilária.

Na saída, o porteiro Johnny me parou com um semblante muito sério.

– Senhorita Jéssica, não posso permitir que saia agora. É muito perigoso lá fora e vocês não têm permissão de sair.

– Hum, Johnny, olha só, é meio que urgente, cara. Eu preciso dar uma passada no hospital.

– Está se sentindo mal? E o ambulatório da universidade?

– Ah, eles não tem o super-extra-forte remédio contra dor de cabeça que eu uso – era verdade, eles não tinham mesmo – e só Deus sabe como isso me tortura! Então vou direto lá e volto logo, prometo. Você me conhece, Johnny, eu não sou de aprontar.

Ele ergueu uma sobrancelha. Provavelmente ou ele sabia que era mentira ou não sabia se me conhecia tão bem assim.

Mas ele é porteiro; então sabe tudo da vida, provavelmente até o segredo da existência.

– Senhorita Jéssica, eu terei que informar o diretor.

– NÃO! – quando percebi ter soado rápida e alta demais, pigarreei – É porque ele se preocupa demais comigo e não tem necessidade, mesmo. Johnny, não vou esquecer esse favor! Vai? Deixa?

Ele percebeu que eu ia acabar vencendo pelo cansaço, então suspirou e abriu o portão.

– Está bem. Você tem uma hora.

– Duas! Vai que eles me deixem lá para descansar a cabeça?

Não estava brincando. Tinha que ter um repouso obrigatório, não é?

– Está bem, está bem. Volte logo, por favor.

Eu saí apressadamente, quase correndo em direção ao hospital. Suspirei aliviada quando constatei que não havia presenças nas ruas – obrigada pelo medo que você impõe na galera vampiresca, Vincent – e cheguei logo, me apresentando na recepção.

Fiquei pensando o que as *otakus* pensariam se soubessem que eu estava aqui, agora, doando sangue sem elas. Senti falta daquelas doidinhas enchendo minha paciência falando sem parar e me narrando os episódios daquele anime em particular que eu não queria assistir. Ah, e das reclamações. Como aquelas meninas gostavam de reclamar, minha nossa.

Quando eu vi que o saco de sangue já estava bem cheio, uma enfermeira bem gordinha e baixinha de cara simpática apareceu para tirar a agulha do meu braço – bendita seja! – e retirar o saco do pedestal.

– Ahn... com licença?

– Pois não? – ela respondeu com um sorriso alegre.

– Eu vou precisar desse saco.

Ela fez uma cara confusa.

– Como assim? Não se preocupe, você tem bastante sangue no corpo; não vai precisar mais dele.

– Er... na verdade, é para um amigo meu...

– Ora essa! Se o rapaz em questão está machucado ele deve vir ao hospital! Imagine vocês quererem fazer uma transfusão caseira, onde já se viu!

– Mas... bem, na verdade ele precisa, vamos fazer uma espécie de experimento que...

– Escute, mocinha – ela me cortou, de repente já não parecendo mais tão simpática assim – estamos muito agradecidos pela doação de sangue, mas agora cuidaremos do resto. Traga seu amigo ao hospital; se ele estiver muito fraco a ambulância irá buscá-lo. Agora deite e descanse; na próxima hora você já pode sair.

– Certo, eu o trarei, mas pode fazer uma coisa pra mim?

Ela me olhou meio torto.

– O quê?

– Pode escrever meu nome no saco? É que eu vou trazê-lo, mas gostaria que fosse meu sangue a ser doado para ele, sabe, acho que rola uma química entre a gente e tal...

Ela me olhou como se eu estivesse no hospital errado.

Devia pensar que eu devia estar no hospital psiquiátrico.

Não a culpo. Pelo que eu estava fazendo por aquele idiota era lá que eu deveria estar mesmo.

Depois de me avaliar de cima a baixo deu um suspiro.

– Qual é o seu nome? – murmurou de mau humor.

– Jéssica.

Ela pegou uma caneta no bolso, escreveu de qualquer jeito e foi-se embora porta a fora. Então percebi que estava prestes a fazer a mesma coisa que Zack sempre fazia.

Não, não digo beber sangue, eca!

Digo assaltar o hospital.

Aquele sangue não ia me ser dado de boa vontade. Agora sei como um vampiro se sente, mas não tenho nenhum par de caninos para fazer prevalecer a minha vontade, diga-se de passagem. Mas como eu estava um pouco fraca demais, esperei uma meia hora antes de me levantar.

Não consegui relaxar nem por um minuto, entretanto. Como Zack estaria? Não ousaria atacar os meus amigos, não é? E se os vampiros viram Vincent saindo da universidade e perceberam que Zack devia estar enfraquecido após a luta? Depois de olhar pela terceira vez para o relógio, resolvi sair dali depressa. Espero que as pessoas ao me virem cambalear não pensem que estou bêbada.

Saí do quarto olhando para os lados devagar. As pessoas pareciam muito atarefadas, olhando de um lado para o outro para me notarem. Saí e fechei a porta atrás de mim, sorrindo para duas enfermeiras que passaram.

Evitei perambular pelo nada, então me aproximei de algumas pessoas que estavam ali no hospital para consultas, tentando ouvir o que diziam. Não que uma delas fosse sacar do nada: “mas e aí, sabia que o banco de sangue do hospital é na segunda porta à direita?” mas alguma coisa interessante podia aparecer.

Uma enfermeira com uma cara de cansada até a alma passou perto, esbarrando em mim como se eu fosse apenas um obstáculo qualquer no caminho e senti que seria uma boa oportunidade segui-la. Quando percebi que ela se afastava das pessoas e seguia porta adentro onde tinha uma placa de ‘apenas pessoas autorizadas’, segui-a o mais perto que pude sem que ela me notasse. Cada vez que alguém me olhava com cara de poucos amigos eu apontava para a mulher e dizia com uma voz quase sussurrante ‘estou com ela’ e tratava logo de fazer uma cara de doente.

Cara, do jeito que eu estava tensa, não duvidaria se chegasse ao ponto de vomitar mesmo.

Quando avistei a mulher não tão simpática que me tirou o sangue antes, enfiei-me pela primeira porta que vi. Ela não acreditaria que eu estava com a enfermeira de cara de cansada com certeza, e ainda ia alertar a segurança para me tirarem com todo o cuidado dali e me encaminhar para o hospício mais próximo.

Mas eu percebi na hora ter tirado a sorte grande. Aquela sala onde eu entrara era ainda melhor do que eu esperava.

Não, não era a sala dos cirurgiões médicos gatinhos e ricos, embora eu achasse que uma sala assim só existiria num paraíso aleatório.

Ali era a sala dos uniformes. Uniformes! Enfermeiros, médicos, faxineiros...

Arrumei um de enfermeira mais ou menos do meu tamanho e vesti, pondo uma máscara na minha cara para que ninguém pensasse que eu fosse uma completa estranha. Bom, sempre dá certo nos filmes, né?

Quando as duas enfermeiras passaram, saí apressadamente pelo corredor lendo as placas nas portas corredor acima, procurando e vasculhando. Passei não sei quantas salas de cirurgia, espera, ambulatório, pronto-socorro. Acho que até pela sala dos cirurgiões médicos gatinhos e ricos eu devo ter passado.

Não estava mais quase aguentando quando vi um enfermeiro carregando alguns sacos de sangue na mão. Segui-o à distância, parando e encostando-me na parede cada vez que ele se punha a conversar com alguém. E foram muitas, te digo. O pior é que da última vez que aquele enfermeiro tagarela parou, um homem alto e com um estetoscópio parado no peito veio ao meu encontro e elevou a voz para mim.

– Posso saber o que você está fazendo aqui?

Engoli em seco. Novamente meu estoque para desculpas esfarrapadas tinha que entrar em ação.

– Hum, estou esperando uma amiga trocar de roupa. Já vou me retirar.

– Onde está sua plaquinha de identificação? Qual o seu nome?

Notei que o enfermeiro tagarela terminava de conversar e seguia em frente. Quando fiz que ia segui-lo o homem segurou em meu pulso. Cara, aquilo doeu, afinal eu tinha acabado de tirar sangue!

Tirei o braço com firmeza e ele fechou a cara. Devia estar desconfiando.

– Siga-me, mocinha.

– Eu... eu não tenho obrigação nenhuma – comecei a ficar mais tensa quando percebi o enfermeiro já dobrando a esquina – vou informar ao meu superior, quando o encontrar, que o senhor está me assediando.

Ele fez uma cara de espanto seguida por olhos arregalados.

– Mais superior do que eu? Eu sou o diretor do hospital!

Não é incrível o talento que eu tenho? Eu sempre arrumo encrenca com as pessoas mais importantes. Não duvidaria se algum dia eu atropelasse alguém com um carrinho de compras no supermercado e esse alguém fosse o presidente.

Pior, o Chuck Norris.

– Desculpe, sou nova aqui. Tudo bem, já estou me retirando – e segui com passos apertados rumo ao mesmo caminho do enfermeiro. Ele gritou mais uma vez e senti vontade de não estar mais fantasiada de enfermeira. Queria ser dentista.

E arrancar todos os dentes dele com um soco sem anestesia.

– A saída é para o outro lado, mocinha.

– Eu só vou pegar as minhas coisas – cortei, um pouco tensa.

Novamente segui adiante tensa e suando frio. Percebi que ele não estava mais me seguindo e respirei aliviada. Até perceber que ele estava na verdade falando com alguém pelo telefone do hospital.

A segurança! Será que ele estava notificando a segurança do hospital?

Apressei o passo e esbarrei com o enfermeiro tagarela quando ele já estava voltando da sala.

– De onde você saiu? – disse, mais mal-humorada do que pretendia.

– Desculpe?

– Onde era a sala para a qual você levou o sangue?

– Quem é você?

– Uma novata.

Em tudo, praticamente.

– Estou querendo saber bem os lugares do hospital, sabe... – acrescentei, para não parecer tão grosseira.

– Bem, segunda porta à direita.

Cara, não é que eu tinha acertado?

Eu agradei e segui feliz em direção a ela, mas parei travada na porta que ele apontou.

A droga estava trancada!

O cara podia ter pelo menos a decência de avisar que trancou a dita cuja, não

é? Passei a mão pelo trinco da porta. Estive tão perto; chegava a dar raiva.

De repente escutei passos largos no corredor vindo em minha direção e vozes altas e grossas. Eram realmente os seguranças. Corri apavorada para as outras portas que estavam ao redor, mas aparentemente estavam todas trancadas.

Bom, o que eles podiam fazer se me pegassem?

Ah, é. Podia ser acusada de ser a ladra do banco de sangue do hospital e parar na cadeia. Bom, mas como eles poderiam saber que eu queria invadir o banco de sangue? Ah, é. A enfermeira nada simpática que me recusou o sangue de volta.

Caramba, cérebro, não tem nada de bom para me dizer?

Apertei desesperadamente o trinco enquanto os escutava chegando. Rezei para todos os santos para que acontecesse alguma coisa, qualquer coisa para escapar dali. Eu não estava fazendo nada de errado, certo? Só ia pegar meu sangue de volta.

Apertei os olhos com força tentando pensar em uma saída. Quando os abri percebi que a maçaneta derreteria na minha mão.

– É isso! – murmurei enquanto usava meu poder inútil de derreter metal apontando para o trinco dentro da porta de madeira.

Para minha alegria ele começou a desfazer-se. Tomei o cuidado para não derreter a fechadura, porque senão aí já era.

A porta abriu de repente com um baque surdo e saltei para dentro dela sem pensar duas vezes. Assim que entrei, peguei um daqueles pedestais de porta-soro e o atravessei, bloqueando a porta. Ia conseguir alguns minutos antes que eles me achassem. Não podia acender a luz, então aproveitei a luz da lua que escapava por uma fresta da janela para procurar o sangue.

Eu sei, você deve estar pensando: ‘mas por que tem que ser seu sangue, sua metida?’ Entendo perfeitamente. Mas sabe, algo me diz que meu sangue cheio de poder ia fortalecê-lo mais ainda.

Ou estou mesmo com ciúme dele tomar outro sangue que não seja o meu.

Abri uma gaveta gelada de uma geladeira enorme e comecei a procurar no meio de todas aquelas sacolas de sangue a que tinha o meu nome gravado. Passei alguns minutos angustiantes fazendo a maior zona. Não era hora de pensar; aquele enfermeiro tagarela ia ter que arrumar tudo aquilo depois.

Quando pus as mãos sobre uma sacola com um nome azul escrito, meu coração bateu forte.

Achei!

Sorri animadamente até meu sorriso congelar na cara.

Como eu ia sair dali? A única janela era alta e pequena demais e a única saída que tinha era a porta que aparei com o porta-soro. Escutei vozes altas e a maçaneta virou. Quem quer que tentara entrar, percebeu que alguma coisa estava bloqueando a entrada e praguejou. Escutei vozes altas de ‘está aqui’ e a porta começou a levar algumas porradas.

Que ótimo. Ia ser pega, dar explicações na polícia, a universidade ia ser notificada... O Conselho ia me mandar embora junto com Vincent, sem dúvida nenhuma.

Pensei no meu outro poder, o de teletransporte. Nunca consegui fazer aquilo

funcionar sozinha. E nem sabia como funcionava. Tudo o que eu fazia era pensar em Zack em outro lugar e *ele* era transportado.

Abracei o saco de sangue e gemi baixinho, enquanto a porta era forçada. Não estava pronta para ser mandada embora. Não mesmo. Ainda não conseguira cumprir minha missão, sequer matar um vampirozinho só. Se ao menos aquelas presenças aparecessem, e eu eliminasse um deles... mas agora era tarde, não era? Eu não tinha mais saída. E o que o Conselho ia fazer acaso descobrisse que eu estava tentando assaltar o banco de sangue no hospital? Que eu estava do lado de Zack?

O que eles fazem com traidores da causa mesmo?

Pensei em Zack enquanto fechava os olhos e esperava ser pega. Pensei nos olhos dele, naquela pele meio fria, nos lábios quentes... parecia que eu estava agora sentada no colo dele. Ele me abraçava, chejava os lábios bem perto do meu ouvido e dizia...

– Cara, isso que é acordar bem!

Eu abri os olhos num sobressalto. Aquela era a voz de Zack de verdade! O que ele estava fazendo no hospital?

– Chefa?

O que Sofia estava fazendo no hospital também?

Quando olhei ao redor, percebi que não estava mais lá. Estava no quarto das meninas, com um cheiro de miojo cheio de tempero no ar, sentada no colo de Zack com o saco de sangue no colo e rodeada por olhos arregalados.

– O... o que aconteceu?

– Na verdade a gente esperava que você dissesse... – falou Dine, ainda um pouco surpresa.

– Tele... teletransporte! – respondi, toda animada – Eu consegui! Fiz sozinha!

Eles sorriram, entendendo o motivo da minha animação. Ou quase.

– Mas o que é esse saco de sangue? – estranhou Bobby, parecendo chocado – Você assaltou o banco de sangue, chefe?

– *Er...* na verdade o sangue era meu e eles não quiseram me dar, tá? E eu tive um trabalhão para doar outra vez.

– Podia ter chamado a gente! – exclamou Ana, fazendo beicinho – As meninas disseram que era super legal e eu estava doida para ir também!

Eu torci o nariz, assustada.

– Doar sangue por diversão? Você é maluca?

– Maluca não. Doida – ela me corrigiu.

– Puxa, Jessi – Zack finalmente disse, enquanto passava a mão no meu cabelo – não precisava ter tido esse trabalhão toda outra vez para me agradecer...

– Não foi para te agradecer – cortei, mais ríspida do que pretendia – não foi uma coisa fácil.

– E ainda por cima rosa! – ele continuou – Como sempre adivinha todos os meus fetiches?

Foi quando olhei para baixo. Era do meu uniforme de enfermeira que ele estava falando. E eu ainda estava sentada no colo dele.

– *Eww*, chefe, tem crianças aqui – disse Estela, fazendo-me ficar da cor do uniforme.

Levantei rapidamente e joguei o saco de sangue no colo de Zack.

– Toma logo isso, seu idiota!

Ele sorriu tão serenamente que me senti derreter. Não adiantava o que ele aprontasse, era muito difícil manter a raiva com ele.

– De caçadora a criminoso... deixa sua mãe saber disso.

Bom, então ela também saberia que fui detetive, comediante e *stripper* sem querer.

Ele abriu a sacola com vontade e todos ficaram olhando-o atentamente enquanto ele sorvia o sangue devagar. Senti-me ruborizar.

Aquele sangue era meu; parecia uma coisa tão... íntima! Quer dizer, o sangue estava dentro de mim e agora... argh! Descia pela garganta de Zack.

Quando ele terminou levantou a sacola de sangue vazia para o alto e disse com voz animada:

– Obrigado, obrigado! Por favor, paguem dois dólares na saída e apareçam para o próximo show!

Eles explodiram em gargalhadas e eu também não pude evitar sorrir. Os olhos de Zack estavam com um lindo tom de vermelho e ele se pôs de pé com a energia de sempre.

Droga, eu o salvei outra vez. Que droga de caçadora eu sou.

Como se ninguém soubesse disso.

Ah, ninguém nunca me disse que eu teria que caçar o Zack, certo? Era Eric o nome do vampiro que eu tinha que caçar e ele nunca deu as caras!

Zack aproximou-se, deu um beijo no meu rosto e disse, com uma voz suave.

– Obrigado, Jessi...

Eu fiquei vermelha outra vez, virei o rosto murmurando um ‘de nada’ e Bobby estendeu-me um prato do miojo temperado que ele chamava de *yakisoba*. Eu estava mesmo fraca; não poderia negar, não é?

Comemos todos os pratos preparados (que já deviam estar gelados já que passei um bom tempo aprontando e eles cozinhando) enquanto eu explicava como Vincent tinha sido escoltado para a saída e do e-mail inocente que mandei para o Conselho. Depois toda a aventura que tive para roubar meu próprio sangue. Todos riram animados, comentando junto que Zack ficava chamando pelo meu nome enquanto dormia, junto com um monte de nomes como ‘minha querida’, ‘minha bela’, ‘meu amor’, ‘*ma petite*’, ‘*mi hermosa*’...

Virei o rosto para ele, esperando que estivesse ruborizado, mas não. Ele só ria, explicando que procurava mentalmente um apelido para me dar baseado nos livros que eu lia. E me vi falando sem querer.

– E aí? Decidiu?

– Sim.

Esperava por dentro que ele tivesse escolhido um apelido majestoso ou pomposo como ‘minha rainha’ ou ‘minha sereia’. Talvez até ‘minha princesa’ como alguns ex-namorados meus faziam, eu até aceitaria. Mas quando ele disse, senti-me furiosa como nunca – Baseado em todos os pensamentos pervertidos que você tem perto de mim, acho que não há escolha melhor que ‘minha safadinha’!

– O q... que pensamentos pervertidos?? – gritei, estupefata.



– Ewww, chefe! – exclamaram todos ao mesmo tempo.

Eu me virei vermelha feito o sangue que ele havia bebido. Já nem dava mais para esconder.

– É mentira desse vampiro idiota! – segui gritando, irritada – Ele não lê pensamentos! Está fazendo isso só para me matar de vergonha!

– Mas é verdade ou não? – disse Ana, curiosa.

Comecei a gaguejar. Quer dizer, não que meus pensamentos perto dele fossem lá pervertidos. Bem, não posso negar que às vezes lembrava-me do nosso beijo, da mordida dele em meu pescoço e da tremedeira que sentia quando sabia que ele estava me observando da janela. Quem poderia me culpar?

– N-não é do jeito que vocês imaginam, é que...

Zack abraçou-me enquanto eu gesticulava feito uma louca.

– Está tudo bem, Jessi, de verdade. É que nós fomos feitos um para o outro, não posso te culpar.

Eu arregalei os olhos.

– Como é? Esqueceu que somos amigos?

Ele sorriu e não me disse nada. Apenas deu-me outro beijo no rosto e quando eu estava pronta para exigir mais explicações, alguém bateu na porta do quarto.

Cara, é sempre assim!

Intruso fura-olho.

A voz soou um pouco irritada, exigindo que abrissemos a porta do quarto e explicássemos o motivo de todo aquele barulho.

Era o diretor.

Só que nós começamos a olhar um para o outro um pouco nervosos. Quer dizer, Bobby até podia estar lá, por sempre parecer meio, hum, gay. Mas Zack estava longe disso. De repente ele começou a rir e simplesmente pulou a janela e sumiu na noite.

Ah, ele sabe se virar.



Quando amanheceu, eu me sentia renovada. Estava preparada para um monte de boas notícias, sendo que uma delas incluía a saída definitiva de Vincent da cidade. Sei porque, antes de dormir, recebi uma mensagem do Conselho por e-mail informando-me de que Vincent iria retirar-se hoje e eu deveria ficar apenas na espera, que eles logo providenciariam alguém para me ajudar. E que, enquanto isso, eu continuasse procurando Eric se precisasse de algo para me distrair.

Sim, claro, como se eu fosse morrer de tédio.

Ah, também acrescentaram uma nota dizendo que eu me mantivesse longe de Zack a maior parte do tempo possível. Zack estava lendo por cima do meu ombro, como sempre, e comentou logo:

– Viu? Até eles têm mais juízo.

– Fica na sua, caçado.

Ele riu.

– Caçado?

– Se você vai me chamar de safadinha, esse vai ser o *seu* apelido agora.

– Combinado!

Pela manhã, troquei de roupa e corri para a saída da universidade. Havia me esquecido completamente de avisar Johnny, o porteiro, de que havia voltado ontem mesmo. Ele disse que já sabia que eu havia chegado – não duvido nada – mas pediu para que não fizesse isso outra vez. Eu agradeci e provei que não foi nada demais; afinal nem tinha sido presa, e ele riu. O pior é que eu estava mesmo falando a verdade.

Antes de voltar para o meu quarto, avistei Sean do lado de fora, estacionando um carro estilo *BMW* – talvez fosse, não entendo muito de carros – e saindo junto com alguém que estava no banco do carona. Ninguém mais do que...

Vincent?

Sean conhece o cara? Como? Será que depois do show de ontem, Sean foi atrás de Vincent dizendo que podia atrair Zack para uma armadilha ou coisa assim?

Despedi-me de Johnny e corri para trás de uma pilastra, assim que percebi que os dois estavam seguindo para a entrada da universidade. Pareciam estar discutindo.

Sean parecia ofendido. Assim que passaram por mim, aguicei os ouvidos e procurei ouvir com o máximo de atenção que pude, mantendo-me perto, no meio dos arbustos.

– Mas você também não me deu tanto tempo assim! – Sean disse, com voz alterada.

– Você me disse que poderia conquistar qualquer uma num piscar de olhos – retrucou Vincent, com a sua calma comum.

Sean baixou a cabeça e sua voz saiu quase num sussurro.

– Mas eu não esperava que ela resistisse tanto. Ou ela gosta mesmo desse cara ou...

– Nem diga uma coisa dessas – cortou Vincent com aspereza – Ela não pode gostar *desse* cara.

– Bem, não posso entender qual o motivo da sua resistência, já que tio dela você já admitiu não ser.

Engoli em seco.

Era mesmo de mim que eles estavam falando. Segurei firme o impulso de não correr até eles e exigir explicações. Ficar ouvindo às escondidas já estava me revelando mais do que eu poderia saber diretamente deles.

Depois de um tempo em silêncio, Vincent disse com uma voz que parecia sorrir.

– Bem, admita que Zack venceu, Sean. Ela não gosta de você.

– Ela gosta, sim! – sibilou ele, com uma raiva contida – Jessi pode não admitir, mas eu sei que se tivesse mais tempo...

– Bem, eu não tenho mais tempo – Vincent cortou – Devo partir imediatamente, mas terei que deixá-los por um tempo. Então arrumarei alguém que dê conta do trabalho de separar esses dois. Quanto a você, não vai ganhar um centavo.

Sentei na grama, sentindo o orvalho da manhã molhar minha bermuda e deixar-me úmida, mas não estava nem aí. Eu ouvi mesmo o que acabara de ser dito?

– Eu não preciso do seu dinheiro! Vou conquistar Jéssica porque eu quero!

Vincent pareceu sorrir.

– Bem, divirta-se. Agora devo cuidar da parte burocrática e pegar as minhas coisas.

Sean e Vincent separaram-se e segui um caminho diferente para ir ao meu quarto. Talvez eu devesse me revelar com um “*ahá!*” na frente deles, mas não lhes daria o gostinho de admitir ter sido enganada. Agora estava por dentro, certo?

Mal podia esperar para contar a Zacko que acabara de saber.

Quando estava sentada na frente do computador pronta para lançar aquela fofoca para minha mãe via e-mail, ouvi uma batida inesperada na porta. Era calma e forte.

Meu coração bateu acelerado. Eu já sabia quem era antes de abrir a porta e

dar de cara com aquele rosto sisudo.

– Olá, Vincent. Veio bater em mim por deixar Zackescapar?

– Você não leva as missões do Conselho tão seriamente como eu, senhorita Jéssica – ele respondeu, com toda a calma de sempre – mas já deve saber que devo retirar-me por uns tempos. Parece que *alguém* informou ao Conselho que as minhas atitudes não foram exatamente corretas.

Fingi estar assustada, mas cheguei a ser cômica.

– Não me diga?! Nossa, o Conselho anda tão esperto, hein? Parece que seus membros são unidos por fofoca de madame.

– Sabe que coisas muito sérias acontecem com quem trai o Conselho, senhorita Jéssica?

– Você vai ser processado? Já sei, vai ter que assistir toda a temporada de *Diários do Vampiro* sessenta vezes!

– Está levando na brincadeira, não é? Bem, espero que não esteja realmente protegendo Zack. Porque isso é a pior das traições que a senhorita pode cometer.

Engoli em seco, mas mantive minha aparência calma.

– Não sei do que está falando. Só estou usando de cautela. Agora, eu preciso mesmo que me ajude a capturá-lo, Vincent, porque ele andou aprontando comigo...

Virei a cara para o lado e fiquei meio amuada. Não há homem no mundo que resista a um beicinho de mulher. Ou uma necessidade de se firmar como protetor.

– A que se refere?

– Bom, ele... ele me mordeu mesmo e desde que isso aconteceu, algumas coisas estranhas aconteceram...

Ele aproximou-se, mais visivelmente interessado.

– Quando você tentou pegá-lo lá no saguão – continuei, bancando a mártir – eu tenho que admitir, eu o teletransportei sem querer. Eu não sei por que isso acontece, e normalmente só com ele, sabe? E já faz algum tempo... quer dizer, desde que doei sangue para o hospital...

– Você doou sangue? – Vincent pareceu alarmado – Senhorita Jéssica, você é extremamente inconsequente!

– Hein? Por quê?

– Você é uma caçadora com poderes sobrenaturais! O seu sangue carrega uma quantidade enorme de poderes e... – ele sacudiu a cabeça e segurou com firmeza suas têmporas – Ele bebeu seu sangue outra vez, não é? Com isso ele adquiriu uma sede de poder maior ainda!

– S-s-sim, mas ele já tinha bebido do pescoço mesmo! Faz diferença?...

– Pois então! Antes vocês já tinham uma ligação direta, agora você fortaleceu isso ainda mais! – ele levantou e começou a andar pelo quarto – Bem, isso pode ser benéfico para você já que agora pode senti-lo com mais força, mas a reciprocidade é a mesma.

– Mas você viu como ele ficou mais fraco depois que apareceu lá no refeitório? Por que quando toco nele utilizando meu poder, ele fica assim?

– Porque seus poderes foram feitos para eliminar vampiros. Mesmo que os utilize para ajudá-los, embora sem querer – ele lançou-me um olhar desconfiado

– isso os enfraquece. Com um vampiro mais fraco poderia até matar.

Estremeci de leve. Se Zack não fosse tão poderoso assim eu o teria matado sem querer?

– Você disse reciprocidade... Quer dizer que agora ele também tem parte dos meus poderes? Teletransporte, derreter metal...

Ele sacudiu a cabeça, pensativo.

– Não... Mas qualquer poder que ele possa ter adquirido vai ter uma ligação direta com você. Por exemplo, se ele adquirir o poder de, não sei, passar através de paredes, só poderá passar pelas paredes do lugar onde você está; se foi o poder de ler mentes, só seria a sua e por aí vai. Mas Zack não se utiliza ou não quer utilizar-se dos poderes que tem. Não passa de um idiota.

Hum, acho que tenho que concordar com Vincent nessa parte. Incrível, não?

Só que agora fiquei me coçando de curiosidade para saber o que Zack adquiriu comigo. Acho que vou empurrá-lo contra a parede e exigir que me diga.

Isso se ele não atravessá-la.

– De qualquer forma – Vincent continuou, com seu tom severo e calmo – você vai ter que se virar enquanto eu não estiver aqui. E procure não revelar sua identidade até eu voltar.

– Ah, não, eu tenho você pra isso.

Ele lançou-me um olhar meio irritado, mas continuou.

– Bem, não se aproxime mais de Zack. Se sua aproximação for demais, também *eu* terei que tomar alguma providência.

Aquilo soou ameaçador. É claro que Zack e eu nunca demonstramos nada na frente dele; tudo o que ele tem são suspeitas – eu sei, só se for bem mané para não notar. Mas fico pensando que se talvez eu tivesse cedido aos encantos de Sean, ele não desconfiaria tanto...

Vincent saiu do quarto com sua maneira imponente, sem olhar mais para trás, e suspirei. Passei por aquilo sem denunciar-me, não é? Bem, ele vai querer se desforrar; não tenho a menor dúvida. Quanto tempo será que vai passar fora?

Será que o Conselho vai passar um sabão nele, fazê-lo voltar ao jardim de infância para caçadores ou obrigá-lo a assistir *Crepúsculo*?

Voltei ao meu computador pensando em torturas, não sei por quê.

Bom, para serem cruéis poderiam depilá-lo.

Ou trancá-lo numa sala cheia de adolescentes.

Ou mandarem os adolescentes depilarem-no.

Sean mandou-me mensagens no celular – engraçado como todo mundo tem meu número – a tarde toda, pedindo mil desculpas. Depois perguntava se podia me encontrar, pedia para esclarecer algumas coisas e até telefonemas tentou dar; não atendi nenhum, lógico.

Mas incrível como ele não desistia. O mais engraçado é que Vincent realmente já havia partido, mas ainda assim Sean continuava me perseguindo. Seria o orgulho ferido?

Jéssica, a destruidora de corações. Vai ser meu novo título.

Zack bateu na minha porta assim que havia escurecido. Puxei-o para dentro enquanto ele ria e dizia: 'ooa, safadinha!'

Dei uma olhada para fora pra ver se via alguém e fechei a porta.

– Que foi, Jessi? Seus hormônios estão atacando outra vez?

– Cale a boca! Escuta, Zack, você nem vai acreditar!

Contei a ele toda a história que Vincent havia me dito; desde a parte em que entrou no meu quarto até a parte em que ele saiu. Depois tudo o que escutei da conversa dele com Sean. Zack ouvia atentamente com o semblante sério.

Quando terminei, ele suspirou.

– Desse lance do poder eu já sabia.

– Sério? E qual foram os poderes que você adquiriu comigo?

– Não importa, safadinha...

– *Epa*, importa sim! – retruquei, ignorando o apelido – Vai que a gente entra em modo combate e você sabe alguma coisa que eu não sei e me derrota?

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Jessi, eu derrotaria você com um braço preso nas costas sem precisar de poder algum. Aliás; os dois braços presos nas costas.

Fiquei calada. Era verdade, fazer o quê?

– Mas do lance do Sean... bem, eu já desconfiava. Chegava a ser meio óbvio.

– O que quer dizer?

– Bem, Jessi, Vincent é inescrupuloso. Não me admira que ele recorra a meios tão baixos. Eu já imaginava uma coisa assim.

– E posso saber por que você imaginava isso, senhor Zack?

Comecei a me sentir um pouco ofendida. O que ele estava insinuando?

– Bem, o fato de Sean ficar tão caído assim por você no primeiro dia, sendo que tantas mulheres já estavam em cima e...

Levantei-me e ele cortou a fala. De repente piscou, percebendo o que acabara de falar.

– Está me dizendo que o único motivo pelo qual Sean se interessou por mim foi porque ele foi pago pra isso? – minha voz saiu alterada. Mas também, *né*?

– Não, Jessi, claro que... bem, eu quero dizer é que foi muito rápido esse interesse todo; só depois que a gente te conhece que vê que você é legal e...

– COMO É?

Ele começou a coçar a cabeça. Parecia estar medindo as palavras.

Pela primeira vez na vida, acho. Ou na não-vida.

– Hum, quero dizer... é que você é linda sim, mas com tantas meninas se oferecendo assim de graça, é como... ah, Jessi, você sabe como é!

Eu quase desci do salto para me atracar com ele. Quando estava para cumprir a missão que o Conselho já me havia confiado há séculos, alguém bateu na porta. Tentei me recompor, irritada, e abri a porta pronta para descarregar no pobre coitado que estivesse ali fora.

Era Sean.

– O... o que você está fazendo aqui?

– Jessi, você não atendia meus telefonemas, então eu... – ele cortou a fala e virou-se para Zack no quarto – O que ele... bem, acho que não é da minha conta.

– Não, acho que não é mesmo – retrucou Zack olhando de soslaio para Sean.

– Bem, Sean, o que você quer? – desconversei, sentindo-me irritada pelos dois.

– Eu tenho uma coisa para te contar... mas a sós.

Zack simplesmente deitou-se na minha cama e cruzou as pernas.

– Zack... – comecei, para ver se ele se mancava.

– Não.

– Não?

– Não. Você é *minha* safadinha.

Eu quis mordê-lo. Mas não porque estava feliz, nem nada. Eu quis mordê-lo de tanta raiva que estava. Queria arrancar pedaço.

– Bem, Sean, então vamos sair.

Ele sorriu e Zack levantou-se depressa, segurando meu braço.

– Não está falando sério!

– Observe-me, caçado.

Livre-me do braço dele e fechei a porta com ele no quarto.

– Vamos! – eu disse para Sean.

– Mas e...

– Zack? Não se preocupe. Ele só vai destruir alguns dos meus livros.

Ai, minha coleção nova dos *Vampiratas*. Meu DVD edição especial da *Buffy*.

Mas eu estava possessa. Confesso que queria falar com Sean única e exclusivamente para irritar Zack porque eu também estava possessa com Sean.

Ai, ninguém merece. Essa síndrome adolescente me pegou de jeito.

Enquanto estávamos indo para o jardim, Sean continuava mudo. Se queria falar comigo estava perdendo uma grande oportunidade. Minhas vingancinhas não costumam demorar muito.

– Jéssica, eu... preciso confessar uma coisa.

E lá vamos nós.

– Vincent me pagou para conquistar você.

Eu levantei uma sobrançelha. Com certeza não era uma reação que ele estava esperando, mas eu também não esperava que ele confessasse.

– E por que está me dizendo isso? – perguntei, seca.

– Porque eu realmente gosto de você. Assim, de verdade. Você é tão linda, tão esperta... na verdade, ele não precisava ter me pago para tentar conquistar você. Eu teria me apaixonado por você de qualquer forma; desde o primeiro momento em que a vi.

Ah, finalmente alguma coisa boa de se ouvir. Eu queria que Zack estivesse escutando isso!

Na verdade ele deveria estar ouvindo, já que estávamos bem abaixo da janela do meu quarto.

– Ele disse por que fez isso? – perguntei inocentemente.

– Ele disse que tinha umas contas a acertar com Zack. Achava que se eu os mantivesse afastados, conseguiria; sem contar que achava que isso também iria enfraquecê-lo. Seja lá o que isso queria dizer.

Enfraquecer Zack? Essa é nova.

– Bem, obrigada por me confessar, Sean, mas então você deveria começar a tomar conta das suas coisas... Afinal, entrou nessa universidade apenas para me

conquistar, não foi? Sinto muito ter perdido o seu tempo.

Ele deu um sorriso sem graça e abaixou a cabeça.

– Bem, sim, mas eu não me arrependo. Estou feliz de ter conhecido você, até de ter te agarrado. Desculpa, Jessi, mas não me arrependo mesmo.

– Hum, bem, tudo bem. Está desculpado. Mas é melhor você ir, não?

– Eu já cuidei de tudo, Jessi. Na verdade já forcei uma transferência, isso porque já me formei há muito tempo. Estou indo para meu apartamento na cidade agora. Mas antes disso, será que... Bem, será que a gente podia sair e tomar um sorvete? Como velhos amigos?

Eu não sabia o que dizer. Percebi que já não sentia tanta raiva de Sean assim. Nisso, um livro sai voando da minha janela e aterrissa bem no meio de nós dois. Constatei irritada que era um livro do *Crepúsculo*; mas apesar de não gostar tanto dele assim, senti horror ao abri-lo e perceber que quase todas as páginas que continham o nome “Edward” estavam riscadas com um escrito à caneta que dizia: “feioso”.

– Vamos sim, Sean – me vi dizendo – só se for agora.

Quando estávamos indo para o estacionamento, percebi que as primeiras estrelas já estavam aparecendo e senti um tremor estranho. Talvez aquilo fosse uma péssima ideia, admito. Mas eu não podia recuar agora, podia?

Passei por Johnny, o porteiro, e ele lançou-me um olhar inquisitivo. Bem, mas ele não queria que eu evitasse ficar às voltas com o *bonitão* do Zack, como ele sempre me dizia?

Agora estava com Sean, certo? Eu também estava pensando sobre isso. Nunca fiz besteira nenhuma com namorado nenhum, então ele não pode me recriminar porque não tenho culpa no cartório.

De qualquer forma, iam tomar só um sorvete e esse frio na barriga deveria ter a ver com o fato de eu nunca fazer besteiras.

Digo, com namorados. Porque besteiras eu faço 24 horas por dia.

Adivinha quem estava me esperando no estacionamento?

– Zack! – Sean gritou, enquanto nos aproximávamos do carro – Como... como chegou aqui tão rápido?

– Jessi – Zack o ignorou – Pare com isso! Não entre nesse carro!

– Você pode ver alguma intenção errada de Sean, Zack?

Ele olhou para baixo.

– Não... eu não consigo ver... Mas tem algo errado aqui, Jessi. Sinto uma força estranha!

– Do que raios está falando? – meteu-se Sean, irritado – Andou bebendo? Ela quer ir comigo, cara!

*Andou bebendo.* Só rindo, mesmo.

Deve haver sangue alcoólico, por que não?

Sangria! Rá rá rá.

Desculpa, parei. Sempre que estou tensa por causa de alguma coisa eu começo a fazer piadinhas, reparou? Mas dessa vez não mencionei a minha irmã gêmea do mal.

Sean abriu a porta para mim e entrei. Parecia que eu estava funcionando no automático. Zack tentou abrir a porta e Sean a travou.



Senti um novo frio subindo pela espinha. E a força que Zack mencionou? Será que Vincent mal saiu e os vampiros já estão atacando?

– Ela quer ir comigo, Zack

Zack cerrou os dentes e fitou-me.

– Espero que saiba o que está fazendo, Jéssica.

Hum, claro que sei. Deixando você com raiva,oras.

Sean entrou e sorriu pra mim, dando partida no carro.

– Aperte o cinto, Jessi. O carro é bem rápido, você sabe!

Eu não sei de nada. Sei que sou uma idiota, e que algo ruim está para acontecer. Ou Zack me deixou traumatizada.

Sean arrancou com o carro e ainda pude ver um Zack de cara muito amarrada na calçada, olhando enquanto sumíamos de vista. Comecei a me sentir incomodada.

– Sean, nós vamos mesmo tomar um sorvete apenas, não é?

Ele não respondeu nada por um tempo, apenas mantinha-se olhando fixamente para frente.

– O que você viu naquele cara, afinal?

– O quê? Ah... bem, o que importa? Mas e o sorvete?

– Claro... vamos, sim.

Encostei-me no banco e apertei minhas mãos. O carro ia cada vez mais rápido, e Sean começou a voar nas curvas. Ainda bem que a área em que estávamos circulando não tinha muita gente passando, mas de certa forma preferia que tivesse. Ele apertava firme o volante e parecia ficar refletindo consigo mesmo.

– Você viu que atrevimento? – ele falou novamente – Como se fosse seu dono! Como pode tolerar uma coisa dessas?

– Ele só estava preocupado comigo, acho.

– Ciúme, aposto – Sean deu um sorriso de lado – Agora você está aqui.

– É, estou – mordi meu lábio inferior – Precisa correr tanto assim?

– Você gosta de mim, Jessi?

– Claro que eu gosto. Também gosto de admirar a paisagem e infelizmente isso não pode ser feito, sabe, está rápido demais.

– Está com medo? – ele sorriu e apertou ainda mais o acelerador.

– É óbvio! Por que está fazendo isso? – perguntei, angustiada.

– Que tal depois do sorvete a gente dar uma passada na minha casa?

– Que tal NÃO?

– Acho que *eu* estou no controle agora...

Essa não. Onde fui amarrar minha égua?

Expressão velha. Bateu uma saudade do Pterówski agora.

– Está me dizendo que não vai me levar para tomar sorvete?

Ele riu e não disse nada. Ah, que ótimo. Só que não vou dar esse gostinho para Zack, ah, de jeito nenhum! Depois ele vai me torturar pra sempre com ‘eu não te avisei?’ como ele sempre faz.

– Para essa droga de carro, Sean!

– Por quê? O que você vai fazer?

Droga, o que eu realmente poderia fazer? Estava presa ali com um cara que

se achava um corredor de Fórmula 1. Minha nossa, o que o Conselho diria se soubesse? O que *mamãe* diria se soubesse? Talvez eu ainda pudesse ter algum poder que se manifestasse agora...

No entanto, antes que eu pudesse pensar em alguma coisa, um cachorro passou correndo na nossa frente, e o susto foi suficiente para Sean dar uma guinada no volante para desviar dele e perder o controle do carro. Começamos a rodar pela pista e comecei a rezar pelo meu anjo da guarda.

Hora de trabalhar, rapaz! Não que eu já não te dê muito trabalho.

Sean lutava para que o carro não capotasse, mas era tarde. Depois que giramos umas quatro vezes, o carro virou e já não vi mais nada.

A escuridão durou muito tempo. Minha cabeça doía e não era preciso ser um gênio para saber que aquele líquido que eu sentia descendo por ela era sangue. Não conseguia abrir meus olhos, mas continuei fazendo um esforço.

Certo, sofri um acidente. Ainda devia estar viva, já que não acho que no céu você pode sentir cada osso do seu corpo doendo. Tentei virar a cabeça para o lado, mas doeu demais, então desisti.

Quando abri meus olhos esperava ver um céu estrelado, com cada pontilhado branco testemunha da minha idiotice, mas não. Vi um rosto belo como o de um anjo fitando-me com interesse. Os cabelos dele eram prateados e vestia-se com uma túnica branca e comprida. Um símbolo estranho de infinito – um oito deitado – aparecia tatuado bem no meio de sua testa e seus olhos eram de um tom amarelado que eu nunca tinha visto.

Era o mesmo homem que eu vi no jardim, quando Zack e Vincent estavam prestes a se enfrentar e depois na escada, com um olhar frustrado.

– Hum... – percebi que conseguia falar, mesmo que ainda devagar – Eu ainda estou viva, não é?

– Está sim – ele respondeu com voz suave – pode agradecer ao seu anjo da guarda por isso.

– Obrigada, meu anjo da guarda – tentei mover a cabeça, mas ainda não podia – E Sean?

O homem retirou um relógio antigo e fitou-o cuidadosamente; o mesmo relógio dourado de antes. Depois o pôs de volta e murmurou.

– Ele vai ficar em coma por uns dois dias, mas vai sobreviver. Sem sequelas, ainda por cima.

– Mesmo?

Por incrível que pareça eu estava mesmo acreditando nele.

– Não se preocupe... Zack já está vindo aí. Ele esteve no seu encalço desde que saíram.

– Como você sabe? – murmurei, ainda sentindo a cabeça latejar – Conhece Zack?

Ele deu um meio sorriso no estilo de Zack e souou com uma voz contida.

– Ah, sim... somos velhos conhecidos...

Ouí uma moto à distância. Logo depois a voz de Zack ao longe gritando meu nome.

– Ele chegou. É hora de partir.

– Espere... Já o vi duas vezes... e numa delas você desapareceu na minha frente. Quem... *O que* é você?

Ele sorriu com aquele rosto angelical, depois jogou os cabelos prateados para trás e murmurou com uma voz que me deixou derretida e ao mesmo tempo petrificada.

– Meu nome é Eric, Jéssica.

E desapareceu.



Zack estava lá, quando abri os olhos. Deitado com a cabeça no meu colo, me olhando atentamente. De um lado havia uma agulha no meu braço (*argh*) com um fio ligado a um saco de sangue, do outro um braço enfaixado.

Movi a cabeça e ainda senti meu corpo dolorido, mas já não estava tanto assim.

– Acordou, safadinha? Vai tentar pular a janela do hospital agora ou coisa parecida? Talvez enfiar a cabeça dentro da boca de algum leão?

– Bem, talvez deixar meu pescoço à mostra de algum vampiro abusado... Você não me deixa em paz, mesmo, hein? – murmurei, sentindo-me culpada.

– Por favor, me deixa dizer a frase... Eu esperei tanto por esse momento...

– Está bem... – suspirei.

– Eu te avisei!

– Eu sei.

Ele ergueu-se e passou a mão na minha testa.

– Droga, Jessi, achei que ia perder você. Não faça mais isso, entendeu? Você não tem noção do que eu seria capaz.

– É, não tenho mesmo. E Sean?

– Morreu.

– Morreu nada.

– *Hunf*. Ele está no quarto a lado. Parece que está em coma, mas os sinais são estáveis.

– Ele vai sobreviver – eu disse, com a maior calma do mundo.

– Claro que vai. Vaso ruim não quebra.

– Você nos trouxe até aqui? Eu não sabia que dirigia motos, também...

– Ai ai, Jessi... Acha que só vi filmes da Sessão da Meia Noite durante 800 anos? Está menosprezando meus poderes de vampiro, caçadora. Eu peguei uma que achei no estacionamento e depois eu os trouxe no carro de Sean.

– Devia ter ligado para uma ambulância! Não se carrega as pessoas que

sofrem acidentes!

– Se eu tivesse ligado e esperado, Sean podia estar morto.

Depois suspirou.

– Sim, você tem razão. Eu devia ter ligado.

– Poupe-me do seu sarcasmo. Você não o deixaria lá para morrer.

– Não, mas se drenasse todo o sangue dele ninguém desconfiaria.

Ele parecia realmente sério a respeito disso, então mudei de assunto.

– Havia um homem lá no acidente. Ele... era um bocado estranho.

– Ah, você sempre atrai gente assim.

– Quer calar essa boca? Escuta... Ele tinha cabelos prateados longos, estava vestido todo de branco... era um homem muito bonito, por sinal.

Zack arregalou os olhos e ficou de pé. Seus lábios tremeram por alguns segundos.

– Meu Deus, Jessi... como você atrai esse tipo de coisa?

– Quem era? Ele disse que te conhecia...

Zack engoliu em seco. Isso mesmo, você entendeu: ele parecia com medo.

– Que nome ele disse que tinha?

– Eric... por acaso o nome do vampiro que eu tinha que caçar. Mas ele não é vampiro, não pude sentir nenhuma presença vinda dele...

Zack sacudiu a cabeça, andou pelo quarto e, depois de alguns segundos, deu um sorriso nervoso.

– Ah, não, ele não é vampiro... Então, Eric é o nome que ele adotou agora... Jessi, ah, minha nossa, no que eu fui meter você dessa vez!

– Eu arrumo minhas encrencas sozinha, obrigada. Mas enfim, você disse que ele não era vampiro, certo? Ele desapareceu na minha frente! Ele não é humano, não é?

– Não, não é...

Senti um frio na espinha.

– Ele é lobisomem?

– Lobisomem? Essas coisas não existem! – então se voltou pra mim e arregalou os olhos – Andou lendo esses livros de vampiro românticos de novo, não foi?

– Bem, é um extraterrestre, então?

– Jessi, o cara brilha!

– Quer fazer o favor de esquecer *Crepúsculo* e responder a minha pergunta?

– Não, não é extraterrestre.

– Então o que ele é?

– Não posso te dizer porque isso o atrairia. Jessi, eu sabia que isso tudo foi um erro...

– Ah, nem vem, senhor Zack Não vem bancar o vampiro-misterioso-que-deixa-a-mocinha-por-amor-para-ela-ficar-em-segurança. Todo livro de vampiro tem uma dessas e, depois, quem resolveu caçar você fui eu. Então  *você*  é a vítima nessa história.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– O que seria de mim sem você? – ele sorriu, passando a mão em minha testa – Mas ainda assim; agora tenho que ficar de olho em você duas vezes mais. Para

não me matar, claro, e para não se matar. Se bem que eu já fazia isso antes...

– É pra rir agora? Posso esperar um pouco mais?

Nisso, entra a enfermeira nada simpática no quarto.

Enfermeira fura-olho.

Ai, meu Deus.

– Bem, amores, está na hora dela tomar o analgé... perai... *Você?*

– Hum... Oi! Lembra de mim? – respondi, tentando bancar a inocente.

– Claro que me lembro de você! É a maluca que queria o saco de sangue pra dar de presente! Sem contar que depois disso houve o maior rebuliço! Algo me diz que você sabe do que estou falando.

Ufa, por sorte ela não me viu vestida de enfermeira.

Depois a mulher estendeu um olhar de poucos amigos para Zack.

– E você! Eu já te vi rondando esse hospital algumas vezes... seu rosto me é familiar...

Ele levantou-se e estendeu a mão para ela.

– Prazer! Eu sou o cara que a Jessi queria dar o sangue de presente! Como vai?

Ela apertou a mão dele meio desnorteada.

– Do que raios está falando? O que você ia fazer com o sangue?

– Ora, beber. O que mais dá pra fazer?

Ela olhou para mim e eu dei de ombros. O que eu poderia fazer? Ele é um idiota.

– Aliás, tem mais um desses? – ele apontou para o saco de sangue que estava ligado no meu braço – Só pra passar o tempo.

Ela fechou a cara com a gracinha e saiu.

Sem me dar a droga do analgésico.

– Não vai me dizer que você ainda está com sede – eu disse, logo que ela saiu.

– Claro que não, seu sangue tem muitas calorias. Mas não quer dividir o saco aí não de qualquer forma? Não oferece nada para as visitas?

Revirei os olhos. Algumas coisas nunca mudam.

Que bom!

Quando acabou o horário de visitas do hospital, Zack saiu educadamente e dessa vez não voltou na madrugada, então pude descansar. Eu até sabia que ele estava rondando lá fora, mas em respeito ao meu braço torcido, minha costela quebrada e minha perna engessada ele resolveu se comportar. Acho que tenho que agradecer.

Pela manhã – bom, eu sabia que ele já tinha ido embora, senão virava churrasquinho – as *otakus* vieram me visitar, junto com Bobby e Ana, e com muitas flores e balões, mandados pelo diretor e – imagine só – por Linda e companhia. Eram cartões bem secos, mas dava pra perceber que fora grande o esforço de enviá-los.

Entretanto houve algo sinistro. Depois que já estavam lá, contando o novo episódio do *Naruto Shippuden* ou sei lá o que, uma enfermeira de olhos arregalados entrou, carregando um buquê de flores mortas. Nós silenciamos e ela entregou-me o buquê, um pouco trêmula.

– Esse buquê foi deixado na recepção... nós cogitamos se devíamos entregá-lo ou jogá-lo fora, mas acho que já que você tem amigos estranhos...

Ela olhou de soslaio para as *otakus* e elas sorriram. Assim que a enfermeira se retirou, eu vasculhei o buquê. Encontrei apenas uma rosa viva no meio das mortas e um cartão. Ele dizia:

“Desculpe, querida. Eu tentei. Eric”

Senti um frio horrível correr pela espinha. Tentou o quê? E por que o buquê de flores mortas? Era alguma espécie de ameaça?

As meninas me olhavam curiosas.

– Hum, não se preocupem – eu disse, tentando acalmar a curiosidade delas, apesar de saber que é algo impossível – Depois eu explico. Quer dizer, quando eu mesma entender.

– Você sabe quem mandou isso, chefe? – perguntou Estela, temerosa.

– Bem, sim... parece que foi algum amigo de Zack, sei lá...

– Você parece melhor, Jessi. Como consegue sentar na cama com as costelas quebradas?

Eu fitei Bobby por uns instantes. Ele estava certo. Na verdade, eu não sentia dor alguma. Já não estava mais recebendo transfusão de sangue, então me levantei.

Estava simplesmente curada.

– Jessi?

– Eu não estou sentindo nada!

O médico entrou com meu prontuário na mão e paralisou, olhando para mim.

– Eu... eu posso explicar! – eu disse, sentindo como se estivesse fazendo algo errado.

A verdade mesmo é que eu não poderia explicar nada. Mas ele também não pareceu muito chocado.

– Bem, parece que aconteceu algum erro... Você chegou muito machucada ontem, e aqui diz que você teve várias fraturas, mas fizemos novos exames e constatamos que não houve mais nada. Não há fraturas, nem sequer mesmo escoriações. A senhorita poderia se submeter a mais testes clínicos, por favor?

Eu não me neguei, afinal eu devia isso por fazer o hospital passar por tantas dificuldades o tempo todo. Você sabe, roubo de uniforme, de sangue, cura milagrosa e tal.

Ceguei à universidade umas três da tarde, exausta depois de tantos exames e perguntas – que pude despistar com “agora não, estou cansada, depois dou uma coletiva de imprensa” – e as meninas me deixaram no quarto, carregando os presentes, chocolates e flores.

Cara, às vezes é bom passar um aperto. Incrível como estar tão perto da morte me fez ser tão notada! Bem, desconsiderando o fato de que eu era a filha do embaixador, sou perseguida pela torcida e pelas obcecadas garotas das adagas da porta e ainda paquerada pelo cara mais lindo da escola. Se eu ainda estivesse

no escritório do contador, provavelmente receberia um balão meio atrasado de ‘melhoras’ e uns quinze mil artigos para organizar.

Afinal, eles sabem que estou com lepra ou antraz e nem um cartãozinho até agora.

Quando entrei no quarto, passei pela montoeira de coisas jogadas e da cama lotada delas – que vou fazer questão de separar depois e comer todos os chocolates antes que Zack entre e os jogue pela janela dizendo que devo fazer as pazes com a balança – e entrei automaticamente no banho, sem nem querer saber em que temperatura estava a água. Só queria mesmo um bom chá e cama.

Ao menos era o que eu pretendia.

Joguei a roupa em cima assim que sequei e corri para a cama, jogando-me nela com gosto. Ai pisquei.

As coisas que estavam lotando a dita cuja estavam na cadeira. Todas as que estavam no chão estavam empilhadas no canto, na cômoda e as flores em vários jarros de água. Tremi.

Eram quase quatro da tarde agora. Zack não poderia estar ali; quem mais poderia...

Quando girei a cabeça, percebi um homem vestido de branco sentado na outra cadeira em frente ao computador, tomando chá.

Eric.

– Desculpe, não gosto de bagunça – disse ele, sem tirar os olhos da xícara.

Meus lábios tremeram. Eu não sabia o que dizer ou não *conseguia* dizer.

– Eu sabia que sairia logo – ele continuou – É bom ter o dom da recuperação rápida, não? Os caçadores de vampiros têm essa vantagem.

Eu tinha levantado da cama vagarosamente, mas caí sentada de novo.

– Você... você sabe que sou uma caçadora de vampiros? – minha voz finalmente saiu – E como entrou aqui? E como esquentou esse chá? E o que raios é? Um vampiro ou um ET?

Ele sacudiu a cabeça, fechou os olhos e disse com a maior calma do mundo.

– Vocês, humanos, são tão ansiosos...

Respirei fundo. Uma coisa eu tinha descoberto... humano ele não era. Eu sei que é óbvio, mas uma coisa de cada vez. Como diz Freddy Krueger, vamos por partes.

– Certo... então me ajude aqui, Eric, não é?

Ele continuou bebendo o chá.

– Como entrou aqui?

– Eu posso entrar em qualquer lugar sem ser convidado. Aliás, são poucos os que me convidam para entrar e muitos se arrependem tarde demais – ele parecia rir de uma piada secreta por trás da xícara.

– Você é vampiro?

– Graças a Deus, não – respondeu, torcendo o nariz.

– Como esquentou esse chá?

– Eu tenho meus próprios dons, obviamente.

– Também é um caçador?

Ele pousou a xícara no pires e deu um sorriso discreto.

– Eu não saio para caçar porque caçar implica possibilidade de erro. Eu saio



para matar.

– Você tirou isso de um site de piadas de Chuck Norris.

– Ele é outro que vive me dando dor de cabeça...

Por incrível que pareça, eu estava me sentindo ao mesmo tempo temerosa e tranquila perto dele. É como se eu soubesse que nada podia acontecer... por enquanto. Mas ele parecia, sei lá, sinistro demais.

– Você não é um fantasma, não é?

Cara, por mais que eu ame os livros da Mediadora, eu não queria encontrar um fantasma tão cedo por mais sexy que fosse, me desculpe a Meg Cabot.

– Oh, não, não sou.

– Mas o que raios é você?!

– Não posso te dizer.

– Por que não?

– Porque não. Só se você chamasse por mim.

– Mas como posso chamar por você se nem sei se você se chama mesmo Eric?

Ah, minha nossa. Só me faltava outro Zack na vida. Mas esse maluco no meu quarto não parecia ser sarcástico como Zack... parecia ser sincero.

– Mas você também caça vampiros ou não?

– Digamos que minha vítima pode ser qualquer um.

Eu recuei de leve.

– Eu... seria sua próxima vítima, então? Você é um inimigo de Zack, não é? Vai me matar para se vingar ou coisa assim?

– Vingar-me? Oh, não. Não é da minha natureza. Eu te amo, Jéssica.

Caí sentada na cama outra vez. Zack tinha razão. Eu realmente atraio gente estranha.

Acho melhor ficar sentada de vez, assim não preciso fazer tanto exercício.

– Você é inimigo de Zack, ou não?

Ele franziu a testa.

– Bem, ele realmente me incomoda muito. Temo que desde que Zack veio pela primeira vez ao mundo tem me dado mais trabalho do que jamais pedi. E ele sozinho chegou a fazer parte de toda minha jurisdição.

Não estava entendendo mais nada.

Parecia que estava estudando para concurso mais uma vez.

– Ele te dá trabalho demais? Mas... sabe que sou uma caçadora do Conselho e que fui enviada para matar um vampiro chamado Eric, não é? Alguém atraiu você pra cá? Pode ser que a mesma pessoa que forçou a minha aproximação com Zack esteja...

– Eu forcei sua aproximação com Zack, Jéssica.

–... Q-quê?

Ele suspirou, pousou o pires com a xícara na mesa do computador e levantou-se.

– Seus pais também têm me aborrecido um bocado. Tanto eles como Zack ao redor de centenas de anos têm tornado minha existência muito trabalhosa.

– Centenas de anos? Está me dizendo que meus pais não são humanos agora?

– Ah, não, eles o são sim. Bem, acho que estou falando demais.

– Não, está falando de *menos*! – exasperei-me, nervosa com tantos meio-segredos – Quer fazer o favor de me explicar essa loucura? Está me dizendo que o Conselho é uma farsa?

– Oh, não. Desculpe-me, deixei-a angustiada.

– Corta o papo e solta o verbo!

Ele olhou-me confuso, coçou o queixo e repetiu ‘verbo?’ antes de erguer uma sobrancelha.

– Oh... você acha que não estou esclarecendo as coisas. Parece um pouco tensa.

Um *pouco* tensa. A sorte dele é que não estou na TPM agora.

– Não acha que vou sair alegremente por aí e te convidar para um piquenique depois de tantas coisas que você está custando para esclarecer, acha?

– Está zangada comigo? Sinto muito. Esperava que não ficasse tão zangada depois das flores. Vocês, mulheres, gostam de flores, não é?

– VOCÊ ME MANDOU UM BUQUÊ DE FLORES MORTAS!

– Oh... estavam *todas* mortas?

– N-não... uma... uma estava viva.

– Oh, que bom! Então esqueça as que morreram. Pense apenas na que estava viva, está bem? Sempre veja o copo meio cheio, não meio vazio.

Minha boca estava seca. Aquilo tudo era muito surreal pra mim; parecia os episódios de *Evangelion* que as meninas me fizeram assistir.

– Espero não estar revelando coisas demais... – ele me fitou com um olhar de súplica.

– *Argh*, é justamente esse o problema! Você não está revelando nada!

– Oh, está tensa de novo...

Eu suspirei fundo. Eric era calmo demais até pra mim; parecia um daqueles psicopatas do pirulito enterrado no quintal. Bem, você sabe...aqueles que piram por um motivo aleatório.

– Vamos dar uma volta lá fora.

Não sei por que eu disse isso, mas acho que só precisava dar uma caminhada e estar na vista de todo mundo. Quer dizer, ele podia mesmo ser um psicopata, né? Precisava de testemunhas.

– Bem – eu disse, enquanto ele abria a porta para mim e saíamos do quarto – agora pode me dizer por que me ameaçou com o buquê de flores mortas?

– Eu já disse, foi um presente.

Ele parecia realmente convicto disso. Então resolvi mudar de assunto.

– Bem... como você sabe meu nome?

– Já faz algum tempo. Mais ou menos há uns 30 anos.

– Você me viu ao nascer? – eu arregalei os olhos – Quantos anos você tem, afinal?

– Bilhões, acho... minha existência remonta aos tempos do Éden.

Por pouco não bati na parede.

– Você é um anjo! É isso, não é?

Ele pensou um pouco antes de responder.

– Hum... quase. Não exatamente.

*Argh!*

– V-você não é um... demônio, não é?

– Não, imagine! Não me ofenda, por favor. Só cumprio ordens.

Nesta hora, Linda e suas companheiras passaram por nós. Eu fiquei com medo de que elas pudessem ter ouvido nossa conversa, porque passaram de olhos arregalados e entreolhando-se. Mas ainda assim, estranhei o fato delas não terem nos interrompido ‘tipo assim’ para eu explicar o show do meu tio no refeitório ou como me recuperei tão rápido de umas costelas quebradas.

Eric sorriu de modo discreto. Acho que não era muito do feitio dele sorrir.

– Você disse que me ama... – continuei, ignorando-as – me viu nascer... é parente meu?

– De forma alguma.

– Disse que cumpre ordens. De quem são as ordens? Do Conselho?

– De alguém superior.

– Do presidente?

– Superior.

– Do FMI?

– Superior.

– Ah, sei lá... do Papa?

– Superior.

– Ai, caramba... nem quero mais perguntar.

Zack tinha razão. Acho que estava embarcando em algo muito maior do que imaginava.

Puxa, por que não estou surpresa?

Quer dizer, quando eu era pequena, adivinha quem foi a única criança que subiu no balanço quando ele estava para quebrar? Adivinha quem rasgou a roupa do teatro na hora exata de entrar no palco? Adivinha quem descobriu há pouco tempo que os pais na verdade a sustentaram por muito tempo com uma profissão de matadores munidos de estaca e água benta?

– Então vamos resumir tudo – cortei logo, tentando aparentar uma coragem que nem de longe eu tinha – você disse que me atraiu aqui. Que foi você que armou tudo isso! Mas por quê? Como fez isso?

Ele sorriu e fechou os olhos. Mais uma turma passou por nós de olhos arregalados, mas eu já não me importava mais. Ele que devia ser o estranho, com aqueles cabelos longos prateados e túnica branca, não eu. Vai ver o povo nem prestava atenção no que dizíamos.

– Bem... eu tenho uma leve rixa com Zack e seus pais, como eu já disse.

– Meus... pais? Ah, sim, você disse que eles têm dado trabalho a você por centenas de anos. Mas sério, o que eu tenho a ver com isso? E de onde você tirou essa de ‘centenas de anos’? Eles não são tão velhos assim... bem, sua memória pode não ser das melhores, não é, já que sua existência é longa...

Outra que papai e mamãe aprontaram. Agora entendo porque eu nunca ficava de castigo quando aprontava. Deve ser mal de família; então nem posso jogar isso na cara deles.

– Imagino o que está pensando, querida. Mas seus pais nunca me viram.

– Então... como pode ter rixa com eles se nunca... e como pode ter me visto há trinta anos? Você está me deixando louca!

– Importa-se se as pessoas a consideram louca?

– Claro que sim!

– Hum... então é melhor voltarmos ao quarto.

– Por quê? Se tem algo pra falar, fale de uma vez!

Mais uma turma passou; agora a turma do Rick e seus jogadores. Mas eu me mantive firme quando percebi que Eric havia se calado.

– Fale logo de uma vez! Como forjou aquele e-mail?

Ele sorriu mais uma vez quando os rapazes olharam para nós e falou com calma extrema.

– Os computadores são muito simples, típicos de uma limitada mente humana. Eles são compostos apenas por...

– Números binários, estou sabendo – cortei logo, antes de ser humilhada por falta de conhecimento outra vez.

– Bem, de qualquer forma, enviei a eles uma informação falsa de que um tal ‘Eric’ estaria agindo aqui, e que seria interessante da parte deles enviarem uma novata, de alguma família famosa pelas caçadas, porque seria uma ótima oportunidade de treino. Depois de uma sugestão mental ao superior do Conselho, eu...

– Sugestão mental? Você controla mentes?

– Não, não as controlo. Apenas leio os pensamentos mais comuns e sugestiono outros.

– Você lê pensamentos?

– Quando eles se comunicam comigo, sim.

Minha vontade era de bater a cabeça na parede.

Podia ler mesmo meus pensamentos se eles se dirigissem a ele? E se eu pensasse besteiras? Estou no auge dos meus trinta, pode acontecer.

– Claro que posso. E entendo que pode pensar besteiras; vou apenas ignorá-las, que tal?

Eu pulei para trás quando ele respondeu sem eu ter falado.

– C-certo, então... então me explica agora o motivo disso tudo. Do e-mail forjado, da tal sugestão mental... por que queria que eu me encontrasse com Zack?

– Pode me fornecer outra xícara de chá?

Eu suspirei. Ele era tão frio e calmo que dava nos meus nervos, mas não poderia negar.

Voltamos ao quarto com ele me seguindo de perto, mas totalmente inexpressivo. Por vezes eu fitava aquele rosto angelical e tentava imaginar o que ele estaria pensando. Será que queria matar Zack? Ou a mim? E por que raios dizia que me amava? Eu nunca o havia visto antes!

– Parece muito confusa... sua mente parece uma bagunça só... e eu não gosto de mentes atormentadas – ele murmurou quando viu meu rosto pálido e me apressei a abrir a porta do quarto outra vez.

Estava perto das cinco horas. Zack ainda estava dormindo; eu teria que me virar com aquele psicopata, sozinha, ainda por um tempo.

Eu dei-lhe o chá de saquinho, a xícara e o pires com a água e quando me virei para procurar o açúcar, uma fumaça saía das mãos dele junto com um

cheiro agradável de camomila.

– Hummm... – ele murmurou, sorvendo o chá em silêncio.

Nem perguntei a ele como fez isso. Oi, eu derreto metal.

– Então? – perguntei, agoniada – Vai me dizer agora por que nos preparou a armadilha, então?

Ele suspirou, como se não quisesse tocar no assunto. Qual é, causa um problemão pra todo mundo e ainda quer bancar o cansado da história?

Eric cruzou as pernas e recostou lentamente na cadeira.

– O que eu realmente queria era verificar mesmo se Zack estava mudado como as circunstâncias indicavam. Se eu trouxesse uma caçadora gentil e meiga para caçá-lo, será que ele sucumbiria à tentação de não matá-la e mostrar sua verdadeira natureza?

Gentil e meiga? Eu deveria ficar feliz, não é?

– Mas... e se ele me matasse?

– Bem, então os seus pais ficariam acabados... e talvez toda essa matança da parte deles também teria um fim.

– Você também queria atingir meus pais? Mas... me matar?! Você disse que me amava!

– Ora, e amo! O que isso tem a ver? Você estaria em um lugar melhor; eu a levaria pessoalmente.

– Você... é extremamente frio! Queria que Zack e eu matássemos um ao outro? Isso não seria uma espécie de vingança?

Ele deu um sorriso sinistro.

– Ora, o livre arbítrio é um presente de Deus para todos, não é?

– Não consigo... não consigo entender ainda porque...

Ele levantou para mim olhos lânguidos. Em seguida sua voz saiu quase como um sussurro.

– Você tem visitas.

Eu o fitei com curiosidade. Antes mesmo que abrisse a boca para perguntar do que diabos ele estava falando, a porta soou sua costureira batida na madeira. As *otakus*, sem dúvida.

Resmunguei que a porta já estava aberta e assim que entraram alegremente, e tornei a olhá-lo.

– Como você sabia?

– É melhor não falar comigo, agora. Vão pensar que está louca.

– O quê?

– Chefa – chamou-me Estela, com uma das sobranceiras levemente arqueada – com quem você está falando?

Eu arregalei os olhos, surpresa. Elas não podiam vê-lo? Era alguma brincadeira?

Simplesmente, ele abaixou os olhos e sorriu.

– Zack agora deu para ficar invisível, chefa? – comentou Sofia, ao ver minha cara de pânico.

– Vocês não podem ver o Eric? Que gracinha nova é essa?

Elas se entreolharam. Bobby também estava lá, acompanhado da Ana.

– Hum, deve ter sido o período no hospital... – disse Sofia, com ares de

entendimento – a recuperação muito rápida deve ter trazido sequelas.

– Que nada – comentou Dine – deve ter sido a comida! Ouvi dizer que a gelatina de hospital é feita por *ETs*!

– Ainda acho que deve ter sido aquele sangue que ela recebeu na transfusão...

– comentou Estela – quem sabe pode ter sido de algum emo?

– Viu, Ana? – meteu-se Bobby, alegremente – não é só você que é doidinha!

Eles não podiam vê-lo.

Eles não podiam *ver* Eric!

– N-não, Sofia, eu só... deve ser estresse, só isso.

– Cuidado então – disse Eric, levando a xícara à boca, embora eu soubesse que elas não podiam ouvi-lo ou vê-lo – eu posso ter que te levar antes da hora.

Levar... me levar antes da hora? Do que raios ele estava falando?

Subitamente tive uma iluminação e engoli em seco.

– Meninas... podem me deixar por um instante? Eu... eu acho que ainda não me recuperei.

Elas acenaram compreensivas e todos saíram, roubando alguns chocolates na saída antes que eu os impedisse fechando a porta.

Suspirei e engoli em seco outra vez. Então me virei para Eric mordendo meu lábio.

– Você é a morte.

Ele sorriu e disse de modo quase animado.

– Até que não demorou muito para você entender...



Eu não conseguia me mexer, mas minhas pernas sacudiam feito bambus em vendaval. Tudo parecia fazer sentido e ao mesmo tempo, não.

– V... Você... Você é a morte mesmo?

– Hum, não ‘a morte’, mas um dos seus muitos mensageiros. Eu chego na hora em que a pessoa precisa ir e a levo. Às vezes é um pouco desgastante quando a pessoa não está exatamente esperando por mim e pronta para me aceitar. Como muitas vezes acontecem com as vítimas de Zack.

Ele torceu o nariz e pôs a xícara de volta no pires.

– Seus pais também são dois dos maiores caçadores do Conselho e a quantidade de vampiros que já mataram é desgastante. Sem contar que a maioria deles é tão perigosa e irritante... E na sua grande maioria, para não dizer todos, vão para o inferno. Raras poucas exceções... não.

– Você os leva ao inferno?

– Graças a Deus, não. Devo apenas levá-los a julgamento, mas eu sei que o destino deles acaba sendo apenas um. Eu sinto pena. O mesmo sinto por aqueles que me desejam e acabam tirando a própria vida. O destino deles acaba sendo o mesmo; afinal os suicidas não podem tirar a vida e tomarem esse papel de Deus.

Eu tentava formular as perguntas na minha cabeça antes de soltá-las, mas era muito difícil. Quer dizer, o que você perguntaria para a morte em pessoa se a visse?

Quer dizer, antes de correr de medo?

E o pior, sendo tão lindo?

– Você disse... que já me conhecia?

– Ah, não se lembra? Hum, claro que não. Mas talvez sua mãe tenha comentado o fato. Quando você era ainda um bebê, um vampiro entrou em seu quarto...

– ... e estava prestes a me matar. Sim, ela mencionou. Eles mataram o vampiro, mas...

– Bem, eu sabia que teria que levar alguém. Nesse caso, não me importa quem seja.

– Você é extremamente frio, sabia?

– Eu nem poderia ser sensível, Jéssica – ele sorriu – mas no caso, quem não tem contas a acertar no céu não tem o que temer, não é? Uma criança não tem o que temer, mas seu assassino, sim. Mesmo que seja sua própria mãe, no caso de um aborto, por exemplo. A não ser que ela acerte as contas com o céu antes de chegar. Depois...

– Você não é *mesmo* do mal?

– Do mal? Oh, francamente – suspirou ele, aborrecido – Vocês sempre encaram a morte como o fim de tudo.

– Bem, não pode julgar ninguém pelo fato de ter medo de saber *se* tem contas a acertar no céu.

Ele sorriu sem mostrar os dentes.

– Realmente não posso julgar ninguém. Não é da minha natureza.

– Bem, e você pode me dizer agora porque está aqui, então? Quer dizer, seu plano falhou e Zack e eu não conseguimos nos matar. Hum, às vezes eu só tenho *vontade* de matá-lo. Isso significa que – engoli em seco – pretende fazer o serviço você mesmo?

Ele deixou a xícara vazia na mesa, levantou-se e olhou no relógio.

– Eu já disse que não mato ninguém, só mando sugestões no máximo, mas não me meto com ordens divinas. E recebi uma mensagem de que em breve vou ter trabalho para fazer...

– Do que está falando?

– Vincent se foi, não é? Não vai demorar muito para que os vampiros que odeiam Zack se manifestem outra vez.

Eu não tenho nem um momentinho de sossego, não é?

– Eu não entendo! – me irritei de repente e tentei me controlar logo em seguida – Porque toda essa fixação com Zack, afinal? Ele pode ser um vampiro antigo e tal, poderoso que só, mas não faz sentido tanta perseguição, não é? Por que vocês todos não vão caçar, sei lá, o mestre de todos os vampiros e o deixam em paz?

Eric levantou a sobrancelha e pareceu confuso.

– Do que está falando? Zack é o mestre dos vampiros.

Eu pisquei.

– Ah... ele não te disse.

Mestre dos vampiros?

Zack é mestre dos vampiros? Ah, alguém vai ter que dar muitas explicações aqui. Minha nossa, o que tem mais sobre ele que eu não sei?

– Muita coisa.

– Quê?

– Tem muita coisa que você não sabe...

Tenho que tomar conta dos pensamentos perto dele, com certeza.

– Mas isso prova que ele gosta de você mais do que eu pensava. Está te protegendo... – Eric riu – ah, agora ele ou vai ficar mais forte do que antes ou extremamente fraco...

– O que quer dizer?

– O amor fortalece, mas a paixão enfraquece. Ao menos as mundanas. O que será que ele realmente sente por você?

– Se descobrir, por favor, me avise. Estou morrendo pra saber. Hum, não, digo, estou morta de curiosidade. Não, não, digo, estou muito curiosa. Só curiosa.

Ele deu um meio sorriso.

– Bem, se quiser aproveitar a viagem...

– Não, obrigada. Sério. Verdade. Não leve em conta o que estou dizendo.



– Entendo... É uma pena – ele riu – Bem, é hora de eu ir.

– Espere!

– Mudou de ideia?

– Muito engraçado – estremeci – Você é sinistro demais, sabia?

– Sinistro? – ele pareceu aborrecido – Como assim? Já assistiu Premonição? Posso não ser lá muito divertido, mas criativo eu sou!

– Aquele filme é ficção, pelo amor de Deus!

– Sim, mas me deu muitas ideias interessantes! Aquele da montanha russa, por exemplo... ah, da água carregando eletricidade é até meio óbvia. Aquele da placa não, surreal demais. Mas admito que aquela do carro e a mangueira atacando foram hilárias.

*Argh.* Com o Zack eu até discuto, mas com o mensageiro da morte não, obrigada! O que me fez perceber uma coisa.

– Se você só apareceu agora, isso significa que nenhum de nós dois correu perigo real, não é?

– Claro que correram. Principalmente você, quando sugeri a Zack que a matasse para protegê-la. Ou quando estava naquele salão com o outro vampiro... ou também naquele bueiro... com o Vincent... minha nossa, você só se mete em encrencas.

– Pode agradecer a Zack por isso.

– Bem, mas só agora estou visível para vocês. Acho que estava na hora de mostrar que estou por perto e deixá-los aflitos. Uma hora vocês vão vacilar, e então...

Acho que nunca senti tanto medo na minha vida.

Hum, *tá*, talvez eu tenha até sentido, principalmente naquelas horas em que a gente se mete em uma encrenca daquelas e grita “ai meu Deus, vou morrer!”, mas nunca tinha recebido uma mensagem direta da morte esperando que eu desse uma vaciladinha.

– Zack já te conhece, não é? – mudei de assunto, tentando ficar mais calma.

– Sim, nos encontramos muito no passado. Eu apareci a ele e sugeri uma mudança drástica de ‘vida’ porque já estava cansado de tanto ter que trabalhar.

Um vampiro cafajuste e um mensageiro da morte preguiçoso.

Só falta um lobisomem malandro e um zumbi boca suja para completar o quadro.

Zumbi boca suja – rá rá!

– Bem, te vejo mais tarde.

Acho que pareci meio pálida porque ele completou:

– ...não pra te buscar. Embora isso um dia vá acontecer eventualmente.

Ele mesmo fechou a porta e eu ainda estava boquiaberta. Informações demais para tentar guardar num único dia. E ainda estava disposta a muitas outras.

Estava perto de bater seis horas, e eu não ia esperar Zack aparecer na janela, pôr a cabeça para dentro e gritar: “oi, safadinha!” ah, eu não ia. Agora ele tinha passado dos limites e eu ia prensá-lo contra a parede.

Mesmo que ele a atravessasse.

Cruzei pelo portão em direção ao jardim e segurei a respiração. Esqueci que

teria que dar explicações aos alunos por causa de Vincent. E eu não tinha bolado nada até agora que não parecesse extremamente falso. Engoli em seco quando Linda passou por mim acompanhada das suas amigas lindinhas e de cabecinha oca. Mas o olhar dela não parecia ser de desprezo.

Parecia de pena.

– Hum... tipo assim, você já está melhor? – ela disse para mim, do nada, aproximando-se e fitando-me com cuidado.

– Ah, sim. Imagine, eu não estava de costelas quebradas, acredita? Só algumas contusões e tal.

Ela olhou para Kelly e Lindsay ao seu lado e elas se entreolharam em seguida. Depois Kelly sussurrou com sua voz de taquara rachada:

– Hum, talvez ela não esteja autorizada a falar sobre isso, sabe? Tipo assim, talvez ela nem saiba. Pode ter batido a cabeça muito forte e tal.

Linda balançou a cabeça afirmativamente, compreensiva, e voltou-se para mim tentando ser simpática,

– Desculpa qualquer coisa, hum, Jéssica. Podemos não ser lá muito amigas, mas tipo assim, se algum dia quiser participar das reuniões do clube, e tal...

Eu arqueei uma sobrancelha. O mundo virou de cabeça para baixo enquanto eu dormia? Ou eu ainda estava dormindo? Acho que estava mesmo ficando louca.

Recomecei a caminhar quando elas foram embora, pensativa. Outras pessoas passavam por mim e abaixavam a cabeça. Outras murmuravam entre si.

Quer saber, não posso culpá-los. Meu suposto tio tentou matar Zack com uma besta de madeira antiga, tive um acidente com Sean e ainda surgiu o comentário de que ele estava em coma e eu, ílesa.

Quanto a mim, acabei de descobrir que caçadores de vampiro têm uma recuperação fora do normal. Ah, e bati um papinho com a morte, em pessoa. Ou o mensageiro dela. E o que mais?

Ah, sim. Zack é o mestre dos vampiros.

*Mestre dos vampiros, aquele idiota.*

– Jéssica?

Eu me virei e encarei Rick segurando um buquê lindo de flores, acompanhado de dois rapazes morenos, lindos e fortes.

– Essas flores são para você.

Hum, eu preferia os rapazes.

– Obrigada. E por quê?

– *Er...* quer dizer... eu sei de todas as dificuldades que você passou, coisa e tal, tipo assim, seu tio, o acidente... mas saiba que estamos sempre aqui e... bem, desculpa mesmo ter te usado naquele dia, para fazer ciúme pra Linda. Espero que tenha esquecido tudo aquilo. Eu fui muito idiota.

– Sim. Quero dizer, sim, já esqueci – embora ele continue sendo um idiota – principalmente depois que Zack deu uma surra em você e no time inteiro e eu deixei você mancando um tempo depois lá da cena do refeitório e eu ainda ter aprontado com a Linda e o nariz dela.

Ele deu uma empertigada; provavelmente já devia estar se arrependendo de ter pedido desculpas. Bem, posso entender.

– Hum, é, vamos esquecer tudo. Espero que se recupere da... batida na cabeça. Pelo menos não há com o que se preocupar, já que seu tio foi embora, não é?

– Hã? Ah, sim, obrigada pela ajuda no refeitório.

Ele sorriu e saiu com os rapazes, deixando-me atônita. Existe algum detalhe dessa história que ainda não se encaixa bem? Por que estavam todos bancando os bonzinhos comigo? É mais uma daquelas histórias de moral sobre popularidade, onde a menina mais sem graça se torna a mais linda e todos os alunos... Espere aí. Eu não fiz nada para merecer essa atenção toda. Vamos analisar:

Vincent, acidente, Eric...

Ah, não. Entendi.

Eles me viram conversando com o Eric. E da mesma maneira que as *otakus*, eles também não conseguiam ver Eric e achavam que eu estava falando com as paredes. Que maravilha.

Agora não vou ser mais excêntrica como estava marcado no formulário do diretor.

Vou ser **EXCÊNTRICA!!!!!!**

Segui em frente com vontade de bater a cabeça na parede. *Argh, por isso* Eric dava risadinhas quando eles passavam e perguntou se eu me importava que as pessoas achassem que eu era louca. *Por isso* ele quis voltar ao quarto para tomar outra xícara de chá. Como eu odeio minha burrice. Zack se prepara para meu desabafo!

Dei as flores para a servente que estava passando, dizendo que tinha alergia a pólen e que ela devia ficar com elas. Qualquer coisa na minha mão podia ser perigosa agora.

Depois de entrar no dormitório sombrio e vazio e seguir todos aqueles corredores intermináveis, cheguei à frente da porta do quarto de Zack e estremeci.

Quer dizer, eu nunca entrei ali, não é? Sempre acontecia algo pelo caminho que requeria uma fuga imediata. O mais engraçado é que dessa vez eu nem pensei nisso.

Quando estava para bater na madeira, Zack abriu a porta imediatamente e dei-lhe um cascudo na testa sem querer.

– Ai! O que foi que eu fiz agora, safadinha?

*Uff*, idiota.

– Não tenho culpa se você abriu a porta antes de eu bater. Vim aqui para que me explicasse uma coisa. Mestre dos vampiros? Você é mestre dos vampiros do mundo inteiro? Você não tem 800 anos, não é?

Ele me fitou com semblante sério por alguns instantes e murmurou ‘mensageiro tagarela’. Depois sorriu.

– Quer entrar, Jessi?

Engoli em seco.

– Hum... bem, eu...

– Quer respostas ou não quer? Não vem bancar a inocente comigo. Sei bem os livros que anda lendo.

Eu o fitei, horrorizada. Ele sorriu novamente e puxou-me para dentro,

fechando a porta atrás de mim. Encostei-me nela.

Cara, eu estava no quarto de um vampiro!

Era do Zack, eu sei, mas um vampiro!

Se eu fosse adolescente mesmo, agora, quem devia estar preocupado era ele. Provavelmente pularia no seu pescoço gritando 'só mais uma mordidinha, o que custa?'

Não pense que não estou tentada a isso.

O quarto de Zack era muito simples. Hermeticamente fechado; nem uma fresta luz passava pela janela coberta de cortinas grossas. Ele adiantou-se e as abriu, deixando a luz da lua entrar, com a noite que já se iniciava, tímida.

Havia um armário, uma cadeira e uma mesa, um laptop e um frigobar vazio.

Bom, o que ele ia colocar lá dentro, não é?

A cama estava bem arrumada e era maior que a minha, forrada com um veludo vermelho-escuro grosso. Desviei os olhos quando comecei a imaginá-lo deitado ali.

Zack tem razão. Eu sou *mesmo* safadinha.

– E então? – ele aproximou-se sorrindo e eu segurei a respiração, pra variar – O que achou?

– Hum, arrumado.

– Ah, eu não gosto de bagunça.

– Eric me disse a mesma coisa. Vocês são muito parecidos.

Ele empalideceu. Digo, mais.

– Ele... ele foi atrás de você?

– Sim. Mas não disse que ia me matar ou coisa do gênero. Disse que precisa de ordens para isso.

Zack suspirou fundo.

– Sim, é a nossa sorte.

Ele afastou-se e começou a fitar a janela.

– Talvez sejamos meio parecidos por um lado, Eric e eu. Ambos mexíamos com a morte. Eu matava e ele levava. Sempre foi assim por muito tempo.

Eu mordi meu lábio. Estava mesmo disposta a ouvir o que ele vinha escondendo de mim?

– Sempre vai haver segredos entre nós? – perguntei, com um aperto no coração.

Ele abaixou a cabeça e suspirou, ainda olhando para fora.

– Agora que o mensageiro apareceu, acho que não posso esconder mais nada de você. Ele já se revelou; você sabe que é a morte. Sabe que temos nos encontrado há muito tempo, centenas de anos. Eu não disse nada porque fiz isso para te proteger, mas acho que agora corre perigo se eu não te contar...

*Seeeeey.* Finalmente agora as coisas começaram a esquentar.

Parem de pular hormônios. Será que não posso usar nem a palavra 'esquentar' estando no quarto de Zack?

Ele virou-se para mim com os braços cruzados no peito.

– Jessi, eu sou o mestre dos vampiros.

– Não, jura? – perguntei, com o sarcasmo implícito.

– Fique quieta e escute – ele riu – eu também não faço ideia de quando nasci.

Talvez tenha sido há 800 anos. Talvez mais. Passei muitos anos dormindo sob a terra; às vezes até mesmo em pirâmides. O Conselho foi criado quando eu comecei a revelar-me, quando acordei de meu sono sedento por sangue. Nunca tornei uma pessoa vampira; por isso sou considerado único na minha raça e meu sangue, puro. Eu matava apenas quem eu julgava não ter o direito de viver: saqueadores, estupradores, assassinos. Imagino que o Conselho me tema porque sou poderoso até demais – modéstia à parte – e que posso subitamente matar inocentes.

Fiquei calada. Mas no fundo eu estava remoendo.

– Eu sei, Jessi. Você deve estar pensando que eu não tenho o direito de julgar ninguém. Mas veja bem: em minha mente, eu já estava condenado. E planejava levar todos os condenados comigo.

Meus lábios tremiam; então os mordi. Eu não estava com medo. Estava triste; pensava o quanto Zack podia ter sofrido. Acreditar que não há mais remédio, que você já está perdido... Seriam necessárias centenas de sessões de terapia para curar, né?

Zack aproximou-se e sentou-se ao meu lado, sem me tocar.

– Meu poder começava a se tornar mais forte à medida que os anos passavam. Outros vampiros ficaram sabendo de minha existência. Comecei a ser perseguido por eles, mas era muito fácil me livrar da concorrência – ele riu – ninguém era tão conhecedor como eu; ninguém era tão antigo. Conde Drácula quis ser *pop* e se deu mal, não foi? Eu preferi ficar oculto.

– Mas o que aconteceu, então?

– O Conselho começou a me perseguir abertamente. Como não conseguiam, atacavam outros vampiros para chegar até mim. Já os outros vampiros achavam que eu tinha culpa por isso e também começaram a me perseguir. Mas na sua maioria, era inveja do meu poder. Quando se bebe o sangue de um vampiro muito antigo, Jessi, você absorve os poderes dele. E eu bebi o sangue de todos os que me atacavam. Pode imaginar o poder que ferve dentro de mim.

Você não faz ideia *é do que* ferve dentro de mim.

Desculpa, parei. Mas eu culpo o cinema.

*E Anne Rice. E Laurell Hamilton. E Bram Stoker. E o Tom Cruise.*

– Uma vez eu persegui um para dentro da igreja e bem... ele desapareceu, como eu já te disse. E que fiquei encantado. Nunca havia visto tanto poder e passei a rondar aquela igreja.

– É aquela que vamos sempre?

– Sim. Bem, a maior parte você já sabe. Eu nunca passo muito tempo em um lugar. Só que... eu já estou passando do tempo aqui, e pelo visto todo mundo me encontrou. E agora parece que sabem como me atingir.

– E por que você já está passando tanto tempo aqui?

Ele olhou-me por um certo tempo e desviou o olhar sorrindo.

– Digamos que encontrei algo que nunca pensei que existisse.

Enrubesci, mas não sei por que exatamente. Afinal, ele não disse que foi por minha causa. Apenas deixou implícito. Pode também ter sido o tal poder que ele viu, não é?

– Hum, seu nome é mesmo Zack? Quer dizer, se você pode ter mais de 800

anos, esse nome...

– Ah, meu pai tinha muito bom humor!

Eu não duvido nada.

Ficamos um tempo em silêncio olhando para o vazio. Depois, soltei.

– Não vai mais haver segredos entre nós?

Ele sorriu, sem olhar para mim.

– O que mais quer saber?

– Quais os poderes que adquiriu bebendo o meu sangue?

– Hum... isso... Bem, digamos que... eu comecei a ter premonições.

– É, Eric está aí pra isso!

– Ha ha ha, não como no filme, Jessi! – ele riu – Bem, digamos que eu vejo agora coisas que podem acontecer com você no futuro.

– Você me viu sofrendo o acidente?

– Não, mas vi você imóvel no hospital. Logo antes de você sair com Sean, a imagem invadiu a minha mente. Quase enlouqueci. Quer dizer, eu não podia saber se você estava bem, se estava em coma...

– Por que não me contou? Teve outras visões?

– Hum, sim, mas não eram visões. Eu apenas tinha vislumbres do que você estava fazendo. Se estava na aula, se estava dormindo, se estava bem...

– Meu Deus! Se eu estava no banho...?

– Oh, não, nunca tive essa sorte...

Graças a Deus... acho.

– Teve mais alguma por agora?

– Premonição? Não, por enquanto, não. Nunca sei se elas serão boas ou ruins...

– Você não me contou que me viu no hospital. Por quê? Quer dizer, isso poderia ter me impedido de entrar naquele carro!

Ele levantou-se e caminhou até a janela.

– É que... eu não sei quem seria responsável por aquilo...

– Você achou... que poderia ser você?

Ele não respondeu. Estranhamente, me senti triste por ele. Levantei-me, abracei-o por trás e murmurei.

– Zack... eu sei que você jamais me machucaria de propósito. Sou eu que tenho que caçá-lo e você jamais levantou a mão contra mim. E me salvou. Pare de pensar coisas ruins todo o tempo...

Ele virou-se e me abraçou forte.

Okay, Jéssica, conte até 10. Respire fundo. Coração, pare de acelerar que Zack está ouvindo.

Ele começou a acariciar meu cabelo e quase morro sufocada, ao perceber que estava segurando a respiração. Ele deu-me beijos repetidos no pescoço e eu o apertei mais forte. Admito que queria sair dali correndo, mas meu cérebro dizia uma coisa e meu coração, outra.

Sabe, até hoje eles nunca entraram num acordo, acho.

– Nada de segredos entre nós, não é, Jessi?

Precisei suspirar antes de dizer.

– Não, nunca.

– Então... eu peguei alguns livros seus emprestados...  
– Hum?  
– Uma série... acho que o primeiro livro se chama Prazeres Malditos...  
Ai, meu Deus.  
– Eu li tudo, sabe?  
Ai. Meu. Deus.  
– Agora entendo o porquê desses seus desejos pervertidos perto de mim.  
Eu o empurrei, irritada.  
– Pode parar! Isso não tem nada a ver, eu...  
– Ora, tudo bem... eu sei como se sente, só que você deve evitar isso, sabe? Se eu que tenho meus hormônios em controle me senti meio atizado, imagine você!  
– Quando você estiver queimando no inferno, eu vou pedir a Eric para me deixar assistir – murmurei, sem ter nada melhor pra dizer.  
Dei meia volta para sair e ainda o ouvi rindo atrás de mim.  
– Espera, Jessi... Está ansiosa para o baile da primavera?  
– Do que está falando? – virei para ele, ainda irritada – É só daqui a duas semanas!  
Ele ergueu uma sobrancelha.  
– Jessi... o baile é amanhã... você já tem uma fantasia?  
– Ai, meu Deus! Amanhã? Fantasia?  
– O baile é uma festa a fantasia! Fiquei sabendo anteontem até. Não sabia?  
Ah, vai usar sua roupinha de marinheira, não vai?  
– Dessa vez não. Vou usar uma que seja mais minha cara...  
– *Jéssica Rabbit?*  
Juro que queria dar um grande beijo nele por isso.  
– Hum, não... é surpresa... digo, isso se eu encontrar a fantasia no meio das minhas coisas e ela ainda servir em mim...  
– Você trouxe uma fantasia para a universidade? – ele riu, pondo as mãos nos bolsos – Como sabia que ia me encontrar? Aposto que é mais um fetiche meu!  
– Tudo gira ao seu redor, não é? – retruquei, tentando deixá-lo sem graça.  
– Na maior parte das vezes. Os outros vampiros. O Conselho. Eric. Você.  
Bom, eu podia dormir sem essa.  
– Então me dê licença, que preciso achar a fantasia – cortei, virando-me para sair – Qual vai ser a sua?  
– Vá me dizer que você não sabe!  
É, pior que sabia. Minha caça é tão previsível.

Quando eu passei pelo jardim na volta, os alunos ainda me evitavam e, se quer mesmo saber, estava muito feliz por isso. Subi ao meu quarto animada, mas ainda temerosa da fantasia não entrar em mim. Bem, eu usei há tanto tempo em uma peça, que...

Enquanto pensava pelo caminho, tomei um grande susto no corredor, ao fitar a porta do meu quarto.

Não, não tinha mais uma adaga fincada, graças a Deus.

Era outro buquê de flores mortas no chão, frente a ela. Dessa vez eu não

estava tão assustada porque sei que a intenção não era de assustar ou ameaçar, mas de me agradar. Estava assustada mesmo era porque sei *quem* tinha enviado. Com outro bilhete.

Desculpe-me novamente. Elas são frágeis demais. Eric.

Por isso os bilhetes eram pedidos de desculpas. Ele as matava só tocando.

Eu sei que a intenção era boa, mas seria pedir demais para ele não fazer isso? Pode me mandar uma mensagem no celular, por que não?

Hum, não, porque qualquer coisa vinda dele seria extremamente ameaçadora. Algo do tipo: “Vamos sair hoje? Vou passar aí pra te pegar.” *Tê pegar*, entendeu? Droga, por que ele não pode ser mais tradicional, sei lá, usar roupa toda preta, ter cara de caveira e carregar uma foice gigante? Não que Zack fosse muito tradicional também, certo, com aquele jeito irritante e maneira cafajeste. Vampiros não deviam ser assim.

Será que nada pode ser tradicional na minha vida? Alguém pode, por favor, me explicar? Eu nasci de cabeça pra baixo?

– Ora, cada um é de um jeito. E não gosto muito de usar preto.

Eu quase caí para trás. Será que não vou me acostumar nunca com sustos?

– E-Eric...

– Cuidado com o coração – ele sorriu – às vezes eu tenho que levar algumas pessoas que tem problemas com ele.

– Ele é bastante obediente e não tenho problemas com ele, obrigada – cortei rápido, antes que Eric pensasse o contrário.

– E você não é muito tradicional, Jéssica – ele completou – Sempre achei que caçadores deviam ser rígidos e disciplinados.

– Puxa, obrigada – respondi secamente – e o que você quer, outro chá? Obrigada por esse outro buquê de flores mortas. São super práticas, sabia? Não preciso pôr na água.

– Não há de quê.

– Eu estava sendo sarcástica.

– Oh.

Revirei os olhos e abri a porta.

– Bem, já que está aqui, quer entrar?

– Claro. Mas então me deixe passar, você está bloqueando a porta.

A morte pede passagem – rá rá.

Sim, porque eu esperava que você entendesse a deixa e não entrasse. Mas não entende sarcasmo, não é?

E só agora percebi que graças a Eric vou passar a vida fazendo trocadilhos horrorosos.

– Bem, não entendo realmente de sarcasmos. Prefiro que fale abertamente.

Nota mental: Parar de pensar perto de Eric.

– Isso seria muito arriscado. É sempre bom pensar duas vezes diante da morte.



- Quer parar de ler meus pensamentos? Saco.
- Bem, então não pense em nada que me envolva.
- Vai ser difícil agora que sei quem você é!
- Bem, foi você mesma que descobriu, lembra-se?
- Odeio meus talentos de detetive. Entra.

Logo que entramos, fechei a porta e Eric adiantou-se, abriu minha gaveta da cômoda e tirou meus saquinhos de chá.

Será que ninguém aqui tem respeito pelas minhas coisas? Zack as joga pela janela e rouba meus livros; ou para ler ou para incendiá-los, dizendo que eles estão me influenciando mal. Eric acaba com meu estoque de camomila – bem, ainda bem que camomila acalma; eu ficaria preocupada se a morte fosse viciada em café – só me falta o quê? Um lobisomem que comeria todas as minhas caixas de bombons? Bem, esse morreria com uma bala de prata no meio da testa. Não brinco com chocolate.

Cara, minha moral está em baixa.

E minha autoestima.

E minha sanidade.

E minha conta bancária.

Eric mesmo pegou a xícara, o pires, a água e sentou-se novamente na cadeira, olhando para o nada com olhos perdidos, enquanto mergulhava o saquinho de camomila.

Eu dei de ombros. Sentei-me no chão e comecei a revirar minhas coisas, procurando aquela ridícula fantasia.

Eu não disse do que era, não é? Bem, é da *Ariel*, a pequena sereia. Ela sempre foi minha favorita, talvez por causa do cabelo vermelho.

Achou que eu ia de Buffy, não é? Há, te peguei. Qual é, toda história de vampiros tem que ter clichê? *Poxa*, deixe-me ser diferente!

Entrei no banheiro para experimentar a roupa, ignorando a presença de Eric. Mesmo porque, cara, ele existe há bilhões de anos. Há ainda algo que ele não tenha visto?

Sim, ainda servia. Sentia-me meio nua naquela roupa, com uma imitação de rabo: um vestido verde que começava na cintura e abria na perna e terminava formando uma cauda; e duas grandes conchas para esconder os seios. Mas pondo uns acessórios ali e talvez uma echarpe semitransparente, dá para cobrir bem a pele.

Saí do banheiro para procurar a echarpe e Eric parou de olhar para o infinito e me olhou com ares de curiosidade.

– O que foi? – perguntei, preocupada – Está feio?

– Não, está linda. E muito nua. Isso já não é bonito. Pode ofender o seu anjo da guarda.

Não discuta com a morte, na boa. Se fosse o Zack eu estaria soltando fogo pelas ventas.

– Bem, eu vou dar uma mexida ainda. Pôr uma echarpe semitransparente em tons de roxo e talvez... dar uma costurada aqui para esconder melhor minhas pernas?

– Sim, faça isso. E onde vai guardar sua estaca?

– Minha estaca? Olha, eu não vou atacar Zack *ainda*...

– Não estou me referindo exatamente a ele.

Engoli em seco e Eric continuou tomando o chá, com aquela cara de calma absurda que ele tinha.

– Você viu alguma coisa? – perguntei, preocupada – Alguma presença vai invadir a festa?

– Não posso dizer nada a respeito disso – ele respondeu, com um sorriso sinistro – minha intenção é pegá-los desprevenidos. Zack e você.

Eu fiquei nervosa, mas não deixei que ele notasse e procurei mudar de assunto.

– Hum, que acha de água benta em spray? O acessório vai combinar bem com minha roupa, não acha?

Ele sorriu.

– Sim, seria muito original.

– O que vai fazer durante a festa?

– Eu vou apenas *estar* na festa.

– Verdade? Vai usar fantasia? Que tal um sobretudo preto com uma máscara de *Pânico*? Ia ficar hilário!

– Sim, certamente. Mas ninguém iria me ver, então não compensaria o esforço.

Que pena, era verdade. Mas tenho vontade de rir só de imaginar.

– Mas então por que vai estar na festa? – perguntei, desanimada.

– Tenho um trabalho a fazer lá.

– Você...

– Sim, terei que levar alguém... ainda não sei quem. Seria ótimo se fosse você. Afinal, teria sempre sua companhia toda vez que desse uma passada no céu.

Engoli em seco. Essa não, problemas. Eu tinha que avisar Zack urgente; essa festa promete, minha nossa.

Tinha mesmo que ser na festa, droga? Eu nunca fui convidada para coisa alguma! Isso é tão injusto...

Não podia deixá-lo perceber que eu ia deixar Zack em alerta e tinha que continuar falando, antes que pensamentos sobre ele se formassem.

– Por que ninguém pode te ver, a não ser Zack e eu?

– Porque eu quero assim. Nem sempre a morte é bela como eu, Jéssica.

Metido.

– Não, não sou. Sou sincero.

Lembre-se que ele lê pensamentos, Jéssica.

– Sim, você esquece sempre.

*ARGH!*

Alguém bateu na porta. Corri para o banheiro para tirar a fantasia, enquanto gritava: “não entre!”

Contudo, assim que saí, dei de cara com dois velhos amigos se encontrando.

Os velhos inimigos.



Zack e Eric se encaravam como se fossem as duas únicas criaturas do planeta. Senti-me um pouco incomodada, mas não sabia como interromper aquele silêncio *mortal*.

Deixe-me usar esse trocadilho, por favor, porque não há melhor maneira de descrever.

De repente Zack puxou uma Bíblia pequena do bolso, abriu-a e, com uma voz forte, proclamou:

– “Morte, ó morte! Onde está tua vitória?”

Eric deu um estalo com a língua.

– Sempre tem um engraçadinho que adora recitar essa passagem para mim. Quantas vezes vou dizer que não sou *a* morte, mas apenas mensageiro dela? Foram *vocês* que comeram da árvore do conhecimento no Éden, droga.

Zack pôs de volta a Bíblia no bolso e deu-lhe uma piscada. Como pude me esquecer de avisar Zack para não provocar Eric?

Ah, é. Achei que Zack seria sensato. Burra, eu sei.

– Sempre me enchendo de trabalho, não é, Zack? – Eric começou, iniciando a luta com o primeiro *round*.

– Por que está no quarto de Jéssica? – Zack esquivou-se. A luta começou ferrenha, senhoras e senhores – Não é a mim que está sempre perturbando? Ela nunca matou nem mesmo uma mosca!

– Na verdade, matou três. Mas isso não importa. Quer dizer, agora.

Então não atropelai um gato no começo da história? *Ufa*.

– Você a trouxe aqui para Pensilvânia, não é? – Zack elevou a voz – Está querendo me chantagear? Já lhe revelou que sou o mestre dos vampiros e o que mais?

– Eu a trouxe aqui, é verdade. Esperava que se matassem, mas não aconteceu. Vocês são incompetentes, mas não eu, você sabe.

– Sim... eu sei.

– O pior é que ele disse que me ama – cortei, jogando lenha na fogueira. Zackriu.

– Claro que ama, Jessi. Eric é um espírito puro. É da natureza dele.

– Sim, eu amo Zack também – ele acrescentou.

Nunca esperava ver uma coisa assim. O pior, se as *otakus* estivessem aqui, dariam gritinhos gritando ‘*yao!!*’ – porque agora sei o que significa.

Zack ergueu uma sobrancelha.

– Jessi, vamos deixar uma coisa bem clara aqui. Ele me ama, mas eu não o amo, *tá?*

– Claro que não – cortou Eric, calmamente – Você não ama ninguém.

– Eu amo... – ele tentou cortar – amo sim.

Eric me olhou e disse, com a maior calma do mundo.

– E ela sabe?

Zack desviou os olhos para o chão.

Eu não sei! Diga-me, Zack! Poupe-me da terapia!

– Tenho certeza que sim – respondeu Zack, com voz fraca.

*Uff...* é tão difícil assim? Nem na presença de um homem lindo como Eric dizendo que me ama, Zack se entrega?

– Ora, obrigado, Jéssica – disse Eric, deixando-me vermelha – mas *eu* sei reconhecer o quanto você é especial.

– Cuidado com seus pensamentos perto dele, Jessi – Zack avisou.

Ai, eu sei.

– Ela pensou que sou lindo. E sou.

– Eu realmente não quero saber – cortou Zack, olhando para a parede.

– Mas devia, afinal, se a deseja tanto devia ao menos...

– PARE – cortou Zack, com voz afiada.

Eric sorriu.

– Você também devia tomar conta de seus pensamentos perto de mim...

Quando silenciámos, Eric sorriu e retirou-se, abrindo calmamente a porta.

– Obrigada pelas flores – falei, meio sem pensar.

Quer dizer, elas estavam mortas, mas ele teve boa intenção, não é?

– Por nada, Jéssica. Sinto muito por tê-las matado outra vez. Preciso tomar cuidado.

– Bem... contanto que você não *me* mate sem querer...

O silêncio que ficou entre Zack e eu quando Eric saiu foi altamente constrangedor. Primeiro porque nunca pensei que um dia ele ficasse sem nada pra dizer.

– É... hum... achei minha fantasia... – eu disse, para quebrar o gelo.

Ele estendeu para mim olhos maliciosos e disse com um meio sorriso cheio de significado.

– É... eu também.

Outro silêncio constrangedor.

– *Er...* ah, sim, Eric disse que vai estar na festa.

Zack fez um semblante sério.

– Ele disse por quê? Ele detesta festas.

– Ele disse que vai ter um trabalho a fazer. Disse que tem que levar alguém, mas ainda não sabe quem...

Zack trincou os dentes.

– O que mais ele disse? Ele disse quem seria? Quando?  
– Não... ele não sabe. Só me disse para ficar atenta e levar uma estaca... mas vou levar meu spray de água benta.

– Jessi, escute, acho melhor você ficar, deixe-me ir que...  
– Pode parar – cortei, levantando um dedo na sua direção – em primeiro lugar, eu nunca fui a um baile; em segundo, é uma das *minhas* tarefas do Conselho deter outros vampiros e, em terceiro, se eu ficar sozinha aqui, eles podem vir atrás de mim também!

Zack cruzou os braços.

– Bem, em primeiro lugar, eu posso te levar a outros bailes; em segundo, você é uma péssima caçadora do Conselho e em terceiro... você tem razão, melhor ficar onde eu posso vê-la.

– Jura?

– Só porque isso é importante pra você – ele riu – Não entendo porque gosta tanto de bancar a adolescente. Ah, é porque pensa como uma, certo?

– Posso testar minha água benta em você?

– Ah, minha safadinha, por mais raiva que fique, você não conseguiria derreter esse rostinho lindo que eu tenho.

– *Touchè!*

– Bem, vamos para a aula. Sinto que algo interessante está para acontecer.

– Hum, então nesse caso, não devíamos ficar aqui? Quer dizer, a morte está rondando lá fora. Digo, literalmente.

– E porque é sábado à noite e você não quer ir para a aula.

– Cara, hoje é sábado!

– Ande, safadinha. Depois daqueles livros que eu roubei de você, não seria saudável ficarmos sozinhos no quarto.

Só se for pra você.

Ainda bem que não lê mentes. Senão o mundo inteiro ia me chamar de safadinha.

Bom, para não dizer o mínimo, a aula não foi tão tediosa assim. Nos primeiros minutos, foi divertido ver as pessoas nos fitarem ansiosas. Teria sido ótimo se Zack tivesse mantido a boca fechada.

– E então? – disse Rick, murmurando a pergunta que todos esperavam.

Os rostos ao nosso redor nos avaliavam atentos.

– E então o quê? – perguntou Zack, inocentemente.

– Ora... por que o tio da Jéssica queria matar você? – completou Lindsay.

As *otakus* não tinham aquela aula. O que me deixou mais angustiada, porque elas sempre tinham uma desculpa absurda para dar e depois se tornavam o centro das atenções, como deveria ser. Já Zack sempre me deixava para morrer com suas gracinhas, perdoe-me o trocadilho.

Zack me fitou e sorriu. Dei-lhe um chute leve por debaixo da mesa. Seja lá qual for a desculpa que fosse dar, com certeza ia me deixar embaraçada na frente deles pelo resto da vida.

Não deu outra.

– É que o tio da Jessi queria defender a honra dela.

Eu engasguei e a sala inteira caiu na gargalhada. Nem os pedidos de ‘ordem’ do professor conseguiam abafar os risos. Fuzilei Zack com o olhar.

– Minha *honra*? Zack, eu vou te matar!

– O que foi? Não queria que eu dissesse a verdade, não é? – disse ele, com aquele sorriso matreiro no rosto.

– Zack, esse negócio de honra nem existe mais! Como você dá uma dessas? *Argh*, eu vou acabar com sua raça!

– Sim, é a sua profissão.

Eu virei para frente, ainda sentindo os olhares divertidos sobre mim e ele soprou no meu ouvido.

– Eu defenderia a *sua* honra, se você quisesse.

Eu não me deixei derreter.

– Vai defender o raio que te parta. Aliás, o raio *de sol* que te parta!

Ele caiu na risada.

Viu? Até vampiros riem das minhas piadas. Se bem que Zack está sempre rindo.

Pelo menos perto de mim.

Quando as risadas acabaram e o professor recomeçou a dar aula – no fundo eu até queria que estivessem rindo ainda; eu lá quero saber como as flores procriam? – senti um calafrio subindo pela espinha. Olhei para Zack e ele fitou-me com semblante sério. Ele sentira o mesmo.

Eric abriu a porta e entrou.

Assim, simplesmente entrou e caminhou em passos lentos no meio dos alunos até a nossa direção. Sei que eles não podem vê-lo, mas percebi alguns ombros sacudirem, sinal de que alguns sentiram a presença dele. É daí que vem aquele calafrio que a gente sente do nada? Ai, tomara que não; já senti isso por diversas vezes.

Ele parou frente a mim e sorriu.

– Olá, querida Jéssica. Olá, irritante Zack

– Hum, olá – respondi, meio silenciosa e tensa.

– Olá, mensageiro – retrucou Zack, em voz alta, fazendo alguns alunos olharem para ele, confusos – não esqueça que você me ama. Melhor não falar comigo desse modo.

– Ora, eu os amo sim, e quero vê-los mortos. A Jessi para fazer-me companhia, você para parar de me dar trabalho.

– Bem, veio assistir aula, também? – Zack riu.

Cara, como ele pode rir de uma situação dessas? Deve estar mais que acostumado com as gracinhas de Eric, porque eu estava morrendo de medo.

Digo, *morrendo* não. Apenas apavorada.

– Não. Já sei como as flores procriam – ele respondeu, com descaso.

De repente, ele inclinou-se sobre o ouvido de Zack e murmurou algo fazendo Zack arregalar os olhos e olhar para fora da janela, angustiado. Eu me virei, curiosa.

– O que foi?

Eric olhou para mim e sorriu.

– Está uma linda noite, Jéssica querida. Não quer dar uma volta comigo lá fora?

Zack trincou os dentes e olhou-o com ódio refletido.

– Jéssica ficará aqui. Ela ainda precisa saber como as flores procriam.

– Talvez ela prefira minha companhia à sua – Eric retrucou, ainda sorrindo.

– Não por toda a eternidade – sibilou ele, depois se virou para mim – Jessi, não saia daqui. Eu mesmo virei buscá-la na saída, ouviu bem? Não. Saia.

Engoli em seco. Normalmente eu gosto de irritá-lo, mas dessa vez ele parecia ansioso demais.

– Hum... certo. Vou fazer o possível.

Ele levantou-se e saiu, acompanhado de Eric, que ia andando silenciosamente atrás. Quando passou pelo professor disse em voz baixa, mas eu ouvi, assim como muitos outros alunos.

– Professor, Jessi está pretendendo cabular aula. Não a deixe sair nem para beber água.

– Oh... sim, claro.

E saiu.

Cara, detesto essa moral que Zack exerce sobre os outros. E eu estava me removendo por dentro. O que havia lá fora? Por que Zack estava tão ansioso?

Quando ergui-me, ao menos para sair até a porta e tentar descobrir o que estava acontecendo ou para que direção estavam indo, o professor lançou-me um olhar de reprovação.

– Sente-se, senhorita Jéssica.

– Mas é que Zack..

– Sente-se. Eu não quero mesmo saber.

Deve ser bom ser vampiro, na boa. A moral que ele exerce sobre qualquer ser humano é pra lá de sobrenatural.

Cara, detesto saber como as flores procriam.

Assim mesmo que o professor terminou a aula Zack já estava na porta, desta vez, não acompanhado por Eric. Ele lançou-me um sorriso, logo depois que franzi a testa para o seu semblante sério há alguns segundos.

– Pode me dizer o que está havendo?

Ele deu-me um beijo na testa.

– Nada que valha a pena esquentar essa linda cabecinha.

– Agora sei que está havendo alguma coisa. Você não diria ‘linda cabecinha’ e sim ‘cabecinha oca’. Acho melhor abrir o jogo.

– Abrir o jogo... ah, essas expressões adolescentes! Fazem-me sentir tão velho!

– Você nem sabe quantos anos tem! Agora diga logo. Explique o motivo de todo esse mistério.

– Jessi... eu vou levar comida para você no seu quarto. Eu te digo o que está acontecendo, apenas confie em mim.

– Está bem. Mas acredite, não é nada fácil confiar em você. E não coloque muita beterraba no meu prato.

Depois me arrependi do que falei.  
No caso da beterraba, quero dizer.  
Porque pôr muita no meu prato é exatamente o que ele vai fazer.

Eu fui andando devagar pelo caminho até o quarto, refletindo. Estava me sentindo angustiada, afinal alguma coisa estava sendo escondida de mim e eu até tinha medo de perguntar o que era. Eric insinuou que eu iria morrer se sáísse, não é? Foi o que Zack também deixou implícito.

Quando cheguei ao quarto, tinha um novo buquê de flores mortas no chão. Eu já estava até me acostumando. Afinal, as adagas estragavam a porta, isso era menos prejudicial.

Zack chegou quase ao mesmo tempo em que eu, com um prato coberto na mão e deu um chute violento no buquê. Com sua super-força as flores esmigalharam na parede no final do corredor.

– Não devia ter feito isso – cortei, preocupada – Eric pode ficar aborrecido.

– E ele pode fazer o quê? – Zack deu um meio sorriso – Ele não pode fazer nada sem consentimento divino.

– Bom, mas pode lançar sugestões... você sabe, para alguém querer matar você...

– Jessi, não há ninguém no mundo que não queira me matar. E isso inclui você.

É verdade.

Quando abri a porta do quarto, não me surpreendi ao ver Eric escorado na parede ao lado da janela, de braços cruzados.

– Ela tem razão; eu estou aborrecido. Aquelas flores eram para ela.

– Ora, por favor – Zack retrucou – Flores mortas fedem.

Hum, verdade, mas elas não procriam.

– Jessi, coma – disse Zack, pondo o prato na mesa. Depois se virou para Eric – E você? Não vá me dizer que Jessi vai sofrer algum atentado aqui porque senão eu...

– Não, vampiro irritante. A verdade é que eu estava com saudades dela...

Zack torceu o nariz.

– Jessi é minha safadinha. Não gosto quando outros vêm dar em cima dela.

– A senhorita Jéssica não se incomoda de que a chame desse modo?

– Claro que não.

– Claro que sim! – respondi, irritada. Mas vai fazer alguma diferença?

Eric voltou seu olhar para a janela e Zack aproximou-se.

– Ele sabe – Eric disse normalmente.

– Eu sei.

– Mas eu não sei – intrometi-me na conversa – e agradeceria às duas criaturas cheias de mistério para darem uma esclarecida.

Eles entreolharam-se e Eric sorriu.

– Você diz ou eu digo?

Zack fechou a cara, mas murmurou.

– É um velho *amigo*, Jessi... um dos vampiros que me acompanhavam, há



muito tempo atrás. Dante. Ele não aceitou a minha...hum, mudança de não-vida. Resolveu que me faria retornar ao que era e tem me atacado desde então. Não sei realmente se quer me matar. Só sei que deseja meu poder.

Engraçado, já vi amigos traírem outros por causa de namorada, mas isso é bem estranho. Pelo visto, Eric também conhecia o cara.

– Ah, eu conhecia sim.

Saco. Ele lê meus pensamentos. Sempre vou esquecer.

– E se quer mesmo saber, senhorita Jéssica – Eric continuou, embora eu não quisesse – ele nunca perseguiu nenhuma eventual garota que Zack pudesse ter tido porque Zack nunca quis a companhia de ninguém.

Meu vampiro lançou-lhe um olhar irritado, mas ele não se incomodou.

– Contudo parece que agora ele sabe o motivo pelo qual Zack ainda permanece aqui. E sabe que Vincent também já esteve na universidade.

– Então... ele sabe que Zack ainda está aqui porque está buscando a cura, não é? – completei, sentindo-me finalmente esperta – E isso deixa Dante louco da vida! É por isso que os vampiros não aceitam a sua decisão!

Eric olhou para Zack e este assentiu com a cabeça, mas Eric sorriu. Parecia estar achando aquilo divertido.

– Bem, não deixa de ser... – respondeu o mensageiro.

– Então ele está rondando aqui, agora? – assustei-me – É por isso que vocês saíram da aula tão quietos!

– Sim, ele estava lá pelo jardim – assentiu Zack, com semblante sério – mas se foi. Eu deixei bem claro que não vou tolerar nenhuma gracinha.

– Só que não esqueça que seu amigo estava acompanhado, Zack.. Afinal, há muitos que querem sua cabeça – Eric lançou-me um olhar significativo.

Mas eu não quero só a cabeça do Zack,oras.

– Deixe que eu cuide disso – retrucou ele para Eric – você sabe que sempre dou conta do recado.

– É, eu sei – Eric revirou os olhos.

– Nós... nós ainda vamos ao baile, não é? – perguntei, temerosa.

Não me condene.

Quer dizer, eu achei a fantasia. E ela serviu.

– Claro, Jessi – Zack disse sorrindo.

Eric olhou-o curioso.

– Você sabe que estarei lá, Zack. E você desconfia de quem ele está atrás, não é?

– Eu sei. É por isso que é melhor irmos ao baile – depois olharam ambos para mim.

– Está escapando de mim algum detalhe aqui? – retruquei, um pouco irritada.

– E sempre não escapa?

Os dois riram.

*Aff*, detesto imortais.

No dia seguinte, tudo transcorreu calmo, enquanto Zack não dava as caras. Eric passou o dia me acompanhando, mas eu já tinha aprendido a não falar com

ele enquanto pessoas estivessem passando, e já me acostumara com os calafrios que ele me deixava. Ele também contou alguns dos trabalhos que tivera e que eu realmente não estava a fim de saber.

Contudo, na maior parte do tempo não falava; estava sempre em silêncio e isso me dava nos nervos. Parecia um símbolo de mau agouro, embora não me assustasse tanto. Eu sempre dizia que para completar o quadro ele devia usar uma foice, mas ele retrucava dizendo que não via nenhum motivo para capinar. Eu mereço.

– Sabe que você é muito sinistro, apesar de bonito?

– *Hunf*, eu não sou sinistro – aborreceu-se ele – vocês que ainda não aprenderam a aceitar-me como deveriam. Não faço nada além do que devo. A morte faz parte da vida. Bem, ao menos da vida de vocês. E não tenho culpa se alguns não estão preparados e outros o estão demais quando não deveriam estar.

– Escuta, todo mundo teme o desconhecido, *tá*, dona morte?

– Pare de me chamar assim, eu já disse – Eric franziu o cenho – E eu nem sempre gosto do meu serviço. Não sei por que vocês, humanos, reclamam tanto. Afinal, foram seus pais que me trouxeram ao mundo.

– Meus pais? Oh... Adão e Eva... saquei. Mas você não leva *mesmo* pessoas ao inferno, certo?

– Oh, Deus, não. Só as levo ao julgamento, já disse isso. Não sou responsável por nada do que vem depois. Mas devo admitir que gosto de levar pessoas boas, inocentes. Crianças, pessoas de grande sofrimento... porque elas não tem no que serem julgadas. Mas quando as almas ainda são apegadas a coisas na Terra ou sabem que cometeram muitos erros aqui, ah! Que desgaste!

– Você tem que persegui-las, não é?

– Sim, e às vezes elas escapam e se tornam espíritos errantes. É desagradável. Até luz forte já usei para chamá-las, tipo sinalização. Então tenho que esperar essas pessoas acertarem as coisas aqui na Terra. Nem sempre dá certo; e quando outras pessoas tentam se comunicar com elas, terrível!

– Hum, tipo o *Gasparzinho*?

– Isso é ficção. Se fosse verdade mesmo que Gasparzinho fosse um fantasma camarada, ele já estaria no céu, porque não deve nada aqui. A não ser que ele não seja tão do bem assim, claro.

– Ele é do bem, sim, *tá*? É um filme para crianças!

– Exatamente. É ficção. Os fantasmas não se comunicam com os vivos; na verdade são impedidos disso. Os demônios se aproveitam da situação e fazem de conta que respondem e... ah, acabam levando mais almas. Tento impedir isso na maioria das vezes, por isso quando posso ajudo, mas não é sempre. Não é da minha jurisdição. Só quando estou meio desocupado.

– Seria ótimo se você sempre ficasse desocupado.

– Sou obrigado a concordar...

Desculpe se minhas perguntas para o mensageiro da morte pareçam insignificantes. Mas sabe, nunca esperei encontrar um a não ser que já fosse a hora. Minhas perguntas ficarão inteligentes só quando ele for embora, acredite.

Assim que deram seis horas e escureceu, Zack já bateu na minha porta.

– Você de novo, Eric? – disse ele, assim que o seu companheiro de muitos

anos abriu a porta – Jessi deve estar meio cansada do seu papo mórbido.

Eric virou-se para mim.

– Tem certeza que não quer que eu o leve? Poderia facilitar as coisas pra você. Como fazê-lo tropeçar enquanto você segura a estaca embaixo...

– É tentador, Eric, mas não, pode deixar.

Zack entrou no quarto e cruzou os braços.

– Pronto para a missa? Depois você pode preparar-se para o baile.

Ah, é, Zack agora deu para me acompanhar todo domingo. Ele já ia sempre mesmo, mas bom, não podíamos ficar sentados um ao lado do outro, você sabe. Ele não pode nem passar da porta.

– *Aah*, a missa – comentou Eric, parecendo entusiasmado – eu também irei acompanhá-los. É empolgante.

Ai, era o que me faltava.

Sentia-me uma aberração sendo acompanhada pelos dois, mas depois me dei conta de que Eric não podia ser visto e ninguém desconfiava de Zack ser um vampiro. Contudo, Zack despediu-se de mim e ficou perto da árvore do lado de fora; Eric entrou comigo. Ninguém se sentou ao meu lado, apesar de Eric estar invisível. Pareciam já sentir a presença de alguém ali, ou sentiam calafrios perto. Era engraçado ver as pessoas tremendo do nada.

A missa transcorreu agradável e tranquila, até um certo momento. Logo no final, quando recebi a comunhão e fui para meu lugar, Eric não estava mais lá. Sentí um arrepio maior do que quando estava perto dele. Ajoelhei-me e esperei. Ele não voltou. Estiquei o olho para a janela e Zack também não estava lá.

Estava tão aflita que, assim que o padre deu a bênção final, atrolei um casal de velhinhos – ei, eu pedi desculpas – e corri para a árvore do lado de fora. Zack estava quase cinco metros à frente, encolhido no chão e arfando.

– ZACK!

– Ufa, Jessi... ainda bem que você estava lá dentro – Zack respondeu, com um meio sorriso.

– O que raios aconteceu? – virei para Eric, que parecia calmo como a noite, o que me deixou um bocado irritada.

– Ele foi atacado por dois vampiros. Mas a recuperação dele é rápida, não se preocupe. Você ainda vai ao baile.

Eu o olhei furiosa.

– Não estou preocupada com o baile! Como pode dizer uma coisa dessas?

– Você teve um vislumbre de pensamento – Eric soou com frieza – Não se sinta mal, Jéssica. Esse egoísmo não intencional é próprio do ser humano.

Eu abaixei a cabeça, sentindo um nó na garganta. Eu tinha pensado nisso, admito, mas foi tão rápido que não me dei conta.

– Oh, não chore. Se quiser eu também posso contar o que Zack pensou quando estava sendo atacado.

– Não se atreva! – ele bufou.

– Ele pensou que talvez vocês dois nunca...

Zack tentou passar uma rasteira em Eric, mas ele pulou.

– Não pense antes de fazer – Eric sorriu.

– Vamos embora – cortou Zack, irritado – A ferida já cicatrizou.

Olhei para a barriga dele. Estava ensanguentada, mas o sangue parecia estancado.

– Zack, talvez não seja uma boa ideia. Eles podem aparecer no baile. Melhor apenas ficarmos no quarto e...

– Jessi, está tudo bem. Já os matei e Eric já os levou.

Eric revirou os olhos. Parecem uma dupla dinâmica.

– Bem, mas pode ser perigoso para os alunos, não? E se eles resolvem aparecer?

– Também há um código no meio dos vampiros. Eles não podem aparecer de qualquer maneira nem se expor. Caso contrário, outros têm o direito de matá-los.

– Como você sabe que eles vão cumprir? Esse código é pra valer?

– Claro que é – ele deu um meio sorriso outra vez – fui eu que criei.

Mestre dos vampiros metido.

Eric deu um suspiro.

– Hora de ir, preciso trabalhar – sempre sinto um arrepio quando ele diz isso – mas vejo vocês em breve.

E desapareceu.

Zack me olhou sorrindo, completamente curado.

– Você está mesmo bem? – insisti, angustiada.

– Sim, minha safadinha. Podemos ir andando.

– Tudo bem, caçado. Mas vamos deixar claro que eu não me importo de não ir ao baile.

– Eu sei, eu sei. Faça isso por mim.

Ele abraçou-me e lembrei-me de algo de repente.

– Espere... Eric disse que nos seus pensamentos diante da morte, você pensou que você e eu nunca...

– Problema seu se ele foi embora sem te dizer – ele passou o braço em volta da minha cintura e começamos a andar – não vou te revelar nenhum pensamento meu; isso é pessoal demais.

– É o que eu estou pensando?

– Do jeito que você é safadinha... pode ser.

Fiquei vermelha, mas não disse nada.

Zack bateu na minha porta, uma hora depois de ter me deixado para trocar de roupa. Não me surpreendi quando vi a fantasia dele.

– Conde Drácula. Ah, você é tão previsível!

Admito que achei engraçado ele ter tacado talco no cabelo, mas estava incrivelmente sexy com aquela capa preta, botas até o joelho e camiseta bordada estilo século XVI. O hilariante foi ele ter posto dois dentes falsos de resina nos caninos e ainda deixar um fio de tinta vermelha descendo dos lábios até o queixo.

Zack sorriu e jogou um olhar insistente para minha roupa.

– Hum... acho que devia ter posto minha fantasia de pirata – reclamou ele,

cruzando os braços – Quem é essa?

– Não me surpreende que você não conheça a Pequena Sereia. Não teve infância?

Ah, é, na minha infância ele tinha idade para ser meu tatatatata-sei-lá-quanto-mais-ta-ravô. Na infância dele nem existia televisão. Nem rádio. Vai ver nem papel.

– Está me dizendo que existe uma sereia de desenho animado que se veste desse jeito? Já não bastavam as apresentadoras infantis?

Eu voltei-me para trocar de roupa, mas ele segurou meu braço.

– Você está linda, Jessi. Mais do que eu podia imaginar.

– Acho bom que pense assim mesmo.

Zack deu-me o braço para que eu segurasse e entramos no baile parecendo um casal. Bom, nós somos, mas não como caçador e vítima.

*Aham, digo, caçadora e vítima.*

Eu estava vermelha feito meu cabelo, mas Zack sorria o tempo todo. Todas as meninas estavam com os olhos fixos em nós dois e comecei a me sentir novamente uma adolescente. Bem, dessa vez não vou dizer que foi ruim.

As *otakus* estavam lá também, divertidíssimas com suas roupas de *cosplay*. Dine estava de *Kagome*, de um anime chamado Inu-se-acha ou *Inu-yasha*, alguma coisa assim. Estela de *Chi*, de *Chobbits*; e Sofia de *Hinata* de *Beach* ou *Bleach*, acho eu. Bobby estava hilário, vestido de *nerd* tradicional, calças com cintura muito alta, óculos estilo fundo de garrafa e cabelo com muito gel para ficar escorrido. A Ana doidinha estava de terno e gravata fazendo imitação de *MIB*, *Men in Black*.

Ficamos conversando por quase uma hora, até que Zack me chamou para dançar. Certo, eu não tenho lá muito medo de vampiros (ou não tinha, porque não acreditava neles), mas *taí* uma coisa que me enche de pavor.

Dançar.

– Hum, seria legal, Zack, mas dessa vez vou deixar passar porque, sabe, estou com antraz... digo, dor de cabeça.

– Ah, que pena. Eu até estava disposto a contar mais do meu passado... quem sabe revelar algum ponto fraco...

Droga.

– Está bem – murmurei secamente – mas quem vai se arrepender disso é você.

Ele sorriu, tomou minha mão e me conduziu até o meio do salão. Claro, como mestre dos vampiros ele não ia deixar por menos, ia? Senti-me como um cachorrinho na vitrine.

Desculpe, um peixinho na vitrine. Um peixe ruivo de roupa espalhafatosa.

Ele abraçou minhas costas e me arrepiei. A echarpe quase não me fazia sentir seu toque diretamente, mas parecia atravessá-la. Tomou minha outra mão e começamos a dançar. Eu ficava repetindo na minha cabeça: “dois pra lá, dois pra cá, dois pra lá...”

– E então? – disse, enquanto pensava: “dois pra cá...”

– E então o quê?

– Seu ponto fraco.

– Oh... – Zack sorriu – ele tem que sair espontaneamente. Faça perguntas que me levem a cometer um deslize.

*Dois pra lá, dois pra cá...*

– Hum, deixe-me ver... como descobriu que era o vampiro mais antigo? Conde Drácula existiu mesmo?

– Hum... claro, existiu sim. Nós conversávamos bastante... Sabe, existiu um vampiro ainda mais famoso que ele na época. Super poderoso e tal.

– Não diga?! Por que toda história de vampiro tem que englobar a história de um vampiro mais famoso?

– Porque clichês são legais. Mas nesse caso, não era vampiro e sim, vampira.

– Já entendi tudo. Foi ela que te transformou, não foi? Seu mentiroso de uma figa, você me disse que...

– Quer ficar quieta? E agora estamos no ‘dois pra lá’ e não no ‘dois pra cá’. Está perdendo a concentração... Pisou no meu pé duas vezes.

– Tá, tá... e antes que eu me esqueça, bem feito. Eu te avisei.

– Bem, como eu ia dizendo, a vampira da qual me refiro era a mulher do próprio Drácula. E pra mim, ela tinha muito mais poder que ele.

– Do que está falando? Eu pensei que a mulher do Conde Drácula era...

– Eu digo a primeira mulher dele.

– Ah, o cara era pegador.

Zack torceu o nariz.

– Que modo machista de se dirigir às mulheres.

– *Er...* hum, esqueça que eu disse. Por que acha que ela tinha mais poder do que o Drácula?

– O cara morria de medo dela. Toda vez que a gente saía para beber, ele vivia dizendo que tinha que chegar cedo em casa porque senão ela iria matá-lo. De novo.

Na boa, nunca sei quando Zack está zoando comigo.

– Está me dizendo que o Drácula morria de medo – ri internamente do ‘morria’ – da mulher? E o que aconteceu com ela?

– Bem... um dia ela sumiu, quando descobriu que o Drácula andava pulando a cerca e nunca mais voltou. Eu a procurei por um tempo; ela era mais antiga do que eu, devia ter muito a me ensinar.

– E achou?

– Não, mas soube que ela ainda estava viva... bem, morta-viva até alguns anos atrás, mas... parece que se deparou com um caçador poderoso demais pra ela.

Nessa hora eu já tinha perdido as contas do ‘dois pra lá’ e estava só no ‘dois’ mesmo.

– Um caçador estilo Vincent?

– Bem, sim, mas esse outro era poderoso demais pra ela. Sem contar que *tinha* escrúpulos. Se não me engano, cruzei com ele duas vezes há alguns anos.

– Tiveram quantos filhotes?

Desculpa, escapou. Sério mesmo.

Zack se torceu numa gostosa gargalhada e se recompôs.

– Adorei. Vou usá-la em alguma ocasião.

– Obrigada, mas e então? Você encontrou esse caçador e...?

– Eu estava no encalço dela. Soube que ela estava em uma cidade do Brasil e fui atrás. Não a encontrei, mas *o* encontrei, com um colar que ela gostava de usar.

– Então – completei, sentindo-me esperta novamente – simples como números binários, você percebeu que ele a tinha matado.

Zack arqueou uma sobrancelha.

– O que foi? – estranhei – Não foi isso que aconteceu?

– Não, não é isso. É que nunca pensei que *você* acharia números binários simples.

Idiota.

– Bem, mas enfim... nunca mais vi os dois. Esse caçador deve estar mais velho agora, um pouco mais que Vincent. Se não me engano, Vincent era discípulo dele.

– *Uaaau...* melhor que novela.

– Fala, sério, Jessi. Qualquer coisa é melhor que novela.

De repente, antes que a música terminasse, Zack soltou-me, com um brilho nos olhos horrorizado.

– Que foi? Pisei no seu pé outra vez?

Ele parecia esforçar-se para falar, mas gaguejou.

– E-Eric...

– Ora, qual é a surpresa? Ele está sempre atrás da gente!

Zack sacudiu a cabeça e parecia olhar para o infinito.

– Uma... premonição... Eric... Eric estava beijando você!

Era só o que me faltava. O meu vampiro agora deu para ter vislumbres das *visões da Raven*.

– Ah, Zack, isso não é hora pra ter ciúme... Não que eu vá deixar, mas ainda assim...

– Jessi, você faz ideia do que significa o beijo da morte?!

Ah, minha nossa...

– Então... a pessoa que Eric vem para buscar...

– Nem diga uma coisa dessas! – Zack me cortou, voltando a me apertar fortemente – Ele não vai chegar perto de você!

– Zack, isso não vai adiantar! Ele só obedece a ordens! Vem apenas para me buscar, mas não pode me matar!

– Bem, então só temos que saber de onde virá o perigo!

Começamos a olhar ao nosso redor, eu apavorada e Zack, ansioso. Subitamente Eric se materializou do lado de fora e pudemos vê-lo através das vidraças do salão. Ele sorria maliciosamente enquanto nos olhava. Zack trincou os dentes.

– Não saia de perto de mim!

– Zack.. seus caninos...

Os dentes de plástico caíram, sinal de que foram empurrados para fora.

– Bem, não há como relaxar agora – respondeu ele, sacudindo a cabeça – Deixe estar; vão pensar que faz parte da fantasia. Não sei como impedir Eric de chegar perto de você, mas...

– B-bem, talvez ele só tenha vindo tomar uma xícara de chá...  
– O que você disse? – Zack apertou meu braço com força – Eric tomou chá?  
– Ora, algumas vezes quando me visitava. Por quê?  
– Ele assumiu uma atitude humana? Isso significa que posso tocá-lo? Ah, então já é!

Zack me soltou e correu em direção à janela. Com um salto, partiu-a estrondosamente e caiu em cima de Eric. Os dois começaram a se atracar no chão.

Cara, já vi pessoas dando salto para a morte, mas isso é ridículo.

Alguns alunos correram para ver o que tinha acontecido, mas tenho certeza que a única coisa que viram foi Zack rolar no chão como se estivesse numa congestão horrível.

– Seu tolo! – Eric gritava – Se é a hora dela, não há nada que você possa fazer para impedir!

– Pois eu não consigo deixar de pensar que o perigo vem de você! – retrucou Zack, com os olhos de um tom vermelho vivo.

– Oh, é mesmo? Que eu saiba você mesmo foi uma ameaça à vida dela inúmeras vezes! Talvez tema matá-la sem querer? Não resistir às sugestões que jogo contra você?

Zack socou-o e quando Eric cambaleou, passou-lhe uma rasteira. Dava pra ver que estava agindo sem pensar, já que desta vez Eric não podia prever seus movimentos.

Bem, não devia ser difícil para Zack agir sem pensar.

– Eu jamais mataria Jéssica – ele disse com voz firme, olhando para o oponente no chão – só fiquei tentado a isso uma vez, quando percebi que ela poderia estar condenada como eu. Mas não importa, porque Jessi sempre vai ser o centro da minha vida. Ou da minha não-vida. Até ela mesma deixar de existir.

Obrigada, Eric! Nada como a morte por perto para fazer o amor da sua vida revelar o que sente por você!

O que foi? Não é clichê a protagonista se apaixonar pelo vampiro? Você não tinha adivinhado isso desde o princípio?

Hum, bem, certo, não sei se sou a protagonista ainda.

Ou aquela que vai aterrorizar a vida de Zack até ele superar tudo e definitivamente encontrar o amor da vida dele.

Pois te digo que, se isso acontecer, *eu* vou aterrorizar a vida do amor da vida dele, é isso aí.

Zack pulou em cima dele assim que viu que Eric se levantava e apertou seu pescoço. O mensageiro riu e o jogou por cima das árvores. Essas balançaram e cuspiram Zack de volta para cima de Eric.

Era a luta mais ferrenha que eu já tinha visto. Não dava para dizer quem estava ganhando, mas a verdade é que ninguém estava perdendo. Não é hilário?

Senti algo súbito subindo minha espinha, enquanto os dois se atracavam ali fora e os alunos se amontoavam para ver Zack tendo um estranho ataque de epilepsia pela janela. Virei para trás.

Uma presença fortíssima estava diante de mim. Um homem lindo de morrer, alto, com cabelos loiros encaracolados até as costas, olhos verdes profundos e um



sorriso estonteante estava parado quase a trinta centímetros diante de mim.

Lindo *de morrer*.

Era só nisso que eu pensava porque agora tinha entendido. Era assim que eu ia...

– Dante? – murmurei, pálida.

Ele sorriu. Alguém aí já jogou *Castlevania*? O homem era a cara do *Alucard*, aquele vampiro gostosão do jogo. Só que aquele do jogo era bonzinho, este aqui cheirava à morte.

Bem, não que ele tivesse o cheiro de Eric que, aliás, de tanto andar com buquês cheirava a flores mortas, mas suas intenções eram simples.

Ele queria me matar.

Bom, Eric também. E Zack já quis.

Já vi que estou na lista negra da galera.

– É uma caçadora esperta...

Na verdade, não. Se eu fosse realmente esperta, nunca teria embarcado nessa furada e estaria agora sentada no escritório do contador. E continuaria viva.

Ele passou a mão pelos meus cabelos. Lembrei-me que tinha o spray de água benta ainda preso na minha cintura.

– Você é linda... não é à toa que é o ponto fraco de Zack

Esqueci completamente do spray.

– Como é?

– Oh... você não sabia que ele continua aqui apesar de Vincent saber de seu paradeiro assim como eu... por sua causa? Bem, não o culpe. Ele ainda tem sensações humanas; não sabe se abrir.

– E você? – eu tentava enrolá-lo para que Zack percebesse sua presença, mas ele parecia entediado demais desafiando a morte.

Bem, deve ser empolgante. Muita gente entra na onda de para-quedismo, esportes radicais e tal.

Ah, não. Comecei a pensar bobagens. Isso significa que estou mesmo numa enrascada daquelas.

– O quê? – ele arqueou uma sobrancelha – Quer que eu me abra?

– Bom, o que faz da vida? Quer dizer, na sua não-vida?

– Bebo sangue.

– Só isso? Nossa, que monótono.

– Não, às vezes me distraio matando as namoradas de meus inimigos.

– Então perdeu seu tempo, querido. Zack e eu somos amigos.

– Então me convença. Porque ele está lá fora agora lutando contra a morte por sua causa.

– Ai, eu sei. Não é de matar?

Opa. Escolha errada de palavras.

– Eu vou dizer pra você o que exatamente pretendo, querida – Dante anunciou, chegando mais perto – Vou drenar todo o sangue do seu corpo; deixar que morra nos braços de Zack, e quando ele estiver totalmente alucinado e fraco, beber todo o sangue dele. Depois arrancar sua cabeça e cravar nele a estaca que carrego em minha cintura.

Que grosso. Não sabe brincar não desce para o *play*.

– Parece difícil – provoquei.

– Ah, não pra mim.

– Hum, como você passou despercebido por nós dois? Quer dizer, agora sinto sua presença forte, mas antes disso não senti absolutamente nada, nem Zack.. – tateei em minha roupa e senti a garrafa, puxando-a delicadamente.

– Bem, um dos poderes que adquiri ao longo de minha vida... bem, de minha morte, é a de ocultar a minha presença de qualquer sentido de caçador. Zack sobreviveu ao longo de todos esses anos por ser forte; já eu, por esconder-me. Mas agora eu serei quase tão forte quanto ele, quando tiver o *seu* sangue em mim. E quando ele enfraquecer ao te ver morrer, eu vou beber o sangue dele também e matá-lo. Serei invencível.

– E vai ficar gordo, viu? Zack disse que meu sangue tem muitas calorias.

– Ah, então ele já bebeu seu sangue. Ele te ama de verdade por ter permitido que você ainda vivesse – ele riu – Ah, isso está ficando cada vez melhor.

– Hum, e aí, está sozinho?

– Só *eu* tenho o poder de ocultar-me. Não podia correr riscos.

Ninguém prestava atenção em nós. Na verdade, eu preferia assim, mas estava desesperada para chamar a atenção de Zack lá fora.

Não, eu não estava preocupada com ele. Eram dois imortais brigando feito crianças no jardim da universidade.

– Já chega de conversa – anunciou Dante, abrindo a boca e exibindo os caninos – Hora de morrer.

Na hora em que ele segurou meu pulso, girei e com meu outro braço levantei a garrafa e apertei o spray, jogando o conteúdo diretamente em seu rosto. Uma fumaça branca saiu de sua pele pálida e ele guinchou alto.

Zack interrompeu a luta e virou-se para mim do jardim. Percebi que gritava, soltando a gola de Eric, e correu para dentro do salão através da janela, mas Dante foi mais rápido. Ele soltou a mão que segurava o rosto e segurou meu pescoço, cravando os dentes nele.

Senti uma sensação maravilhosa, mas muito instantânea. Minhas pernas fraquejaram e senti minhas pálpebras pesadas. O sangue saía muito rápido. De repente senti que estava caindo, mas um braço forte me segurava e os dentes ainda estavam fincados em minha pele. A tontura me dominou e ainda tive um relampejo de Eric materializando-se ao meu lado enquanto Zack gritava alguma coisa.

Abri os olhos levemente e Eric estava sobre mim, com seus cabelos prateados caindo sobre meu rosto, sorrindo e aproximando-se lentamente.

– Te vejo do outro lado... Jéssica.

E então seus lábios tocaram os meus, que pareciam estar tão frios como os dele.

Tudo escureceu como por encanto e não senti mais nada.



Andei por um longo tempo no escuro. Na verdade, parecia flutuar enquanto alguém me puxava para cima, segurando minha mão.

Eric.

Eu não conseguia falar. Estava assustada, mas ao mesmo tempo, não. Tudo no espaço fazia sentido; a sensação tão tranquila que me tomava era fantástica.

– Sente-se assim porque não deve nada para acertar contas – Eric disse, fazendo eco aos meus pensamentos, enquanto segurava firme em minha mão – Você não é suicida, cumpriu até o fim sua missão e sempre se esforçou para praticar o bem. – ele virou-se para mim e sorriu – Agora vai ficar em paz.

Bem, coitados dos meus credores. Eles não vão ficar muito contentes.

Mas eu não queria ficar em paz.

Quer dizer, queria, mas não assim; não agora.

– E Zack?

Ele não disse nada e voltou a olhar para frente. Ah, minha nossa, isso está ficando surreal demais.

Ele me deixou em um espaço vazio, cheio de luz e forrado de névoa. Como nos livros da *Mediadora*, eu esperava encontrar algumas portas. Ou quem sabe o *Jesse*?

– Espere aqui – Eric cortou meus pensamentos – Há alguém que quer muito conhecê-la. Na verdade, sempre esteve com você. Agora, com licença, ainda tenho trabalho a cumprir. Volto em breve para vê-la.

Eric sorriu e desapareceu. Eu quase me lamentei, até que vi a criatura mais linda de toda a minha vida.

Era um ser de luz brilhante, com formas quase transparentes; trajado com uma túnica branca que faria inveja a qualquer sabão em pó. A presença dele me fazia esquecer que há minutos atrás eu estava morrendo nas mãos de um vampiro e que minha caça estava lutando contra a morte.

Bem, quase. Ainda me lembrava disso.

– Olá, Jéssica. Sabe quem sou eu?

– Meu anjo da guarda... – murmurei, surpresa por saber.

– Isso mesmo.

– Desculpa ter te dado tanto trabalho... nossa, desculpa, desculpa...

Ele sorriu.

– Eu, ao contrário de Eric, amo meu trabalho, Jéssica. E agora cumpri minha missão. Venha, está na hora de irmos.

– Espere... posso te dar um pouco mais de trabalho?

Ele sorriu de novo, como se estivesse adivinhando o que eu iria dizer.

– Zack ficará bem. Ele vencerá a luta.

– Mas... hum... eu irei para o céu, certo?

– É provável.

– Zack irá? Um dia a gente vai se encontrar?

Ele abaixou a cabeça. Senti um aperto no peito.

– Um dia sim, ele irá morrer – afirmou o anjo, com um olhar de compaixão, que sempre pensei que os anjos tinham mesmo – mas este não será o lugar dele. E sua morte se dará em breve.

Eu sacudi a cabeça.

– Espere aí... será que... será que minha missão e a sua podem ser estendidas mais um pouquinho?

– O que quer dizer? Não pode voltar.

E agora? Minha vontade era de sair correndo, procurar os portões do céu e pular quando São Pedro não estivesse olhando. Mas algo me diz que não funciona bem assim. E vai que depois não me deixassem entrar ali de novo, numa outra hora.

Numa outra hora bem mais pra frente.

– Eu quero uma missão nova.

– Isso não pode ser feito. Você sabe que ninguém tem autorização para voltar.

– Eu sei, mas há casos de pessoas que voltaram à vida em pouquíssimo tempo, não é? Não faz muito tempo que estou morta! Isso pode ser feito?

– Sim. Mas terá que ser vontade Dele.

– Diz... diz pra Ele que eu quero voltar com duas almas aqui pra cima. A minha e...

– ... a de Zack – ele sorriu.

Eu abaixei a cabeça. O anjo tocou minha cabeça e quase mudei de ideia. Sério mesmo, nunca tinha me sentido tão feliz na minha vida inteira; era como se tivesse vivido só para estar ali. Mas não seria completo, não ainda.

– Ainda está apegada... – ele comentou, com um tom triste.

– Espere, não me leve a mal... – consertei, me sentindo meio aflita – eu quero muito mesmo ir, mas não sozinha... não sem Zack.. ele precisa de mim. Você sabe que precisa! Ele é um idi... ele é muito descrente, muito... perturbado.

E perturba todos ao seu redor, também.

O anjo sorriu novamente. Comecei a me sentir ainda mais tranquila.

– Bem, isso não é incomum. Há mães que querem voltar por causa de seus filhos, homens por suas esposas, mas, no caso de Zack, ele nem deveria estar na Terra mais. Então, nesse caso, seja convincente. Faça suas preces e eu as levarei lá para cima.

– Sério?

– Mas seja rápida. Rápida e confiante.

Eu balancei a cabeça e juntei minhas mãos numa prece silenciosa. Não sabia bem o que dizer então pedi a Deus que ‘na boa, deixa eu tentar levar Zack para o caminho e tal. Assim ele não mataria mais e ainda ia ganhar mais um fã no céu’. Não demorei muito, até que uma imensa bola de luz se formou na minha frente.

O anjo pegou a bola, disse ‘volto já’ e sumiu.

Cara, vou escrever um livro.

Sério, porque já era a terapia. Qualquer profissional do mundo ia mandar me internar imediatamente. Quer dizer, antes eu suspeitava de que eles fariam isso; agora tenho certeza.

Sem contar que agora eu podia ficar rica. Talvez não matando vampiros, porque é óbvio que meu talento é zero, mas rodar o mundo contando minhas experiências de pós-morte, *uau!* Ia aparecer na TV, no *youtube*, ia ter um monte de gente seguindo meu *twitter*...

Hum, isso se desse certo.

O anjo reapareceu na minha frente, e senti meu coração – desculpa, força do hábito, já que eu já estava morta – pular na garganta.

– Você quer mesmo voltar? – ele disse, com um tom sério.

Senti um nó na garganta, mas o que poderia fazer? Eu realmente não queria voltar, aquilo tudo era tão lindo, a paz tão perfeita...

Mas eu queria Zack lá também. Não é um desejo egoísta, é?

Engoli em seco.

– Sim.

– Foi-lhe concedido, mas está proibida de divulgar sua experiência pós-morte.

Lá se foram meus seguidores do *twitter*.

– Bem, algumas pessoas sabem que eu morri.

– Anjos foram enviados para causar uma amnésia coletiva. Todos, com exceção de Zack, vão pensar que vocês foram ao baile e depois saíram mais cedo. E saíram do baile antes que todos os vejam novamente. Assim que os anjos passarem, retirem-se rapidamente. Só que você deve voltar imediatamente para seu corpo. Isso antes que o padre dê-lhe uma benção final, porque já não adiantará mais.

– Quer dizer que ele me despachará para cá de vez? E... o que aconteceu com Zack?

– Permitirei que você volte alguns minutos para trás, para vislumbrar o que houve, mas saia assim que as luzes surgirem, com Zack. Não perca muito tempo, pois ainda terá que procurar seu corpo. Você tem uma hora.

– Mas meu corpo não estará no baile ainda? Apesar da amnésia coletiva?

– Eric levará seu corpo, enquanto Zack está lutando. Mas ele pode ficar aborrecido se vir você; ele não gosta que interfiram no trabalho dele, você sabe. Desçam.

Eu acenei afirmativamente. Bem, deve ser difícil, o cara já não gosta muito de trabalhar...

– Por favor, me leve de volta – pedi, juntando minhas mãos.

O anjo sorriu.

– Parece que minha missão também continua...  
De repente tudo escureceu novamente.

Eu estava agora no baile, mas olhava de cima, em vislumbres rápidos. Percebi que estava fora de meu corpo, com Eric sobre ele e Zack alucinado correndo em sua direção.

Dante voou sobre Zack e os dois começaram a se atracar. Eles corriam com uma velocidade impressionante, mas Zack não ia muito longe de mim. Então Dante o agarrou por trás e o jogou contra o chão, tentando mordê-lo.

Cara, que coisa bizarra. Pareciam dois cães de guarda.

Só faltava Vincent com seu talento de São Bernardo.

Zack meteu-lhe a mão na cara e empurrou-o, investindo uma mordida e acertando em cheio seu braço. Dante gritou e recuou.

De repente, olhei para o lado e vi Eric desaparecendo por alguns instantes e depois retornando, deixando o local com meu corpo.

Provavelmente esse momento em que ele sumiu foi quando me levou lá pra cima e vai ficar um bocado aborrecido quando notar que alguém esqueceu a *porta aberta*, se é que me entende.

Os alunos gritavam, tentando entender o que estava acontecendo. Zack e Dante sangravam, sendo machucados em várias partes, mas continuavam se esquivando e atacando.

Senti um aperto no coração enquanto Zack gritava meu nome, parecendo fora de si. Dante procurou se aproveitar da situação e, no momento em que investia um novo ataque, desapareceu no ar.

Parece que alguém adquiriu meu poder de *teletransporte*, era só o que me faltava.

Quem mandou beber o sangue da excêntrica?

Zack olhou ao redor, cambaleando e procurando o atacante.

Então caiu no chão... e chorou.

O baile inteiro parou e ficou vislumbrando Zack chorar.

Apesar de estar como um fantasma agora, senti lágrimas virem ao meu rosto. Ele nunca me disse, sempre me perturbou, mas ele me amava!

*Zack me amava!*

E acho bom continuar amando quando eu voltar para o meu corpo.

Quando ele estava inclinado sobre si, soprei em seu ouvido.

– Eu estou bem...

Zack de súbito ajoelhou-se e me fitou com olhos arregalados.

– Jessi... Jessi?! Ah... meu Deus...

Ele podia me ver!

Bem, considerando que ele era um vampiro, podia ver a morte, ter centenas de anos e quase ser morto muitas vezes, não me surpreende tanto.

– Então, eu fui dar uma passeada lá em cima e voltei.

Os olhos dele encheram-se de lágrimas mais uma vez e ele tentou me abraçar.

Tentou é a palavra certa. Porque me atravessou e caiu do outro lado.

– Ah, meu Deus, agora você também é imortal, mas não podemos nos tocar...  
– ele riu – chega a ser engraçado.

– É, mas não é – cortei, um pouco aflita – preciso saber para onde Eric levou o meu corpo.

Nesse momento tivemos o vislumbre de luzes intensas passando muito rápido. Zack levantou-se.

– Saia, Zack! – eu disse-lhe, enquanto ele tentava enxergar os seres, com o rosto repleto de admiração – Você não pode estar aqui enquanto eles estão tentando apagar a memória dos alunos! Tudo pode ser arruinado!

Ele me olhou confuso, mas assentiu, saiu correndo para a saída e eu o segui de perto, flutuando.

Cara, eu sei que não deveria ficar feliz nem nada, mas sabe que aquilo era um pouco divertido? Quer dizer, o fato de flutuar e tal.

Quando estávamos do lado de fora o clarão se apagou, mas continuamos a correr para o meu quarto.

– Jessi, o que... o que foi aquilo? Que manifestação de poder incrível...

– Eu sei. Foram os anjos que estavam apagando a memória de todos a nosso respeito. Nada de comentar com ninguém o que aconteceu hoje, hein?

– O que acha que vou fazer? – ele riu – Escrever para o jornal? Nossa, isso é tudo tão... surreal!

Suspirei ao perceber que já estávamos chegando. Não queria exatamente dizer a ele por que voltei, você sabe.

Zack parou na frente da porta e coçou a cabeça.

– E agora, como nós entramos, Jessi?

– O que quer dizer?

– Eu não tenho a chave e só você pode abrir.

– Ah...

Então eu atravessei a porta. O engraçado é que horas antes eu achava que Zack é quem ia atravessar a parede.

Só que eu não esperava a visita.

– Eric!

No mesmo instante, Zack arrombou minha porta.

Cara, que dia.

– Fique longe dela! – ele gritou, enquanto entrava no quarto com tudo.

– ZACK! VOCÊ ARROMBOU MINHA PORTA!

– Ora, você demorou demais. Tudo bem, depois eu explico para o diretor.

– Em primeiro lugar, eu acabei de entrar. Em segundo, esquece, eu mesma falô. Suas desculpas são piores do que as minhas.

– Eu pensei que vampiros não entravam sem serem convidados – cortou Eric, com descaso.

– Pois eu *fui* convidado, só que abri a porta eu mesmo. E você não pode falar nada, dona morte. Devia usar preto.

– Eu não sou ‘a dona morte’ – sibilo Eric entre os dentes.

Eu tentei me conter. Não era bom irritar Eric e toquei no peito de Zack, para acalmá-lo.

Pena que o atravessei.

Como dizer para alguém que é capaz de te matar que você é apaixonada por outro que também quase quis te matar?

“Ah, desculpe. O problema não é você, sou eu.”

Provavelmente era problema meu mesmo. Quer dizer, eu atraí dois caras que não são lá muito tradicionais – um era vampiro e o outro mensageiro da morte.

Sem contar que quando eu era adolescente dois maconheiros gostavam de mim. E ainda namorei um deles para provocar papai. O dentista.

– Hum, olha só, dona morte... – comecei e me arrependi.

– PAREM DE ME CHAMAR ASSIM!

Era a primeira vez que via Eric perder a calma. Isso era um péssimo sinal.

– Por que está tão nervoso? Quer um chá?

– Você não devia estar aqui. Quem permitiu esse absurdo? E não quero chá algum agora.

Ele cruzou os braços e permaneceu impassível.

– Por favor, Eric... onde está meu corpo? Eu preciso dele rápido, antes que meu tempo para retornar acabe!

Zack voltou-se para mim com olhos arregalados.

– O que está dizendo, Jessi? Ele está com seu corpo? É por isso que você...

– Sim, eu preciso do meu corpo para retornar!

Zack olhou de volta para Eric, mas não sabia que reação devia ter. O pior é que nem eu. Seria medo, raiva, súplica?

– Isso... – disse Zack, coçando a cabeça – é mais surreal ainda...

– Por que acha isso? – sacaneei – Porque estou fantasmagórica do lado do vampiro que tenho que caçar, implorando ao mensageiro da morte para devolver meu corpo?

– Vai precisar de terapia, Jessi.

– Desde que você surgiu, Zack. Agora, Eric, por favor...

– Não – ele cortou com rispidez – e se você ousar me bater, Zack, irá se arrepender.

Zack me puxou de lado. Quer dizer, ele tentou, mas me atravessou, contudo entendi e fui para o canto.

– Jessi, estamos com problemas. Ele não parece disposto a entregar seu corpo, e ainda pode ler nossos pensamentos.

– O que podemos fazer, então?

– Nada – soou Eric, do outro lado do quarto – posso ouvir seus pensamentos e ainda ouvir vocês. Jéssica voltará para o outro lado e eu poderei vê-la sempre. Já você, Zack, estará perdido para a eternidade.

Engoli em seco. Ainda me lembrava das palavras do anjo, de que aquele não era o lugar de Zack.

– Eric... você está impedindo a ação do céu, viu? Eu fui enviada para retornar! Está desobedecendo a ordens diretas!

– Na verdade, não é culpa minha se você não conseguir. Isso é sua inteira responsabilidade.

Zack perdeu a cabeça e pegou Eric pela gola.

– Já chega! Devolva o corpo de Jessi agora! Ela quer ficar comigo! E é a



mim que você quer, não é?

– Não me venha dizer que trocaria de lugar com ela, Zack.. – ele respondeu, com toda a calma do mundo, apesar de estar com a gola sendo puxada – porque vou levar ambos. Assim que ela se for, você estará fraco demais para resistir a Dante ou a Vincent. É só uma questão de tempo.

Zack soltou-o. Ele respirava pesadamente, com os olhos perdidos como se estivesse pensando em algo.

– Por que levou o corpo dela?

– Percebi que ela voltara no tempo. Então o tirei dali para que não o encontrasse.

– Então o levou a um lugar que eu não pensaria, não é? Ou não ousaria entrar. Eric desviou os olhos.

– Não importa. Você nunca chegará a tempo.

Então me lembrei de algo que o anjo havia dito.

– Zack, meu anjo da guarda me disse que se o padre der uma bênção final e despachar meu corpo, não poderei mais voltar!

Ele fitou Eric de olhos arregalados.

– A igreja! Você a levou para a igreja!

Eric sorriu.

– Não importa que tenha descoberto. Nenhum dos dois pode entrar lá.

– Como assim? – retruquei, aflita – Eu posso! Não sou vampira!

– Não, porque se entrar os outros anjos a levarão para o céu novamente. A igreja não é lugar para as almas perdidas. Quer dizer, é, mas para almas perdidas com um corpo a qual ficarem. Se entrar lá sem seu corpo, sua alma irá direto para o céu. Já Zack não poderá entrar. Vê, eu pensei em tudo.

– Eu vou resgatar o corpo de Jessi e, quando voltar, vou acabar com a tua raça.

Eric arqueou uma sobrancelha.

– Acabar com minha raça? Você diz destruir todos os mensageiros da morte? Nós somos imortais, seu tolo.

– Tolo é você. Eu quero dizer é que vou quebrar tua cara!

– Oh. Entendi, está me fazendo ameaças. Está bem, ficarei por aí, esperando. E então sorriu e desapareceu.

– Você sabe que não pode acabar com a raça dele. Nem quebrar a sua cara.

– Eu sei. Mas tenho que machucá-lo de alguma forma. Bem, nada de perder tempo, Jessi! Precisamos tirar seu corpo de lá antes que seu velório se complete!

Não é assustador?

Saímos da universidade com tranquilidade, já que Johnny, o Porteiro, nunca se incomoda de impedir Zack de fazer coisa alguma e, quanto a mim, não podia me ver.

Era quase como voltar a ser a secretária do contador.

Claro que eu queria aprontar uma com uma galera, agora que estava invisível, mas não podia. Primeiro porque não tinha tempo, segundo porque não tinha prática como fantasma; então ia acabar atravessando as correntes ao invés

de arrastá-las.

Fica para uma outra ocasião.

Zack corria a uma velocidade incrível, mas eu não tinha dificuldade de acompanhá-lo. Seus olhos refletiam aflição, e parecia ainda mais pálido do que o normal.

– Jessi... – ele falava sem dificuldade, sem nem diminuir a velocidade – por que voltou? Quer dizer, não estava em paz agora?

– Bem, acostumei com você perturbando a minha paz. Eu pedi uma nova chance.

– Eu não sabia que eles davam esse tipo de vantagem.

– Porque não era exatamente minha alma que eu queria salvar...

Ele lançou-me um olhar de canto de olho.

– Você voltou por minha causa?

Bem, dei de ombros. Agora ele vai ficar mais metido do que nunca.

– É, talvez.

Já estávamos nos aproximando da igreja. Vislumbrei um meio sorriso saindo da boca de Zack enquanto nos aproximávamos da entrada.

– Obrigado... Jéssica. Eu te daria um beijo enorme agora, se não a atravessasse.

Se eu não fosse um fantasma agora, provavelmente estaria vermelha.

Cara, preciso voltar logo ao meu corpo e cobrar a dívida!

Paramos nos portões da igreja, que estavam completamente abertos. Ainda era por volta de quatro horas da manhã, mas as velas dentro do lugar estavam acesas. Senti um arrepio.

Meu corpo estava deitado em uma mesa, na frente do altar, imóvel, obviamente. Era uma missa de corpo presente, mas a alma estava de fora assistindo! Estava só a alguns metros à frente, mas o que podia ser feito?

Zack começou a suar e ficar tenso. Então, encheu os pulmões de ar e gritou da porta:

– Ei, padre! PADRE MARCONI!

O homem acendendo as velas parou e olhou para fora. Padre Marconi.

Ele lançou um olhar reprovador para Zack enquanto se aproximava dos portões, com um dedo apontado para ele.

– Não posso acreditar que fez isso mais uma vez, Zack! Já não bastava ter matado aquelas meninas e agora...

– Espere, padre, eu posso explicar!

– A senhorita Jéssica realmente te amava, Zack! Veja só o que você se tornou! Um assassino frio e covarde.

– Não... mas eu já fui – ele suspirou e de repente sacudiu a cabeça – Ouça-me, padre, eu estou falando sério, preciso que me traga o corpo de Jéssica aqui para fora! Depois eu explico, mas é urgente...

– De forma nenhuma! Eu encontrei o corpo dela deitado na frente do altar; com certeza alguma alma viu a pobre menina no chão e a trouxe para cá. Ela não tem uma gota de sangue no corpo, Zack.

– Não fui eu! Você tem que me ouvir, eu...

– Só o ouvirei em confissão, agora.

E entrou.

– Jessi... – Zack abaixou a cabeça – acho... acho que você vai mesmo voltar para o céu.

– Não... tem que haver uma saída!

– Vincent tem razão... todas as pessoas que eu amo morrem e vão continuar morrendo. E estou mesmo sempre andando lado a lado com a morte.

Precisou mesmo que eu morresse para ele dizer pra mim que me amava?

*Hunf*, os homens são todos iguais.

E vampiros não variam muito também.

– Você não é o tipo de cara que desiste fácil, é, Zack?

Ele estava com a cabeça abaixada e a levantou lentamente. Deu um sorriso no canto dos lábios e levantou olhos determinados.

– Não... não sou. Eu vou destruir essa igreja.

Epa.

– Hum... do quê exatamente está falando? – assustei-me, quando o vi segurando o portão da igreja.

– Eu vou destruir esse lugar. Assim o padre não vai conseguir se concentrar para terminar a benção, não é? E aí você pode entrar para pegar seu corpo de volta. Sem a construção, sem igreja, certo?

– Sim, mas aí você também vai arruinar todas as chances que tenho de cumprir minha missão aqui.

– Do que está falando, safadinha? – disse ele, enquanto quebrava o portão em dois.

Não estou brincando. Ele simplesmente arrancou a porta e a partiu em dois como se fosse um graveto.

O padre não se abalou. Simplesmente levantou olhos reprovadores para Zack enquanto segurava a Bíblia na mão e continuava meu despacho. Provavelmente já devia estar acostumado a consertar sempre aquele portão toda vez que Zack estava por perto.

– Eu voltei para ajudá-lo a ir comigo – expliquei, tensa – Quero você lá *comigo*.

Ele levantou para mim olhos confusos.

– Do que está falando? Lá não é o meu lugar.

– Ainda não.

– Você tem fé demais...

– Isso é um problema?

– Jessi, se você morrer eu me entrego. Já não vou mais lutar.

– Não diga uma coisa dessas, idiota. Eu ainda estou aqui. E eu não sou sua vida.

– Ah, é sim. Eu estou morto. Você trouxe motivos para que eu continuasse existindo. Eu já devia ter deixado essa cidade há meses, Jessi. Mas eu não queria ir enquanto você estivesse aqui. Eu lutava para que você continuasse vivendo, mas agora... se você for... vou lutar pelo quê?

Eu posso não ter um canal lacrimal agora, mas minha alma ainda se lembra de como se chora.

Ele tentou tocar no meu rosto, mas não deu certo. Então ficou sacudindo a

mão no ar, brincando de atravessá-lo.

– Quer parar com isso? – reclamei, sentindo-me irritada.

– Obrigado... por ter tentado, Jessi. Nunca vou me esquecer.

– Ainda não acabou.

– Ah, acabou sim. Logo que o padre terminar a benção eu ficarei aqui.

– O... o que quer dizer?

– Eu vou também. Vou esperar o primeiro raio de sol que me parta.

– Você não pode fazer isso! – exasperei-me, irritada.

– E por quê? Não faz ideia de quantas pessoas eu matei desde que existo. Eu sou uma existência cansativa e imortal. Para o Conselho, Vincent, até para a própria morte. E agora... eu a matei. Eu matei a única pessoa que chegou a dar um pouco de sentido nisso tudo pra mim.

– Você não...

– Dante a matou porque sabia que você significava muito pra mim. Ele venceu, acabou.

Não podia acreditar... Zack entregando os pontos? Aquilo não fazia sentido. Por que o céu me daria uma chance de ajudar Zack, se eu nem podia retornar ao meu corpo?

– Não entendo – murmurei – não tem algum detalhe escapando de mim aqui?

– E não está sempre?

– Cala a boca, caçado. Eu não entreguei os pontos. E estou desapontada com você. Isso ainda não acabou e eu ainda estou aqui. O sol sempre nasce. Sempre há um novo dia.

Ele olhou-me com firmeza.

– Tem razão, Jessi – e ri – Só que se o sol nascer já era.

Quando estava pronta para dar-lhe um tapa e, claro, atravessá-lo, uma voz fina cortou o silêncio.

– Oi, deus *Shangri-la*!

Olhamos para ela atônitos. Era uma daquelas garotas de preto que adoravam fincar adagas na minha porta e juravam ter trazido o deus esquisito de nome de país imaginário para dentro do corpo de Zack.

– De onde você surgiu? – ele perguntou, confuso.

Ela apontou o bueiro. Ah, claro, esqueci que essas meninas amam andar na *fossa*.

– As suas amigas... digo... minhas discípulas... estão por aí também?

– Oh, sim, mestre. Devem estar espalhadas pelos cantos da cidade. Gostamos de caminhar e meditar durante nossas reuniões à noite.

– Pode chamá-las aqui? A maior parte delas, ao menos? Seu deus precisa de um favor.

Posso te garantir que ele estava adorando isso.

– Claro, mestre! Só aguarde uns minutinhos!

Ela tirou um celular do sobretudo preto e clicou os botões, provavelmente mandando mensagem. Quando terminou, o colocou de volta e sorriu.

– Pronto, mestre. Elas estarão aqui daqui a uns cinco minutos. Há mais alguma coisa que posso fazer por você?

– Zack – murmurei, embora soubesse que a garota não me ouvia – nós não

temos tanto tempo! A cerimônia já está acabando!

Zack olhou para dentro da igreja e notou nervoso que o padre começou a fazer o sinal da cruz.

Era questão de segundos agora.

– Escuta, discípula, tenho mais uma tarefa pra você – Zack virou-se para ela, com voz firme – Entre lá agora e faça um escândalo.

– Mas mestre... você mesmo disse que devíamos vir à missa sempre... e, depois, me confessei semana passada, o padre vai ficar zangado comigo e passar outra penitência daquelas...

– Está mesmo discutindo com o seu deus, foi o que eu entendi?

– O padre disse que devíamos pensar se você era mesmo deus, mestre...

– Entra lá, faça um escândalo e pense nisso depois.

Ela coçou a cabeça e respondeu, com a cara alegre brilhando com tantos *piercings*.

– Tá bom!

Ela entrou gritando e aprontando uma zona daquelas. O padre interrompeu a cerimônia dizendo: ‘Melissa, eu não vou tolerar isso de novo’ e largou tudo no altar, enquanto corria para impedir a menina de se queimar nas velas.

Mas hein? De novo?

Agora entendi o que ela quis dizer com ‘outra penitência daquelas’...

– E agora, Zack?

– Bem, peça ajuda aos anjos... já não está mais amiguinha deles agora?

– Você quer bancar o engraçadinho, mas no fundo está com a razão, viu?

De repente, os bueiros ao nosso redor começaram a serem abertos. As tampas caíam para os lados, revelando inúmeras cabeças de cabelos negros e capuzes, como se fosse ‘a volta dos mortos-vivos’ dos filmes da sessão da meia noite.

Elas todas se puseram ao redor de Zack chamando-o de deus e perguntando por que foram convocadas.

É hoje que o ego do mestre dos vampiros vai lá pras alturas.

– Meninas, entrem lá e tirem urgente um corpo que está em cima da mesa na frente do altar. É o único que tem lá; não tem como errar.

– É aquele da sua escrava ruiva, mestre?

Epa.

– Sim, esse mesmo! Entrem lá e tragam-no!

Elas fizeram sinal de soldado batendo suas respectivas mãos nas testas e correram igreja adentro, e eu podia jurar que batiam na boca gritando ‘*uuuhhh*’ como se estivessem brincando de índio.

Elas fizeram tamanho rebuliço que o padre não pôde mais controlar. Pegaram meu corpo de qualquer jeito e o trouxeram porta afora, ainda deixando de presente na minha cabeça um galo ao passarem pelo batente do portão.

– Deu tudo certo, Jessi! – Zack exclamou animado – Entra no corpo, depressa, antes que algo mais aconteça!

– Tudo bem, mas depois vamos discutir esse lance de ‘sua escrava, mestre’.

Ela coçou a cabeça e riu.

Subitamente, Eric apareceu na rua frente à igreja e começou a caminhar

lentamente em nossa direção. Eu olhei para Zack em pânico.

– Ele não pode fazer nada agora, Jessi! – ele retrucou, olhando-o fixamente – Apenas entre aí!

Eu assenti e entrei no meu corpo.

E saí.

Entreí outra vez.

– Zack, não está dando certo! – gritei, agoniada – Por quê?

Ele sacudiu a cabeça nervosamente.

– Eu não sei! Não foi isso que o anjo disse? Que era só voltar?

– Sim, mas...

Eric estava cada vez mais perto.

Parecia até aquelas piadas de humor negro, quando as pessoas começam a contar com voz tenebrosa “e então a morte disse: ... estou chegando na sua rua...estou chegando na sua casa...estou entrando pela sua porta...” só que a piada terminava com um susto.

Não que isso não vá acontecer agora também.

Eric entrou no jardim da igreja.

– Zack... será que passei do tempo? – olhei-o, enquanto ele mantinha os olhos fixos em Eric – Eu só tinha uma hora...

Ele olhou para o relógio.

– Nós ainda temos vinte minutos, Jessi. Só precisamos saber o que está acontecendo.

As meninas olhavam apenas para Zack. Provavelmente não estavam vendo nem a mim nem a Eric. Devem ter percebido que seu deus não andava muito bem da cabeça.

Não que elas não gostassem disso, já que elas também não eram lá muito boas das ideias, mesmo.

Eric parou.

Eu estava sentada sobre meu corpo e Zack na minha frente.

– Hora de ir, Jéssica – Eric anunciou – Vim te buscar.

Detesto essa frase.

– Ela ainda tem vinte minutos – Zack sibilou – não deixarei que a leve sem que tenhamos esgotado todas as alternativas.

– Não importa. Não há mais como ela retornar ao corpo. Ele não está preparado para recebê-la.

– O que quer dizer?

Eric sorriu.

Ali, tudo estava implícito, era só descobrir o que poderia ser.



Eric não entendia sarcasmos, mas sempre falava por meio de enigmas.

Quase engasguei quando tive um súbito esclarecimento. Posso não ser lá muito boa em palavras cruzadas, mas sempre adorei um *Sudoku*.

– Meu corpo... Zack, não há sangue no meu corpo, lembra o que o padre Marconi disse? Não posso retornar porque não há sangue suficiente para meu coração voltar a bater!

Tadinho do meu coração... e pensar que tantas vezes eu reclamei que ele vivia passeando pela minha garganta.

*Vivia.*

A gente só dá valor quando perde, acho.

Zack sorriu abertamente.

– Meninas – ele virou-se para as malucas de plantão, que ainda o olhavam como ele fosse um deus. Digo, o deus *Shangri-la*, porque tudo que é mulher olha Zack como se ele fosse um deus – preciso que cerquem o hospital! Precisamos que levem o corpo lá para dentro.

Elas sorriram prontas para fazer sua vontade. Chega a ser hilário.

Ele segurou meu corpo no colo e me arrepiei. Quer dizer, eu posso estar fora dele, mas ei, é meu corpo, não é?

Com um impulso, disparou pelas ruas, deixando qualquer um para trás. Eric sorriu e sumiu; e eu segui Zack lado a lado, já que agora podia voar tranquilamente. Não demorou para vermos as luzes do hospital logo em frente.

Não tínhamos muito tempo.

Zack diminuiu o passo quando chegamos. O diretor do hospital estava ali na frente, conversando com dois seguranças.

– Ela precisa de ajuda – ele gritou, estendendo-me na frente deles – por favor, tragam uma maca! Ela perdeu muito sangue!

O diretor fitou-o horrorizado.

– É aquela enfermeira – ah, sim, ele não sabia que eu era apenas uma estudante excêntrica – responsável pelo roubo do sangue! Mas o que...?

– Isso não é hora de conversar ou discutir – cortou Zack, suando – leve-a

agora ou ela não vai resistir!

O diretor olhou para Zack confuso, mas estendeu uma mão para segurar meu pulso e olhou no relógio.

– Filho... eu sinto dizer isso, mas a moça está sem pulsação. Já faz quanto tempo isso?

– Faz quase uma hora! Depressa!

– Não há mais nada que possamos fazer... eu sinto muito.

Zack bufou e nessa hora as meninas de preto chegaram e contornaram-no. Eram dezenas delas; acho que o número aumentou consideravelmente desde a última vez em que tivemos aquela desavença lá no bueiro.

Pelo visto o boato de que Zack estava sendo cultuado como um deus se espalhou pela universidade.

Ele pôs-me no colo de uma delas e socou o diretor do hospital.

*Ele socou o diretor do hospital.*

Palmas para o vampiro mais insensato de toda a galáxia, senhoras e senhores!

– Zack, seu idiota! – gritei, pasma – Como isso vai ajudar a gente?

Ele fingiu que não me ouviu e os dois seguranças partiram pra cima dele. Zack segurou os dois pela gola e bateu suas cabeças, uma contra a outra, desacordando-os.

– Entrem! Levem-na para o segundo andar, para a sala de reanimação. Vocês duas, sigam o térreo e entrem no corredor da segurança, virem à esquerda e entrem na segunda porta...

– À direita – completei.

– À direita. Peguem uns três sacos de sangue e vão para a sala também. Eu as encontro lá.

– Sim, mestre! – disseram as loucas, em uníssono.

Enquanto Zack corria e saía batendo em todos os que o impediam, para que dessem passagem às meninas, eu ia gritando pelo caminho. Parecia minha mãe.

– Você perdeu completamente a cabeça! Essas meninas vão ter problemas com a polícia, seu inconsequente!

– Somos um bando de malucos de preto invadindo um hospital, Jessi – disse ele, enquanto derrubava mais dois seguranças – eles devem estar acostumados. E depois, eu me responsabilizo por qualquer coisa.

– Você é irresponsável por natureza! Não pode se responsabilizar por nada!

Ele deu um sorriso de lado e continuou seguindo.

Metros à frente, ele arrombou uma porta e entramos naquela sala de reanimação tenebrosa do hospital. Assim que me deitaram na maca – bem, meu corpo – três meninas chegaram carregando alguns sacos de sangue.

– Ótimo! – ele disse, tirando um soro do pedestal e trocando pelo sangue – Estão me deixando orgulhoso, meninas!

– Obrigada, mestre! – elas gritaram em uníssono, animadas.

Zack puxou uma seringa da gaveta. Eu me apavorei.

– Você enlouqueceu? Não pretende me furar com isso, não é?

Ele riu e não me deu ouvidos.

– Você não vai sentir nada, Jessi. Não se mexa.



Muito engraçado.

Bem, seja como for, parecia funcionar.

As meninas de preto trancaram a porta. Ouvi sirenes do lado de fora do hospital. O cerco estava se fechando. Podia ficar pior?

De súbito, Eric apareceu e os dentes de Zack surgiram de súbito.

Eu e minha grande boca.

– FIQUE LONGE! – gritou Zack possesso.

Eric encostou-se e ficou observando, mas não disse nada. Parecia estar apenas esperando.

Esperando uma vaciladinha, não é?

O sangue continuava descendo pelo pedestal e talvez levasse muito tempo. Zack enervou-se ainda mais, apanhou outra seringa e furou meu braço direito, pondo outro saco de sangue.

As meninas entreolhavam-se.

– Essa escrava era muito importante para você, mestre? – perguntou uma delas.

Ele levantou-lhe olhos úmidos.

– Ela era... é sim.

A porta foi furiosamente espancada.

– ABRAM EM NOME DA LEI!

Na boa, se eu tivesse um coração ele teria parado de vez. De novo.

– Ousem... – Zack trincou os dentes e seus caninos brilharam na luz da lua fraca da janela.

As meninas de preto sorriram. Claro, estavam encantadas. O deus delas além de gato ainda era vampiro, né? Ainda bem que não se assustam.

Bom, eram adolescentes. O que poderia assustá-las?

– Abram! É a polícia!

Ah. Isso.

Zack arrumou os aparelhos na mesa, pegou duas placas e as ligou. Eu não faço ideia de como fazê-las funcionar, mas ele sabia. Bem, ele não deve ter passado mais de 800 anos de vida mascando chiclete.

Deve ter passado uma boa parte desse tempo assistindo a todos os episódios de *Plantão Médico*.

Juntou-as e gritou ‘afastem-se’ enquanto metia um choque no meu peito, igual àqueles filmes de *CSI*.

– Eric... – eu disse, enquanto ele observava a cena com olhos distantes – será que não pode nos ajudar em nada?

– Desculpe, Jéssica. Isso não é do meu departamento. Só sei que devo levar alguém hoje.

A porta começou a ser arrombada. Eu ouvia vozes grossas do outro lado, e mais passos.

– Afastem-se!

E lá se foi o choque outra vez. Eu fazia caretas ao ver aquela descarga elétrica sendo jogada contra meu corpo. Espero que não faça mal ao meu cabelo.

– Zack, há alguma coisa que eu possa fazer? – perguntei preocupada, ao ver

as meninas reforçarem a porta com cadeiras e ele ali, suando, tentando fazer meu coração bater outra vez.

– Viver, Jessi!

O saco de sangue esvaziou. Zack deu-me um novo choque e de repente seus olhos arregalaram.

– Jessi... Jessi, eu posso escutar seu coração! Agora, tente entrar no seu corpo outra vez!

Eu teria prendido a respiração se pudesse. Olhei para Eric, e ele exibiu um pequeno sorriso no canto dos lábios.

Enchi-me de coragem. Toquei em meu peito e imediatamente senti uma força puxando-me para dentro e tudo se apagou.

Desta vez, a escuridão foi total. A diferença era que agora eu podia sentir meu corpo meio dormente, uma dor de cabeça irritante vindo de um galo na testa e uma dificuldade intensa de respirar.

Ouvi uma voz à distância gritando meu nome.

*“Jéssica... Jéssica... Jéssica... Safadinha!”*

Abri os olhos e murmurei.

– Idiota...

Eu estava na sala do hospital deitada na maca com dezenas de olhos fixos em mim. A maior parte eram das meninas que me davam calafrios, com olhos bem delineados, me fitando com espanto.

Mas um par daqueles olhos todos estava úmido.

– Jessi...? Você... está viva, Jessi?

Sentei-me na cama. Olhei para as minhas mãos, meus pulsos feridos e para todos ao meu redor com medo de tocar em mim.

– Estou... na melhor das hipóteses.

Zack pulou na cama e me abraçou enquanto me dava repetidos beijos no rosto.

– Sua idiota... me deixou tão preocupado... humana estúpida!

Bem, acho que isso era o mais alto grau de romantismo que podia esperar dele.

Eu o abracei e choramos e rimos juntos, enquanto a movimentação ao redor continuava intensa.

Zack lançou um olhar irritado para o outro lado da sala.

– O que ainda está fazendo aqui, Eric? A Jessi não morreu! Dá o fora!

Ele manteve-se inexpressivo.

– Eu não disse que vim aqui levar a Jéssica. Eu disse que vim levar *alguém*.

Nós o fitamos curiosos. Ele não disse mais nada, mas limitou-se a olhar para fora, para o dia que estava chegando tímido, com luz fraca.

O dia estava chegando.

Ai. De novo, não!

– Zack! A luz!

– Ah, minha nossa... Parece que sua missão não levou muito tempo, Jessi.

– Nem pensar! Procure um abrigo agora mesmo, seu idiota!

– Não dará mais tempo – anunciou Eric, com a voz cortante – É questão de segundos agora, até que um raio o atinja e ele queime até as cinzas.

– Ah, não mesmo! – levantei-me irritada e, mesmo cambaleando e tropeçando nas próprias pernas, consegui correr e fechar as cortinas.

– Isso não será suficiente, Jessi! – Zack disse, segurando minhas mãos e me abraçando – A luz que penetra aqui vai chegar em mim, mais cedo ou mais tarde, principalmente agora, que vão arrombar a porta. Mas saiba que te amo. Não importa o que vai acontecer agora.

– Eu não passei por esse aperto todo para ver você desaparecer até as cinzas diante de mim, Zack – anunciei, com coragem – sendo sua caçadora, *eu* decido quando é hora de você morrer.

Eric ergueu uma sobrancelha. Achou engraçado ouvir que de repente possa ter ganhado um novo *patrão*.

A porta começou a ceder frente às pancadas. As primeiras luzes do corredor entraram e acertaram o braço de Zack; uma fumaça branca subiu imediatamente de sua pele. Ele segurou-se e gemeu.

– Nossa, que cheiro de queimado – riu meu vampiro, ainda esfregando e apertando o braço – alguém deve ter deixado a panela no fogo.

– Como posso viver sem seu ridículo senso de humor? – respondi, dando-lhe um beijo leve nos lábios – E justo agora que você admitiu que me ama?

– Sempre te amei, safadinha.

– Mas nunca disse.

– Ah, você fazia questão?

Suspirei.

– Agora você admite que não podemos viver como amigos?

– Nunca desejei isso... é que...

– Você queria me proteger e *blá-blá-blá*. Poupe-me do clichê.

– Falou e disse. Pena que vou desaparecer agora. No fundo, até fico aliviado, porque você ia jogar isso na minha cara para o resto da minha vida. Ou da minha não-vida.

– Ainda vou. E você acertou, caçado, você vai desaparecer, sim.

Agachei-me e segurei suas mãos.

– Sonhe comigo – completei – E agora se comporte e vá dormir. Vejo você quando chegar.

Eu o beijei e ele sumiu.

Não se preocupe, dessa vez ele estava bem. Eu o teletransportei.

Agora eu tinha uma clara visão do quarto dele, não é? A gente pode não ter feito nada errado lá dentro, mas facilitou muito as coisas.

E, bem, espero que ele tenha mantido a janela fechada. Vai estar um bocado fraco quando chegar.

A porta quebrou quase no mesmo instante e fiquei com medo pelas meninas. Dezenas de policiais as cercavam agora, e o diretor do hospital nos apontava furiosamente.

– São elas! São todas responsáveis pelo roubo do sangue e por essa invasão ensandecida ao hospital.

A mais alta entre elas ficou à frente e puxou o capuz, revelando ser uma

garota de tez bem morena e cabelos encaracolados. Quando um dos policiais aproximou-se com algemas, a garota empertigou-se e disse, com a voz mais política que eu já tinha escutado.

– Espere um instante. O que será que a imprensa vai dizer quando souber o que aconteceu aqui, senhor diretor? Eu sei o que aconteceu: negaram atendimento a uma pobre jovem que estava nas últimas e foi preciso que dezenas de estudantes invadissem o local trajando preto – em sinal de protesto, claro – para poderem, com seus parcos conhecimentos médicos, trazerem a pobre moça de volta à vida. Tem noção da repercussão que isso terá na mídia, no caso, TV e jornais, em torno de um caso claro de negligência médica?

Meu queixo caiu. E quase não voltou para o lugar.

E percebi que o mesmo acontecia com os policiais, os enfermeiros, os médicos e, com certeza, com o diretor do hospital.

Cara, eu votava nela. Tudo bem ela ser menor e tudo, mas eu votava.

O que será que ela acha de desconto para estudantes nos *shoppings*? Temos que ter um debate.

– Mas ela... mas ela não podia... bem, ela não *devia* estar viva! – o diretor tentou defender-se – É caso para um milagre, aqui. Como o sangue pode ter voltado para o corpo sem sequer pulsação? Isso não foi erro do hospital, foi...

– Oh, mas então é isso que vai dizer à imprensa quando ela vier aqui, entrevistar a moça quase morta e salva por um bando de estudantes que acreditaram que ela podia ter uma chance?

– Não, eu... onde está o outro rapaz que estava acompanhando vocês? Há algum adulto responsável aqui?

Eu dei de ombros.

Não eu. Sou aluna também. E Eric é invisível. Se vira, cara.

O diretor pareceu confuso, coçou a cabeça e pediu aos policiais para se retirarem. Mandou que as enfermeiras me enchessem de cuidados, pediu muitas desculpas – embora ainda me olhando de rabo de olho – e conduziu todas as meninas para a saída, enquanto elas eram aplaudidas de pé pelos pacientes e visitantes.

De invasoras a heroínas.

Que orgulho eu tenho das minhas decoradoras de porta favoritas.

Quando eu estava sozinha, virei sorrindo para Eric.

– Parece que você não vai levar ninguém hoje.

– Na verdade eu ainda vou levar alguém hoje. Aqui no hospital.

– Você nos assustou à toa, não é? É uma boa alma a que você vai levar?

– É sim. Vai ser calmo.

Eu senti um pouco de aperto no peito, mas eu entendo que ela vai realmente para um lugar melhor. E não vai querer voltar por causa de um vampiro metido.

Ah, desculpa, um mestre dos vampiros metido.

– Obrigada.

Eric arqueou uma sobrancelha e encostou-se na parede, com os braços cruzados no peito.

– Está agradecendo pelo quê? Por eu não te levar? Pelo visto não era mesmo sua hora...

Eu sorri. Não pude evitar.

– Não... por você ter dado a nós uma dica de como eu poderia retornar ao meu corpo.

Ele baixou os olhos, mas pude ver a fresta de um meio sorriso pelo canto dos lábios.

– Bem, eu tentei. Mas pelo visto, nem a *morte* pode separar vocês dois.

Eu apertei as minhas mãos no meu colo.

– É... isso se a gente não acabar se matando.

– Ah, não vão... É um casal perfeito.

Eu torci meu nariz, mas não posso negar que senti uma alegria ali no fundo.

– Obrigada por não insistir... você sabe, em me levar.

– Ora, não me agradeça. Sou extremamente paciente. Um dia nós três estaremos no céu, nos divertindo um bocado.

– Nós três? Você quer dizer... acha que Zack..?

– Bem, quem sabe? O futuro ao Meu Chefe pertence.

Eu sorri e ele sorriu de volta, dando uma piscadinha.

Então sumiu.

Tudo dera certo, não é? Quer dizer, até agora. Graças a minha recuperação milagrosa de caçadora e a insistência de Zack..

– Sinto muito, meu anjo da guarda – murmurei, envergonhada – Parece mesmo que você ainda vai ter um bocado de trabalho. Ainda bem que você não é como Eric.

Sorrindo aliviada, virei para o lado e adormeci rapidamente.

Zack ainda demorou uns quatro dias, depois que voltei às aulas, para dar as caras. Primeiro porque estava fraco demais devido ao teletransporte. Segundo porque era melhor que não fosse visto ao meu lado, já que agora eu era famosa.

Como não podia deixar de ser, acabou espalhando-se a notícia de que eu praticamente ressuscitara no leito do hospital, contra todas as chances. É claro que eu não dei esclarecimentos de que eu só ressuscitara porque o céu só estava esperando eu repor sangue suficiente e fazer meu coração dar uma batidinha para me devolver a ele.

Agora a universidade inteira acha que tenho os poderes de uma mulher maravilha – embora eu preferisse os da *Buffy* – e sou capaz de milagres. Afinal, levando em consideração que:

Eu escapara de um coma;

Minha recuperação de umas contusões e costelas quebradas foi instantânea;

Ressuscitei em um leito de hospital quando estava sem uma gota de sangue;

É claro, conquistei o coração do homem mais gato da escola, apesar de milhares de garotas muito mais lindas do que eu se jogando em cima dele.

Ah, e recebi uma carta de Sean.

Na carta ele dizia que sentia muito por tudo que havia feito, e que realmente

não tinha intenção de me machucar, só estava magoado. Mas agora ele estava muito feliz porque, apesar de ter sentido minha falta por um tempo, conheceu uma menina linda na sorveteria dois dias depois, chamada Lindsay – minha vida é uma novela – e que dizia ser uma grande amiga minha.

Bem, fico feliz por ele. Porque agora eu também tenho um namorado.

É isso aí, proclamei para a universidade inteira – na verdade, só contei para uma amiga de Linda, mas é como se eu tivesse feito isso mesmo – que Zack era meu namorado. Horas depois, percebi que os olhares das meninas em todas as salas fuzilavam-me com intensidade, mirando-me de cima a baixo e os rapazes olhavam para mim uma ou duas vezes, provavelmente tentando entender o que Zack havia encontrado de tão interessante.

Bom, eu não sei, mas eu sei que ali ninguém morreu por causa dele.

Nem *voltou* por causa dele.

Ah, e fui chamada para uma entrevista na *Oprah*! Bem, infelizmente tive que negar. Recebi um e-mail de aviso do Conselho que eu não podia me expor, mas que estavam muito contentes com minha recuperação e meu empenho tão intenso de matar vampiros, apesar de ter sido atacada por um.

Hum. Ainda bem que eles são muito desatualizados.

Sem contar que eu estava proibida de revelar minhas experiências de pós-morte. Então também tive que dizer ‘não, obrigada’ a todos os escritores de livros de auto-ajuda e jornais sensacionalistas.

Sei lá, vai que o Chefe do Eric mudasse de ideia.

Bem, como também não podia deixar de ser, Zack e eu fomos à igreja visitar o padre Marconi e explicar algumas coisas. Depois de ele ter gritado e jogado água benta na minha cara duas vezes e ter rezado uma oração de exorcismo, ficou feliz de saber que eu estava bem e que Zack havia me salvo. Contudo, ele ainda passou uma penitência a Zack por ele ter incentivado as malucas de preto a invadir a igreja.

Ah, e elas vão bem, obrigada. Eu não fui à entrevista na *Oprah*, mas elas sim. Já viraram capa da *Vogue*, deram palestras em duas escolas e agora as adoradoras de Zack aumentaram consideravelmente. Elas mantêm correspondência com todos os lugares do mundo. Recebo e-mails de meninas que dizem querer saber meu segredo.

Como eu vou saber? Tente matar um cara e veja o que acontece.

Na boa, estou brincando. Se tem alguma fã minha por aí, por favor, não me leve a sério.

As *otakus* e Bobby ficaram zangados comigo por eu não ter permitido que eles participassem de toda a encrenca. Mas eu prometi que na próxima vez eu envolvo todo mundo. Eles ficaram meio ressabiados, mas concordaram.

Aah, e agora tenho milhares de seguidores no *twitter*.

O céu sabe que não é culpa minha.

Zack apareceu hoje na aula, acompanhado de Eric. Foi recebido com aplausos e, rindo, ergueu a mão para o alto dizendo ‘nada de fotos’, e sentou-se atrás de mim. Eric sentou-se no ar, já que não havia cadeira pra ele.

Sério, nada mais me assusta. Eu quase perguntei se ele também tinha uma mesa invisível. Sem contar que agora eu posso conversar com ele em sala de aula, porque os alunos se convenceram que Zack e eu temos habilidades paranormais.

Por que eu não pensei nisso antes?

Linda inclusive veio atrás de mim para perguntar qual era o futuro dela. Respondi que se tudo continuasse desse jeito, o silicone dela ia estourar, ela ia acabar num trailer e Rick ia ser um taxista gordo e barbeiro.

Mentira. Eu disse que não tinha certeza, mas que se ela tentasse com firmeza, poderia entrar para o elenco de *Glee*.

Hum, tenho que tomar cuidado, senão perco minha vaga lá em cima. Você sabe, no céu.

– Oh, que frustrante! – Eric murmurou, fazendo meus pensamentos voltarem para a aula.

– O que foi, Eric? – adiantei-me, preocupada – Algo errado? Ninguém vai morrer, vai?

Ele sacudiu a cabeça, pesaroso.

– Não... é que perdi a aula de como as flores procriam. Eu já sei, mas acho tão interessante...

Zackriu atrás de mim.

– Pode ser, mas não se preocupe. Suas flores *nunca* vão procriar.

– A não ser que elas peçam para voltar – completei.

Nós três rimos, e a sala ficou olhando para nós. Como é bom não ouvir mais gracinhas. Exceto, é claro, quando perguntam a Zack se estamos mesmo namorando e ele responde, com a cara mais lavada deste mundo: ‘não, Jessi e eu somos amantes’.

Não que eu não queira, lógico.

Quando a aula terminou, nós três fomos ao meu quarto. Eric sentou-se na cama e preparou um chá para si, Zack sentou-se na janela com um sorriso misterioso. Havia um pacote endereçado para mim na frente do laptop.

– O que é isso?

– Abra seus e-mails primeiro! – sugeriu Zack.

Eu arqueei uma sobrancelha, mas obedeci. Na verdade tive medo do que podia conter aquele pacote. Já recebi adagas, flores mortas, ameaças de morte; quem me garante que ali dentro não tivesse a cabeça da Medusa?

Não irritei o *Percy Jackson*, mas sabe-se lá se tem alguma desavença entre mim e o semideus e o paizão dele[4]?

Depois de ler inúmeros emails de parabéns, pedidos de entrevista e fotos para jornais, eu notei que havia um da minha mãe no meio deles. Fiquei muito feliz, porque já fazia tempo que não recebia nada dela.

*“Olá, minha querida!*

*Estranhei seu pedido de mandar uma coisa tão preciosa da sua infância para aí, mas depois de tantos acontecimentos, acho que entendo essa necessidade que tem de se apegar a algo que te recorde*

*de casa. Estou chocada de saber que Vincent tentou te matar – o Conselho avisou – mas orgulho-me de saber que escapou facilmente. Não nega ter o sangue da família. O pacote já deve estar aí, por favor, me confirme.*

*Beijos,  
Mamãe*

*PS: Achei lindo o fato de Zack salvar você. Mas por favor, fique longe dele, está bem?"*

Eu ainda estava atônita olhando para a tela, tentando entender o enigma que se apresentava diante dos meus olhos.

Coisa preciosa da minha infância? Zackter me salvado?

Eu olhei para Eric, que ainda sorvia o chá calmamente e depois para Zack, que ainda estava sentado na janela, com um ar de mistério e um sorriso escondido no canto dos lábios evitando meu olhar.

– Pode me explicar? Eu sei que você tem algo a ver com esse misterioso e-mail da mamãe.

Ele sorriu.

– Bem... você andava muito nervosa e, durante uma noite, murmurou que estava com saudades de casa e enumerou algumas coisas... eu não conseguiria convencer sua mãe a mandar o *Pterowski*, mas...

– Você... – fiquei subitamente vermelha. Quer dizer, ele continua me visitando à noite e ainda descobriu que falo dormindo? Bem, disso eu sabia, mas não esperava que ele ouvisse – como conseguiu o e-mail da minha mãe? Pior ainda, como conseguiu minha senha de e-mail e mandou um para ela em meu nome??

Eric me olhou com uma cara confusa.

– Do que está falando, Jéssica querida? Computadores humanos são estranhamente simples. São só...

– Números binários, eu sei. O que eu quero dizer... *epa*, você o ajudou, não é?

– Hum...

– Você não pode mentir – cortei, antes que me desse uma desculpa – você disse minha senha para o Zack!

– Bem, ele disse que isso iria ajudar você de alguma forma.

– Ah, Jessi, por que se estressar tanto? – Zack riu, levantando-se – Apenas abra o pacote.

– Você também contou à minha mãe que me salvou! O Conselho jamais faria isso!

– Claro! Não posso aproveitar a oportunidade para ficar bem com a sogrinha? E não reclame, porque ainda posso contar a ela que você entrou naquele carro com Sean.

Eric assentiu.

– Pensei que estava do meu lado – murmurei para o mensageiro.



– Estou do lado de quem vai morrer – ele sorriu.

– Zack vai morrer?

– Espero que sim – e voltou a tomar o chá.

Suspirei.

Peguei o pacote mais aliviada, já que sabia que era da minha mãe. Quando rasguei a embalagem, dei um grito.

– Draculinho!!

Zack e Eric entreolharam-se. Eric assentiu.

– É isso? – Zack sorriu, mas parecia meio desapontado – Que boneco feio, Jessi!

– Não se atreva! – apontei-lhe um dedo – Foi mamãe que fez pra mim e ele é lindo, sim! Uma gracinha!

– Ele é assustador! – Zack continuou rindo – E os dentes dele... minha nossa, são de verdade!

– Que gosto estranho você tem para bonecos, Jéssica – Eric respondeu, depois virou-se para Zack como se o estivesse avaliando de cima a baixo – Bem, na verdade, que gosto estranho você tem. Ponto.

– Espíritos puros não sentem inveja – cortou Zack, dando uma piscadinha para Eric.

Ele só suspirou e terminou o chá.

Permaneci agarrada ao Draculinho, sentindo um carinho grande de agradecimento por aqueles dois imortais. Depois de tudo o que eles passaram por mim...

Bem, Eric nunca passa nada; ele nem liga para as coisas.

E todas as encrencas que eu tive foram por culpa de Zack, certo.

Vamos fazer de conta que eu não tenho consciência de nada do que aconteceu.

Depois de um tempo em silêncio, eu estendi olhos sedutores para Zack.

– Bem, eu me lembro que você tinha me prometido um beijo enorme quando eu tivesse meu corpo de volta. Ainda está de pé?

Ele aproximou-se, com as mãos no bolso e um sorriso cheio de malícia.

– Ora, claro... Eu não poderia esquecer-me disso.

Eric desapareceu subitamente.

Ainda bem.

Zack tocou-me o queixo e puxou-me para junto de si. Nós trocamos um longo beijo e um calor crescente tomou conta de mim. Minha pele ardia e esquentava a dele.

Ele começou a deslizar as mãos pelos meus ombros e minhas costas, contornou meus quadris e em seguida começou a beijar meu pescoço. Suspirei timidamente, mas quando abri meus olhos, percebi que Eric estava de cara fechada atrás dele, olhando para gente.

– O q... Eu pensei que você tinha dado uma folga para nós dois! – irritei-me, empurrando Zack de leve.

Zack fechou a cara e fitou Eric com os braços cruzados.

– Pode nos dar licença?

Eric sorriu, sentou-se na cadeira da mesa do laptop e puxou a gaveta,

buscando outro saquinho de chá.

– Bem, eu ia, mas percebi que o clima aqui dentro estava esquentando. Eu não vou permitir uma coisa dessas. Sou um espírito puro e não vou deixá-los em paz.

Certo. A morte não ia nos deixar em paz. Chega a ser cômico.

Pensei que deixar os outros descansarem em paz era o trabalho dela.

Bem, não que Zacke eu fôssemos exatamente descansar.

Zackaborreceu-se.

– Bem, deixe-me esclarecer uma coisa. Jessi é uma mulher e eu sou um homem. Nós somos namorados e você é um mensageiro da morte que não tem absolutamente nada pra fazer.

– Então, deixe-me também esclarecer uma coisa – assentiu Eric, com um tom divertido – Eu vou permitir que vocês comecem a avançar no namoro só depois de se casarem.

Zack arregalou os olhos, seguido por mim.

Hum, Eric e eu pensamos parecido. Será que ele convenceria Zack a me levar para o altar? Eu daria um beijo nele por isso.

Quer dizer, não que eu fosse aceitar ser beijada de volta; não pretendo fazer outras viagens para o além, se é que me entende.

– Eu seria fulminado ao entrar em uma igreja!

Ahn. Tem esse probleminha.

– Bem, sim... a não ser que... você superasse isso.

– O que quer dizer? – Zack começou a relaxar e eu vi um brilho pálido em seus olhos – Não é como se eu tivesse um trauma ou coisa assim. Vai dizer que eu preciso de terapia, agora?

– Tudo é possível, você sabe. Se concordar em se comportar com a Jéssica, talvez eu possa ensinar a você um ou dois truques...

– Truques... você diz... eu poderia...

– Bem, vamos ver se posso revelar algo mais tarde. Eu sei de coisas que você não sabe. Levei muitos vampiros... humanos... ex-humanos...ex-vampiros...

– Levou mulas sem-cabeça? – perguntei de súbito.

Desculpa, eu estava curiosa.

– Bem – ele me ignorou – o fato é que se você mantiver suas mãos no bolso e seu comportamento correto, eu posso dividir com você alguns segredos milenares... você sabe, do meu Chefe, como Jéssica mesma diz.

– Eu... – Zack gaguejou, e seus lábios tremeram – eu me comporto!

– Tem que ser agora? – reclamei, frustrada.

Eric apenas sorriu e Zack sentou-se animado na janela, pensativo.

Quando eu estava pensando se Eric poderia ter um novo trabalho e voar para milhares de quilômetros longe da gente, ele lançou-me um novo olhar cheio de cinismo.

– Deixa de ser safadinha, Jéssica.

Mensageiro *fura-olho*.

**Livros da série “A caçadora”:**

**A caçadora - Sorriso de Vampiro**

**A caçadora - Sussurro das Sombras**

**A caçadora - Temporada de Caça**



- [1] Desenho animado japonês
- [2] Anime de vampiros.
- [3] Tipo de jogo de RPG (*role playing game*) onde as pessoas assumem papéis de verdade e realizam tarefas, guiados por um mestre.
- [4] Jessi se refere ao livro *Ladrão de Raios*.